



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA:
ORIENTAÇÕES IMANENTISTA E SÓCIO-HISTÓRICA

MARCOS FELIPE DA SILVA MENDONÇA

Brasília
2016

MARCOS FELIPE DA SILVA MENDONÇA

Historiografia linguística: orientações imanentista e sócio-histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto S. Mello

Brasília, 2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FM539h F. S. Mendonça, Marcos
Historiografia linguística: orientações imanentista
e sócio-histórica / Marcos F. S. Mendonça; orientador
Antonio Augusto Souza Mello. -- Brasília, 2016.
117 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Linguística. 2. Imanentismo. 3. Orientação sócio
histórica. 4. Epistemologia. 5. Historiografia. I.
Souza Mello, Antonio Augusto, orient. II. Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística, examinada pela comissão julgadora composta pelos seguintes membros:

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Augusto Souza Mello – Orientador (PPGL/UnB)

Prof^a. Dr^a. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha – Examinadora externa (TEL/UnB)

Prof^a. Dr^a. Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho – Examinadora interna (LIP/UnB)

Prof^a. Dr^a. Flávia de Castro Alves – Suplente (LIP/UnB)

Para os curiosos do futuro que não nos verão como meras figuras do passado, mas seres que viveram o presente segundo a segundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus pais e meus irmãos, pelo suporte, respeito e incentivo à criatividade.

Aos meus avós que já não estão mais aqui, mas que são a ligação mais próxima com o desconhecido que nos antecede. Aos meus antepassados que formam uma grande diversidade de existências.

Aos meus amigos que me suportam e toleram por mais de uma década, aos novos e também àqueles que já se afastaram mas foram importantes.

Ao meu orientador pela liberdade que me deu e pela atenção mesmo em meio à distância geográfica.

Aos professores que foram especiais no meu trajeto e especialmente aos que me ajudaram a chegar mais perto da dissertação que almejava escrever.

À Corja, meus colegas de mestrado, por provarem que maturidade acadêmica e insanidade podem coexistir.

À Universidade de Brasília, por ter sido o lugar que me formou academicamente.

Cuando se acerca el fin, ya no quedan imágenes del recuerdo; sólo quedan palabras. No es extraño que el tiempo haya confundido las que alguna vez me representaron con las que fueron símbolos de la suerte de quien me acompañó tantos siglos. Yo he sido Homero; en breve, seré Nadie, como Ulises; en breve, seré todos: estaré muerto.

(El inmortal – Jorge Luís Borges)

RESUMO

O presente trabalho parte do pressuposto de que há uma polarização epistemológica dentro da linguística que é reflexo de algo que já está presente nas ciências, como se pode observar na divisão entre humanas e exatas. Ambos os lados podem abarcar as mesmas metodologias, de forma que não é possível separar qual lado é mais racionalista e qual é mais empirista. A discussão é feita a partir de um estudo historiográfico que busca reconstruir o pensamento de linguistas conforme suas vertentes, propondo que o desenvolvimento das ciências biológicas e sociais foram cruciais para a formação das orientações imanentista e sócio-histórica respectivamente. Chega-se à conclusão de que é difícil enquadrar de forma objetiva autores em um lado ou em outro, devido à complexidade de se criar critérios para classificações. Por fim, é apresentada uma tentativa de se aplicar as ideias dos estudos de orientação mais social à história das línguas germânicas.

Palavras-chave: Imanentismo; orientação sócio-histórica; epistemologia; historiografia; linguística.

ABSTRACT

This dissertation works on the assumption that there is an epistemological polarization within Linguistics that reflects a reality that is already present in the sciences, as one can notice in the division between exact and human sciences. Both sides can adopt the same methodologies, so that it is not possible to separate which side is more rationalist and which is more empiricist. The discussion is embedded on a historiographic study that seeks to reconstruct the thought of linguists according to their approaches, proposing that the development of the biological and social sciences was crucial for the formation of the immanentist and socio-historical orientations respectively. We reach the conclusion that it is objectively hard to put authors on one or the other side, due to the complexity of creating criteria for classification. Finally, we attempt to apply the ideas of the studies of a more social orientation into the history of the Germanic languages.

Key words: Immanentism; socio-historical orientation; epistemology; historiography; Linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2.1 – Modelo de progresso-por-acumulação	39
Figura 2.2 – Modelo mainstream-vs.-undercurrent	40
Figura 2.3 – Modelo do pêndulo	41
Figura 2.4 – Modelo da descontinuidade-vs.-continuidade	41
Figura 2.5 – Modelo do progresso-relativo	42
Figura 2.6 – Stammbaumtheorie	55
Figura 2.7 – Wellentheorie	58
Figura 2.8 – Stammbaumtheorie-vs.-Wellentheorie	59
Figura 2.9 – Indivíduos representantes de um idioleto	68
Figura 2.10 – Uso linguístico (a)	69
Figura 2.11 – Uso linguístico (b)	69
Figura 2.12 – Uso linguístico (c)	70
Figura 3.1 – Gestaffelte deutsche Lautverschiebungslandschaft	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 – Línguas das famílias eslava, germânica e românica que apresentam ou não marcação de casos na morfologia.	21
Quadro 2.1 – Orientações imanentista e sócio-histórica	51
Quadro 2.2 – Recorte cronológico das orientações imanentista e sócio-histórica	51
Quadro 2.3 – Termos de Hermann Paul equivalentes a <i>langue</i> e <i>parole</i>	83
Quadro 3.1 – Proto-germânico por volta de 400 AD	102
Quadro 3.2 – Dialeto com mutação completa	103
Quadro 3.3 – Latim do norte da Itália	103
Quadro 3.4 – Comparação entre alemão e holandês	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Acu	Acusativo
ABEG	Associação Brasileira de Estudos Germanísticos
Abl	Ablativo
BSL	Bulletin de la société de linguistique
Dat	Dativo
Gen	Genitivo
Ins	Instrumental
Loc	Locativo
MCAA	Mutação consonântica do alto alemão
Nom	Nominativo
PIE	Proto-indoeuropeu
T&K	Thomason & Kaufman
UL	Uso linguístico
Voc	Vocativo
WL&H	Weinreich, Labov & Herzog

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. LINGÜÍSTICA GENÉTICA E CONTATO LINGÜÍSTICO	20
1.1 INTRODUÇÃO	20
1.2 LINGÜÍSTICA GENÉTICA (OU GENEALÓGICA).....	21
1.3 CONTATO LINGÜÍSTICO	26
1.4 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO	28
1.5 EMPRÉSTIMO E INFLUÊNCIA DO SUBSTRATO.....	29
1.5.1 EMPRÉSTIMO	30
1.5.2 INFLUÊNCIA DO SUBSTRATO.....	31
1.6 CONCLUSÃO	31
2 HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA: ABORDAGENS IMANENTISTA E SÓCIO-HISTÓRICA	33
2.5 INTRODUÇÃO	33
2.6 HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA	34
2.7 A ESCOLHA DO MÉTODO.....	36
2.8 HISTÓRIA DAS IDEIAS	37
2.9 HISTÓRIA DAS IDEIAS VS. HISTÓRIA DA CIÊNCIA	38
2.10 METODOLOGIA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA	40
2.10.2 MODELO DO PROGRESSO-POR-ACUMULAÇÃO	40
2.10.3 MODELO MAINSTREAM-VS.UNDERCURRENT	41
2.10.4 MODELO DO PÊNDULO	42
2.10.5 MODELO DA DESCONTINUIDADE-VS.-CONTINUIDADE.....	42
2.10.6 MODELO DO PROGRESSO-RELATIVO.....	43
2.11 METODOLOGIA DA HISTÓRIA DAS IDEIAS	43
2.12 DIVIDINDO ABORDAGENS LINGÜÍSTICAS.....	48
2.13 RECORTE CRONOLÓGICO.....	52
2.14 PERÍODO ANTERIOR AO SÉCULO XIX	53
2.15 STAMMBAUMTHEORIE VS. WELLENTHEORIE	55
2.15.2 STAMMBAUMTHEORIE	55
2.15.3 WELLENTHEORIE	56
2.15.4 APLICAÇÃO DA STAMMBAUMTHEORIE E DA WELLENTHEORIE AOS MODELOS DE PROGRESSO CIENTÍFICO	60
2.16 AUGUST SCHLEICHER (1821 – 1868)	61
2.17 JOHANNES SCHMIDT (1843-1901)	63

2.18	NEOGRAMÁTICOS	65
2.18.2	OS NEOGRAMÁTICOS SÃO BEM REPRESENTADOS PELO IMANENTISMO?	67
2.19	HERMANN PAUL (1846-1921).....	68
2.20	CAUSAS DA MUDANÇA DE ACORDO COM PAUL (1880).....	71
2.21	PROBLEMAS APONTADOS POR WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968)	72
2.22	GEOGRAFIA LINGUÍSTICA.....	73
2.23	GEORG WENKER (1852-1911)	73
2.23.2	OS TRABALHOS	74
2.23.2.1	FRASES DA RENÂNCIA (<i>Die 42 rheinischen Sätze</i>)	74
2.23.2.2	FRASES DA WESTFÁLIA (<i>Die 38 westfälischen Sätze</i>).....	75
2.23.2.3	Frases do norte e centro da Alemanha e mais tardiamente do sul (<i>Die 40 Sätze Nord- und Mitteldeutschlands sowie der späteren Erhebung Süddeutschlands</i>).....	76
2.23.2.4	PERÍODO ENTRE A MORTE DE WENKER E O DESENVOLVIMENTO DO DIWA 77	
2.24	JULES GILLIÉRON	78
2.25	HUGO SCHUCHARDT (1842-1927).....	78
2.26	DE QUAL LADO DA HISTÓRIA SAUSSURE ESTÁ?	82
2.27	MEILLET (1866-1936).....	84
2.28	CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA	88
2.29	WEINREICH, LABOV & HERZOG.....	90
2.29.2	URIEL WEINREICH (1925-1967)	90
2.29.3	WILLIAM LABOV (1927-).....	90
2.29.4	MARVIN HERZOG (1927-2013).....	91
2.29.5	FUNDAMENTOS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA 91	
2.30	CONCLUSÃO.....	95
3	BREVE DEMONSTRAÇÃO DE UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS LÍNGUAS GERMÂNICAS	96
3.1	INTRODUÇÃO.....	96
3.2	APRESENTAÇÃO DA OBRA <i>LANGUAGE CONTACT AND THE ORIGINS OF THE GERMANIC LANGUAGES</i>	99
3.3	PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DA LÍNGUA ALEMÃ	101
3.3.1	RELAÇÃO GENÉTICA X CONTATO LINGUÍSTICO	101
3.3.2	MUTAÇÃO CONSONÂNTICA DO ALTO ALEMÃO	102
3.3.3	EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS.....	102
3.3.4	PROTO-GERMÂNICO POR VOLTA DE 400 AD	103
3.3.5	ESTÁGIOS.....	103

3.3.5.1	DIALETOS COM MUTAÇÃO COMPLETA.....	103
3.3.6	GESTAFFELTE DEUTSCHE LAUTVERSCHIEBUNGSLANDSCHAFT	104
3.3.7	EXPLICAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	106
3.3.8	CONTRA-ARGUMENTOS	108
3.4	CONCLUSÃO	110
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	114

INTRODUÇÃO

Quando lidamos com o estudo da linguística histórica, nos deparamos frequentemente com os temas genética e contato, de forma que poderíamos dizer que esses se tornaram os temas mais abordados quando tratamos sobre mudança linguística. O primeiro se consagrou com o desenvolvimento do método histórico comparativo do século XIX, ao comparar sistematicamente a fonologia e a morfologia das línguas indo-europeias e através desses estudos reconstruíram-se suas proto-formas com o intuito de resgatar o conhecimento das línguas faladas há séculos e milênios.

Nasceram assim os primeiros trabalhos nos quais foi desenvolvido o método comparativo, como os de Franz Bopp, Rasmus Rask e Jacob Grimm¹ (Robins, 1982; Faraco, 2005). Muito antes desta época, já havia o conhecimento de que as línguas mudavam, no entanto, o que causaria esta mudança? Uma das primeiras explicações sistemáticas dadas pela linguística histórica foi a descrição do fenômeno da deriva². Como as línguas eram aparentadas, observou-se que muitas mudanças já estavam em curso há bastante tempo, como, por exemplo, algumas características presentes nas línguas românicas que já se encontravam em curso no latim. Contudo, alguns estudiosos não se satisfizeram apenas com esta explicação que visava somente o processo interno das línguas e buscavam outras razões ligadas ao ambiente externo. Em outras palavras, houve uma preocupação com a interferência do meio sobre os falantes e as línguas e como esses fatores poderiam influenciar e determinar os rumos das mudanças linguísticas. A partir disso, surgiram alguns pesquisadores interessados em estudar o contato linguístico, em muitos casos se posicionando contra a visão já mais explorada e vigente, que eram a deriva e a relação de parentesco das línguas, como é o caso do alemão Hugo Schuchardt.

Notada esta relação de oposição entre duas vertentes de pensamento, neste trabalho almejo explorar como se desenvolveram as epistemologias que fundamentam a razão de ser de tal oposição. Poderia se dizer que há uma polarização, no entanto, considero que possa haver uma compreensão um tanto dualista, que leve, em alguns casos, a um juízo de valor quando se usa essa palavra. Acredito que seria melhor dizer que são pontos opostos de um *continuum* que se tornam conseqüentemente paradigmáticos, ou seja, as características principais são

¹ Bopp, Franz. *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen, und germanischen Sprache* (1816)

Grimm, Jacob. *Deutsche Grammatik*. (1819)

Rask, Rasmus. *Den danske Grammatiks Endelser og Former af det islandske Sprog forklarede*. (1820)

² De acordo com Thomason&Kaufman (1991, p.9), deriva (*drift*) é a tendência que as línguas têm de mudar em certos caminhos como um resultado de desequilíbrios estruturais.

reforçadas para que as ideias se encaixem em um grupo ou outro. Portanto, no primeiro capítulo me ocupo em apresentar os conceitos de genética e contato, pois foram os temas geradores da compreensão de que há ao menos duas abordagens possíveis no pensamento linguístico e que servem como uma introdução para a análise feita adiante.

No segundo capítulo, partindo da divisão conceitual de que existem duas vertentes de pensamento na linguística, é proposta a nomeação de duas abordagens: a imanentista, como apresentada em Faraco (2005) e a sócio-histórica, com inspiração em Silva (2008). O imanentismo, como o nome sugere, se refere às questões internas (imanes) da linguagem e se relaciona aos estudos genéticos. A abordagem sócio-histórica compreende a concepção de linguagem como uma instituição ou fato social, não estando ligada apenas aos mecanismos de mudança interna da língua, abrangendo, portanto, os estudos de contato.

É traçado, então, um panorama da história da linguística observando a maneira como ideias podem surgir e amadurecer. Considero o ponto de vista de que as ideias são fruto de influências encontradas no meio em que surgem, formadas a partir das concepções compartilhadas pela sociedade, e que vão sendo melhor desenvolvidas por indivíduos, mas sempre conduzidos e amparados pela realidade de seu tempo. Em outras palavras, não podemos falar de um ineditismo radical nem exclusividade de autoria como compreensões surgidas por um rompante de iluminação na mente de um único responsável. Há um aprimoramento de ideias das quais nos apropriamos e adaptamos conforme as capacidades às quais temos acesso. Todos estamos sujeitos a influências e delas somos produtos. Ao longo do tempo, os conceitos vão tomando formas mais nítidas e autores mais específicos vão sendo atribuídos, através do que poderíamos chamar de atos políticos, que regem processos historiográficos, nos quais pontos de interesse são evidenciados e outros são omitidos ou descartados.

Um exemplo bastante comum, e repetido por muitos professores universitários, é a ideia de que Sir William Jones foi o responsável pela descoberta do parentesco entre línguas, como podemos encontrar em *An Introduction to Historical Linguistics*, de Terry Crowley (1994, p.24): “*These ideas were first recognized in modern scholarship by Sir William Jones, who was a British judge in colonial India*”. Contudo, como afirma Lyle Campbell (2007) em seu artigo *Why Sir Jones got it all wrong or Jones’ role in how to establish language families*, o trecho que os linguistas costumam citar em seus trabalhos como a prova de que Sir Jones foi o pioneiro dessa “descoberta” linguística, na verdade, está fora de contexto. O texto publicado abrangia muito mais questões que estavam ligadas ao projeto imperialista de seu país, uma vez que ele era um juiz britânico tratando das relações com as nações asiáticas. O que concernia à língua

não era seu maior interesse, mas apenas uma parte do todo cultural que ele descrevia, sendo, segundo ele mesmo, a língua apenas um instrumento para se expressar o conhecimento. Sua intenção era semelhante à de muitos autores da época: buscar provas de que toda a humanidade estava unida por ancestrais comuns. Em outras partes de seu texto, é feita a menção de que o japonês e as línguas do Peru e do México também estavam ligadas ao sânscrito, por meio de deduções tiradas de métodos que envolviam fatos culturais e não apenas linguísticos. Campbell relata e prova que muitos autores já haviam falado sobre as relações de parentesco entre as línguas vários séculos antes. É possível que, por estar na Índia, Sir William Jones tenha tido acesso a algum conhecimento que já era corrente entre os estudiosos da região e com isso acabou difundindo a ideia para o continente europeu, e pelas razões políticas e imperialistas comumente observadas na história eurocêntrica, esse pensamento foi tido como uma descoberta.

Por fim, o terceiro e último capítulo apresenta brevemente o que era a minha intenção no projeto de pesquisa para a entrada no mestrado. Ao entrar na graduação, logo no segundo semestre, tive a chance de escrever um trabalho de tema livre. Escolhi pesquisar algo que nunca deixou de me intrigar. Por que dentre as línguas germânicas, algumas eram mais conservadoras morfologicamente que outras? Ao menos aparentemente, o alemão e o islandês mantinham um sistema de casos expresso morfologicamente bem mais complexo que as demais línguas. De um lado, estavam essas duas línguas com seus quatro casos, três gêneros e uma conjugação verbal detalhada, enquanto do outro estavam as línguas escandinavas em processo de perda de gêneros, uma conjugação verbal simplificada com uma única forma para todas as pessoas e nenhum caso representado por morfema, juntamente com o inglês com o gênero totalmente neutralizado e apenas um morfema em terceira pessoa do presente e no genitivo³.

Ainda em minhas observações leigas, não pude deixar de considerar que deveria haver algo na realidade dos povos que falavam essas línguas que levaram a um acidente de percurso em relação ao que supostamente estava programado. Sobre o islandês, facilmente se deduzia

³ O alemão e o islandês possuem quatro casos, sendo eles nominativo, genitivo, acusativo e dativo; nenhuma das demais línguas os possuem na morfologia a não ser em resquícios como em pronomes. Estas duas línguas também compartilham dos gêneros masculino, feminino e neutro, que além delas pode ser encontrado no norueguês. Contudo, o norueguês, assim como grande parte das línguas europeias, é formado por muitos dialetos, de forma que no dialeto de Oslo já está se perdendo o feminino, sendo substituído pela forma do masculino, assim como ocorreu no sueco, dinamarquês e o holandês, que possuem dois gêneros: comum e neutro. O gênero comum agrega o masculino e o feminino, e, ao menos no holandês, em algumas formas ainda há o resquício dessa divisão arcaica. O inglês não possui mais nenhuma diferenciação de gênero. No alemão, o genitivo está sendo substituído pelo dativo e pode-se afirmar que houve uma simplificação morfológica no sistema de casos do alemão em relação ao proto-germânico quando tratamos sobre as terminações dos substantivos. A marcação é feita somente nos artigos, sendo encontrada apenas em poucas palavras um morfema de declinação.

um afastamento geográfico e uma população pequena sem muitas interferências externas (Atualmente sei que também deve-se levar em conta a política do idioma que o levou a manter formas arcaicas. Houve intervenção consciente além de um mero isolamento). Contudo, do alemão não se podia dizer o mesmo. Estando no centro da Europa, com o Império Romano ao sul e os povos escandinavos ao norte, com intenso comércio pela liga hanseática e os eslavos ao leste, os povos germânicos da região estavam longe de ser isolados. Porém, me perguntava o que fez com que o alemão ainda mantivesse uma morfologia mais complexa diante dos vizinhos que simplificavam sua gramática e se tornavam mais analíticos.

Sem uma orientação, ainda como um principiante, busquei respostas nos contatos linguísticos, pois acreditava que estes eram responsáveis por uma simplificação da gramática e nomeei meu trabalho com um título equivocado: *pidginização das línguas germânicas*. Os fenômenos ocorridos nessa família linguística não estão ligados à formação de pidgins e crioulos, contudo, foi na ideia de substratos e superestratos e na obra de Couto (1996) que encontrei uma teoria na qual pudesse encaixar minhas suposições.

Minha insistência prosseguiu ao longo dos anos, e, assim, no projeto para a seleção do mestrado, me comprometi a pesquisar duas teorias que pareciam representar claramente visões opostas de mundo. De um lado a teoria da árvore genealógica, tão conhecida e do outro a teoria das ondas, guardada em um arquivo do qual poucos linguistas tinham a chave. A princípio, parecia uma boa ideia trazer esse conhecimento para o mundo e mostrar que havia um método alternativo que estava sendo desprezado, assim como Green (1999) o havia aplicado às línguas do pacífico⁴. A resposta para a minha indagação parecia encontrar um rumo nessas ondas, no entanto, me deparei com as dificuldades de realizar uma pesquisa desse tipo estando na Universidade de Brasília e que de algum modo pudesse ser autoral. Em Brasília e na maior parte do Brasil, a bibliografia para o assunto é bastante escassa, além do fato de que um trabalho que analisasse dados de línguas germânicas arcaicas se apagaria diante do que já foi feito por alemães em sua própria língua. Assim, com ajuda do meu orientador, chegamos ao acordo de fazer um trabalho historiográfico sobre a linguística histórica, com bibliografia mais acessível e que pudesse resultar em uma maior contribuição para a linguística brasileira. As línguas germânicas ainda aparecem para um último aceno. Não mais com a tentativa de uma resposta metódica para o que possivelmente levou às diferenças gramaticais, mas com uma descrição do que acredito ser um fator que contribuiu com as mudanças e o rumo que tomaram: a influência

⁴ Green, Roger C. *Integrating historical linguistics with archaeology: insights from research in remote Oceania*. Indo-Pacific Prehistory Association Bulletin 18. Melaka Papers, Volume 2. 1999.

do meio externo, como a história dos falantes e suas organizações sociais, sobre os sistemas linguísticos internos.

Como resultado final, temos expresso no trabalho o processo de desenvolvimento de uma ideia. O capítulo I serve como uma introdução ao assunto, sem trazer nenhuma inovação. Apenas são apresentados resumidamente os conceitos de genética e contato, que a princípio teriam um peso maior na dissertação. A contribuição maior é encontrada no capítulo II, em que são discutidos os métodos a serem utilizados na escrita da história da linguística. O avanço dado consiste na apresentação da divisão epistemológica das ciências e na dificuldade encontrada para se separá-la de forma precisa e objetiva. Ao capítulo III cabe uma demonstração da tentativa que seria feita sobre um estudo mais abrangente das mudanças ocorridas nas línguas germânicas através do contato linguístico. É observável, portanto, um amadurecimento que ocorreu durante a escrita do trabalho ao longo do mestrado e que não estava muito claro no início, quando a proposição dos capítulos I e III havia sido feita.

1. LINGUÍSTICA GENÉTICA E CONTATO LINGUÍSTICO

1.1 INTRODUÇÃO

Os primeiros parágrafos dos artigos e livros que tratam sobre a oposição de genética e contato linguístico, ao menos os utilizados neste trabalho, costumam estar destinados a uma observação dos autores de que, ao longo do desenvolvimento da linguística, não houve muito espaço para os estudos sobre contatos, pois a atenção estava voltada para os estudos genéticos.

Thomason & Kaufman, responsáveis por uma obra extensa e obrigatória sobre genética e contato, atestam:

“For well over a hundred years, mainstream historical linguists have concentrated heavily on system-internal motivations and mechanisms in studying language change”. (THOMASON & KAUFMAN, 1991, p.1)

Noonan atenta para o fato de que os pesquisadores preocupados com a relação genética consideravam, muitas vezes, o contato irrelevante:

Until recently, within orthodox linguistic circles, there probably would have been little to say about the relation between genetic classification of languages and language contact except that the later was irrelevant to the former. (NOONAN, 2010, p.48)

Nesta mesma linha de pensamento, Ureland & Clarkson afirmam que ao longo do século XIX a atenção dada para as relações genéticas foi muito maior, seguida pela ênfase à sincronia no século XX, de forma que isso é observado atualmente na ausência de atenção para contatos nos manuais de linguística histórica:

The role of language contact in causing linguistic change is not unknown in the history of linguistics. However, the genetic-evolutional view of change dominated the field in the past century and still prevails in most modern introductory books on historical linguists. The spectacular success of the evolutionists in the Neogrammarian camp as well as the consolidation of the synchronic structuralist and generative paradigms in this century has made research on language contact a peripheral activity. [...] Also, the search for synchronic systematism in structural and generative grammars gave little or no space to the study of linguistic change caused by languages in contact. (URELAND, P. S. & CLARKSON, I. 2009, p.1-2)

Contudo, a partir da década de 1950, impulsionados pelo trabalho fundador de Uriel Weinreich, *Languages in Contact* (1953), os estudos de contato passaram de uma posição subjugada para o método de pesquisa mais constante e preferido nos congressos de linguística histórica, ainda que isso não se manifestasse tanto nos manuais. A segunda metade do século XX testemunhou, portanto, uma mudança de paradigmas no estudo da mudança linguística, embora ainda se mantivessem outras correntes coexistentes. Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar como ideias científicas diferentes convivem em uma mesma época, sendo que umas

podem se sobrepor a outras por questões políticas, econômicas, ideológicas etc. e que, no entanto, tais posições podem mudar.

1.2 LINGUÍSTICA GENÉTICA (OU GENEALÓGICA)⁵

De acordo com Thomason & Kaufman (1991), relação genética é a correspondência sistemática entre todas as partes da língua: fonologia, morfossintaxe, léxico e semântica. Para se classificar línguas dentro de uma família, ou seja, de um modelo de árvore genealógica, é preciso que todas se correlacionem em todas as partes por consequência de uma transmissão geracional normal. A transmissão geracional consiste na passagem de características de uma língua mãe para uma língua filha, assim como genes são passados entre seres vivos. Contudo, quando se trata de linguística, ainda de acordo com a analogia, as reproduções normais ou transmissões regulares são assexuadas. Portanto, nesses casos, as línguas só podem ter um ancestral. Caso haja uma “reprodução sexuada”, temos um exemplo de contato linguístico que pode gerar, mas não necessariamente, uma língua mista, as quais não se encaixam em nenhuma classificação genética, e que de acordo com T&K são casos raros. Autores como Noonan (2010), Mufwene e Croft (*apud* NOONAN, 2010) optam por utilizar conceitos trazidos da biologia como partenogênese ou agamia, por exemplo.

Segundo T&K (*op. cit.* p.9), todas as línguas mudam com o tempo e as mudanças podem ocorrer por três principais estímulos: por deriva, por interferência de dialetos e por interferência estrangeira. Deriva é o principal estímulo presente em todas as línguas do mundo. É como um código genético que já comporta a mudança em si, pois, sendo a língua um sistema, é normal que ocorram mudanças para que se mantenha o equilíbrio entre os elementos. Desta maneira, encontramos em algumas obras tradicionais, a explicação de que certas mudanças já estavam em curso, pois já estavam determinadas nos “genes” passados de línguas ancestrais para línguas filhas. Assim, pode-se deduzir a hipótese de que a perda de sistemas da morfologia de casos encontrada nas línguas românicas e na maioria das germânicas já estava em curso no latim e no proto-germânico e, indo mais distante, uma tendência que já se encontrava, possivelmente, no indo-europeu. Desta forma, nos isentamos de uma explicação que considere fatores externos, pois, segundo a visão de alguns linguistas com orientação mais genética, os dados linguísticos devem ser os únicos considerados quando se trata de línguas. Contudo, sempre encontraremos questionamentos levantados sobre o motivo de, ainda tomando o exemplo anterior, por que a

⁵ Conforme Haspelmath (2004), existe a possibilidade de se usar o termo “genealógico” ao invés de “genética” para que não seja feita confusão com a genética da biologia.

família das línguas eslavas é mais conservadora em relação à representação morfológica dos sistemas de casos enquanto outras famílias os perderam? Estaria a família eslava também em curso de perder casos dentro dos próximos séculos? Para ilustrar este pensamento, faço uma breve apresentação sobre a evolução do sistema de casos nas línguas indo-europeias.

A partir de evidências obtidas através do latim, grego, sânscrito, báltico, eslavo e armênio, foi possível se reconstruir o proto-indoeuropeu como tendo oito casos no total: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo, locativo, instrumental e vocativo (COMRIE, 2009, p.39). Em uma visão superficial, pode-se afirmar que as línguas eslavas são mais conservadoras, pois mantêm um sistema morfológico mais complexo em relação às demais línguas indo-europeias. O polonês, o tcheco, o bósnio e o croata possuem sete casos que são representados com sufixos diferentes, já o russo, o esloveno e o croata não possuem mais a marcação do caso vocativo. Seguindo um rumo diferente da família, as línguas eslavas do sul, como o búlgaro e o macedônio não possuem mais a marcação sistemática com terminações, possuindo apenas um resquício encontrado em algumas partes da língua como em pronomes. Caso semelhante ocorre nas demais línguas indo-europeias: as línguas românicas e germânicas, em sua maioria, não fazem mais diferenciações de forma produtiva em todos os substantivos, contudo, prosseguem com as formas do nominativo, acusativo, e, em alguns casos o dativo, nos pronomes, como é o caso do português que diferencia entre *eu, me e mim; tu, te e ti* etc.

A tabela abaixo representa as línguas em que a marcação morfológica de casos é constante e marcada por morfemas, não sendo apenas resquícios como encontrado em algumas línguas.

Quadro 1.1 – Línguas das famílias eslava, germânica e românica que apresentam ou não marcação de casos na morfologia.

	nom	gen	dat	acu	abl	loc	ins	voc
Proto-indoeuropeu								
Russo								
Ucraniano								
Polonês								
Tcheco								
Bósnio								
Croata								
Eslovaco								
Esloveno								
Búlgaro								
Macedônio								
Grego moderno								
Latim								
Alemão								
Islandês								
Demais Línguas germânicas								
Línguas Românicas								

As informações sobre a morfologia foram retiradas do livro “*The World Major Languages*”, de Comrie (2009) e do site *www.ethnologue.com*. O quadro apenas nos possibilita dizer se há ou não um sistema de casos morfologicamente marcado nas línguas, contudo, dentro de cada língua há especificidades morfológicas e pragmáticas. O russo, por exemplo, pode ser considerado conservador quando observado em relação às línguas germânicas e românicas (Comrie, p.282). No entanto, ao longo de sua história, a língua passou a não marcar mais a forma do vocativo e, dentro dos demais casos, deixou de diferenciar os gêneros no plural.

Vemos, portanto, que cada língua possui um ecossistema⁶ mais complexo a ser considerado que se diferencia dos demais membros da família linguística. Algumas alegações generalistas podem ser feitas quando tratamos de características gerais de famílias linguísticas, todavia, há detalhes importantes a serem vistos de perto que tornam as análises mais ricas.

Tendo apresentado a deriva como um dos fatores ocasionadores da mudança linguística, apresento o segundo incentivo à mudança que é a interferência entre dialetos. Este foi um dos principais alvos de estudo dos neogramáticos no século XIX, época propensa ao desenvolvimento da dialetologia e da geografia linguística. Todas as línguas, quanto mais falantes têm, tendem a possuir formas diferentes de expressões dentro dela mesma. A relação entre essas formas diferentes de se expressar causa desequilíbrios nos sistemas que levam à mudança linguística. A última causa da mudança, diferentemente da anterior que se refere aos falantes dentro de uma mesma língua, está relacionada à alternância de um falante entre línguas diferentes, sendo assim uma mudança induzida por contato.

Ainda de acordo com a relação genética, as mudanças são regulares e podem ocorrer em todos os níveis do sistema linguístico. Se ocorre uma mudança na fonologia, ela tende a alcançar o resto do sistema fonológico da língua e ir alterando os demais sistemas.

Uma vez implementada a mudança, ela vai passando de geração em geração numa transmissão normal. Se ocorrer uma transmissão imperfeita, não é possível dizer que existe uma relação genética entre duas línguas. Em relação à transmissão imperfeita, T&K declaram que ela ocorre quando apenas uma ou algumas partes de uma língua são transmitidas para a outra que está sofrendo empréstimos (p.48)

De acordo com Noonan (2010), a relação genética entre línguas é estudada pela comparação de características herdadas, sendo desprezados os empréstimos. Segundo ele, apesar de as línguas serem artefatos culturais, a aplicação do modelo genealógico teve sucesso em linguística, diferentemente de outras ciências sociais, porque as línguas são formadas por entidades identificáveis, finitas e sistematizáveis, o que não pode ser feito tão facilmente com elementos culturais amorfos.

São apresentadas por ele três abordagens que formam um *continuum* entre deriva e contato. São elas: transmissão geracional, essencialista e híbrida. A transmissão geracional é a que mais se aproxima da deriva e não trata de contatos. Os elementos linguísticos são

⁶ Considerando o ponto de vista da ecolinguística, a linguagem é vista como um conjunto de sistemas (formado por uma população de falantes que interagem entre si e com o território por meio da linguagem) que se organizam mutuamente, como ocorre na natureza.

transmitidos através das gerações e retidos pelos descendentes. Noonan faz uma analogia com a biologia na qual podemos tratar a língua como um indivíduo (organismo unitário) ou como uma população (espécie), de forma que a primeira foi a concepção adotada no século XIX de língua como organismo vivo. Nessa abordagem, as reproduções são sempre partenogênicas (assexuadas) e geram indivíduos independentes. A abordagem essencialista, baseada em Croft (*apud* NOONAN), afirma que existem elementos que precisam ser transmitidos de língua mãe para língua filha para que seja considerada a relação genética entre as duas línguas. Esses elementos são morfemas gramaticais e características morfossintáticas, que se não forem transmitidos de uma língua para outra numa sucessão geracional impedem que as consideremos como relacionadas geneticamente. A abordagem híbrida difere das duas anteriores por reconhecer que as línguas podem ser formadas pelo recebimento de entidades a partir de línguas diferentes, tendo múltiplas fontes. Portanto, o método comparativo não pode ser aplicado em todos os casos, já que ele só serve para representar as transmissões regulares, nas quais todas as línguas de uma família compartilham de uma mesma forma herdada a partir de um ancestral comum. Noonan afirma que as duas primeiras abordagens vêm sendo amplamente aceitas pelos pesquisadores ao longo dos anos, enquanto a última não atraiu um número substancial de pessoas influentes. Vale, então, nos questionar, na hipótese de que houvesse um aumento de estudos e aceitação nessa área, se poderíamos passar a considerar casos de misturas não apenas nas línguas mistas e crioulas, que já são mais conhecidas e aceitas, mas também como uma característica presente nas línguas resultantes de transmissões normais, que por serem maioria ditam as regras. Neste cenário, é possível que a aplicação de métodos sobre misturas linguísticas sucederia em toda e qualquer língua. Ainda que isso ocorresse, não estaríamos muito distantes das práticas de fazer analogias com a biologia genética. Com um estudo mais aprofundado do “genoma” linguístico, poderíamos, talvez, afirmar a porcentagem de cada língua ancestral presente em uma língua contemporânea, como já se faz atualmente na tentativa de dizer quantos por cento de latim há no inglês por meio do léxico, por exemplo. Apenas estenderíamos essas análises estatísticas quantitativas para todas as demais áreas da língua com o auxílio da tecnologia dos computadores.

Classificar as línguas geneticamente não diz muito sobre suas características tipológicas, apenas as relaciona dentro de um grupo ligado pela história (SIEMUND, 2008). Não obstante, foi um modelo importante a ser desenvolvido, pois nos trouxe o conhecimento de que existem relações entre as línguas, até mesmo as mais distantes. Quebrou-se com a ideia pré-moderna de que uma língua morria e dava lugar a outra, elas apenas se transformam.

1.3 CONTATO LINGUÍSTICO

Línguas estão em contato se usadas alternadamente pelas mesmas pessoas, afirma Uriel Weinreich em *Languages in Contact*, de 1953, considerada a obra fundadora e uma das mais importantes da área. Esses falantes que alternam entre línguas são, portanto, bilíngues em algum nível e é nessa situação em que ocorrem as interferências. Por interferência entende-se a introdução de elementos de uma língua no sistema de outra, fazendo com que todo o sistema tenha de se rearranjar. O empréstimo não se resume à simples inclusão de um elemento, pois incide em uma reorganização complexa de todos os elementos, como será melhor explicado no capítulo II, quando voltarmos a tratar sobre Weinreich.

De acordo com Sarah Thomason (2001), contato linguístico “é o uso de mais de uma língua no mesmo lugar ao mesmo tempo”. Para isso, é necessário que haja comunicação entre os falantes dessas línguas diferentes, embora não seja obrigatório que exista uma situação de bi- ou multilinguismo.

Quando falamos de contato linguístico, é necessário que se trate de formas diferentes os contatos entre línguas e entre dialetos. Pois todos estamos sujeitos a situações de contatos entre dialetos, uma vez que existem muitas variedades às quais somos expostos diariamente. Em contrapartida, o contato entre línguas ocorre em situações específicas em que línguas diferentes passam a ser utilizadas no mesmo local.

O contato linguístico também pode ocorrer por meio da dispersão de textos religiosos, como é o caso da difusão do latim por meio da bíblia, do árabe por meio do alcorão e do pali pelos textos budistas da Índia para outras regiões da Ásia. Esses são exemplos de contato sem bilinguismo completo, uma vez que os falantes não chegam a aprender de fato a língua, mas tomam emprestadas apenas algumas palavras específicas. Por mais que nas mesquitas boa parte das preces sejam recitadas em árabe, a maioria dos muçulmanos que vivem em países não-árabes não são falantes fluentes desse idioma. O mesmo se pode dizer do latim que por séculos foi utilizado nas missas da Igreja Católica até o concílio Vaticano II em 1965, e não levou boa parte dos cristãos a serem bilíngues.

Atualmente, a língua com a qual mais temos contato é o inglês devido aos filmes, músicas e acesso à internet, mesmo que as pessoas expostas a esse contato não sejam falantes de inglês. No entanto, as situações que podemos considerar de contato, de fato, são as que ocorrem face a face.

Em vários países existe o multilinguismo institucionalizado, como na Suíça em que há quatro idiomas oficiais: francês, alemão, italiano e romanche. Na Irlanda, o gaélico irlandês é

uma língua oficial juntamente com o inglês, bem como nos Estados Unidos o espanhol também é oficial. Nesses casos, com o apoio institucional, o bilinguismo se torna mais estável, embora não haja igualdade. Mesmo na Suíça onde há empenho do governo em fornecer educação em romanche, a língua continua a perder falantes. Nos Estados Unidos a perda de falantes ocorre em um período de tempo maior, o que pode torná-la imperceptível. A terceira geração de hispânicos costuma se tornar monolíngue em inglês, contudo o bilinguismo se mantém no país devido à constante chegada de novos imigrantes mexicanos.

Todos os lugares do mundo e todas as línguas estão propensas ao contato, pois nenhum povo e sociedade está isolado. Logo, o contato linguístico é a regra e não a exceção. Costuma-se pensar que existem povos isolados em regiões menos habitadas do mundo como a Amazônia ou as ilhas do Pacífico. No entanto, mesmo os grupos humanos mais isolados, mantêm relações com outros grupos de regiões próximas e ainda que possam estar isolados em algum momento da história, houve um momento em que mantiveram contato com outros indivíduos.

Os contatos linguísticos podem ser divididos em três categorias de intensidade (THOMASON, 2001 p.10): (1) mudança induzida por contato; (2) mistura linguística extrema; (3) morte da língua. A primeira categoria é um dos maiores mecanismos de mudança da língua, pois deve-se levar em consideração que existem contatos entre diferentes sistemas dentro de uma mesma língua, podendo ser de diferentes faixas etárias, classe, gênero etc. A mistura linguística extrema pode levar à formação de pidgins e crioulos. Para isso é necessário que haja uma situação de contato intensa e brusca o suficiente para que os falantes não se tornem bilíngues. Assim, se os falantes usam apenas uma linguagem simplificada com um objetivo específico, são formados os pidgins. Quando essa linguagem passa a ser usada por uma comunidade, inclusive pelas próximas gerações, temos as línguas crioulas, que passam por um processo de enriquecimento de gramática e léxico, uma vez que os pidgins são línguas muito simplificadas. A morte da língua ocorre por diversos motivos: os falantes podem ser forçados a abandonar suas línguas por questões sociais ou de prestígio, como, por exemplo, indígenas que, para conseguir emprego, necessitam da língua imposta pelo dominador. Muitas vezes, as línguas são usadas como alvo de discriminação, fazendo com que seus falantes evitem falá-las em público. Em outros casos, nações podem ser dizimadas tanto por extermínios deliberados ou por doenças trazidas por colonizadores. Desta maneira, quando já não há mais falantes, a língua morre.

Embora o léxico seja a parte onde mais se percebe a influência do contato, todas as áreas podem sofrer influência de outra língua. A fonologia, a morfologia, a sintaxe e a léxico-

semântica. E não necessariamente o léxico é a parte mais afetada, como é o caso do salish de Montana, língua nativa falada nos Estados Unidos e estudada por Sarah Thomason, em que os falantes resistem ao empréstimo de palavras do inglês⁷. Este fenômeno é comum entre os grupos da família atabascana, que preferem usar palavras de suas próprias línguas para conceitos novos.

1.4 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Segundo Weinreich em *Languages in Contact* (1953), as interferências por contato podem ser explicadas pela linguística descritiva, todavia, uma explicação realmente completa necessita que fatores extralinguísticos sejam considerados.

A full account of interference in a language contact situation, including the diffusions, persistence, and evanescence of particular interference phenomenon, is possible only if the extra-linguistic factors are considered (1953 p.3)

São apresentados vários fatores não-estruturais que são inerentes a uma pessoa bilíngue numa situação de contato. Dentre eles, cito alguns: a facilidade do falante de se expressar verbalmente; a proficiência em cada língua; a maneira de aprendizado; atitudes, estereótipos e preconceitos em relação às línguas; o tamanho dos grupos bilíngues, sua homogeneidade e comportamento dos falantes etc.

Ele argumenta que os estudos em outras áreas são importantes para a análise dos contatos linguísticos, defendendo a interdisciplinaridade: “Purely linguistic studies of languages in contact must be coordinated with extra-linguistic studies on bilingualism and related phenomena” (p.4). Prossegue defendendo que geógrafos, etnógrafos, sociólogos e mesmo juristas possuem uma visão e algo a apresentar sobre contatos linguísticos. E da mesma maneira que um psiquiatra pode fazer um estudo parcial generalizando distúrbios em bilíngues, um linguista também está sujeito a isso ao não considerar o contexto sócio-cultural.

“Language contact is considered by some anthropologists as but one aspect of culture contact, and language interference as a facet of cultural diffusion and acculturation” (Weinreich, 1953, p.5). A linguística vê o contato linguístico de forma muito mais estruturalista que a antropologia e por meio desse método consegue resultados mais concretos. Por essa razão, a

⁷ Situação semelhante se encontra no noroeste amazônico, onde existe uma regra de casamento exogâmico obrigatório, na qual falantes de línguas arawak interagem com falantes da família tucano. Empréstimos lexicais são estigmatizados. O que ocorre são empréstimos gramaticais, que são menos conscientes. (A.A.S. MELLO, comunicação pessoal)

antropologia se aproximou da linguística na tentativa de também utilizar e adaptar para si métodos estruturalistas aplicados à cultura, como feito por Lévi-Strauss.

Peter Siemund (2008) também defende que o contato linguístico sofre influências e restrições de vários parâmetros sociais, de forma que fatores extralinguísticos devem ser considerados juntamente com as informações linguísticas. Estes fatores sociais podem ser o *status* dos grupos que estão em situação de contato, a diferença de prestígio das línguas, a intensidade do contato e o grau de bilinguismo entre os falantes.

De acordo com Siemund, as restrições e motivações são mais hipóteses que comprovações. O ideal seria se pudéssemos determinar analiticamente quais situações de contato criam um paralelo com os fatores sociais, embora isso seja difícil de ser alcançado.

Fica evidente que é necessário olhar para os fatores externos, pois as respostas não podem ser encontradas apenas na estrutura das duas ou mais línguas envolvidas no contato. Se apenas os dados linguísticos fossem considerados, estaríamos lidando com uma ciência exata na qual a soma das línguas daria um resultado esperado. Por consequência, é preciso fazer uma avaliação qualitativa que permita a compreensão e explicação daquilo que não se pode contar.

1.5 EMPRÉSTIMO E INFLUÊNCIA DO SUBSTRATO

Conforme T&K afirmam (*op.cit*, p.13), a maioria dos linguistas está abordando a língua a partir da direção errada ao determinar que a mudança é causada pela estrutura linguística principalmente e não pelos fatores sociais. Eles atribuem isso à razão histórica de a linguística ter se desenvolvido a partir de pontos de vista sistematizadores em que a estrutura da língua é o fato mais importante a ser considerado. Contudo, para que se desenvolva uma teoria que possa prever de que forma ocorrerão as mudanças induzidas por contato, é preciso que se aborde a língua pelo lado oposto ao que temos hoje – não pelas vias da estrutura determinando a mudança, mas do social sendo um determinante da direção da mudança.

Algumas restrições linguísticas são apresentadas por T&K (p.14) com o intuito de contestá-las por meio do argumento de que elas não podem ser as únicas motivadoras da mudança. Apresento algumas delas abaixo:

- *O empréstimo gramatical pode ocorrer apenas entre sistemas muito próximos*

Esta restrição se baseia na crença de que os sistemas mais estruturados são os mais estáveis e que, portanto, os empréstimos gramaticais devem possuir um correspondente compatível em ambas as línguas para que ocorra a transferência. Essas constatações foram feitas

a partir dos conhecimentos prévios sobre sistemas sem analisar estudos que comprovam que o empréstimo gramatical pode de fato ocorrer entre línguas de tipologia distante. Este pensamento ainda é corrente nos tempos atuais, como em Givón e Bickerton (*apud* T&K)⁸, que afirmam que estruturas incompatíveis com o sistema não podem ser emprestadas.

T&K (p.15) afirmam que, embora as línguas sejam resistentes à interferência, se houver fatores sociais que as induzam em uma direção, é provável que essa resistência seja quebrada. Alguns exemplos dados são: o proto-chinookan, que devido aos contatos com outras línguas da região desenvolveu categorias de gênero; a categoria obviativa se espalhou pelas línguas sahapatian ao manterem contato com os kutenai no noroeste do pacífico; muitas línguas índicas possuem características não-indo-europeias adquiridas das línguas dravídicas.

- *Não é possível que ocorra a transferência completa de um paradigma gramatical de uma língua para outra. O comum é que ocorram interinfluências morfológicas.*
- *Não há empréstimo estrutural se não houver previamente empréstimo lexical.*

Este é o caso quando tratamos sobre influência por empréstimo. Quando tratamos de influência por substrato, acontece o contrário. A influência estrutural ocorre antes da interferência no léxico. A diferença entre empréstimo e influência do substrato será abordada em breve.

- *As mudanças costumam ocorrer pela passagem do marcado para o não-marcado.*

Comumente se diz que a tendência das mudanças linguísticas é a simplificação. Contudo, T&K se apoiam na ideia de que a língua é um sistema formado por outros sistemas para contestar essa afirmação. Se ocorrer uma simplificação em uma área estrutural, é provável que essa complexidade seja passada para outra área da língua. Como, por exemplo, o ocorrido no francês e no proto-eslavo, em que ocorreu uma mudança de VN > \tilde{V} , gerando uma simplificação na estrutura da sílaba, que, contudo, foi repassada para a diferenciação entre vogais nasais e orais e uma nova complicação nas regras morfofonêmicas.

Para se solucionar parte desses problemas sobre restrições, faz-se necessário dividir os tipos de contatos em dois. Os empréstimos e a influência do substrato.

1.5.1 EMPRÉSTIMO

É a incorporação de elementos estrangeiros em uma língua nativa pelos falantes desta língua (T&K). A língua nativa se mantém, mas é alterada pelos elementos incorporados. Os

⁸ Givón, Talmy. **Prolegomena to any sane creology**. In Ian F. Hancock, ed., 3-35. 1979
Bickerton, Derek. **Roots of language**. Ann Arbor: Karoma. 1981

primeiros elementos a entrar na língua fazem parte do léxico. Se a pressão cultural se mantiver por um longo tempo, elementos estruturais também passam a ser emprestados em todos os níveis da língua.

Para o empréstimo de léxico, não é necessário que os falantes sejam bilíngues. Quando o contato se mantém por mais tempo, geralmente é preciso que haja bilinguismo, embora não em todos os casos, para que estruturas gramaticais sejam incorporadas.

1.5.2 INFLUÊNCIA DO SUBSTRATO

É a interferência causada pelo aprendizado imperfeito durante a “transferência” (*shift*) da língua. Em suma, os falantes da língua nativa aprendem imperfeitamente a língua alvo e depois esses erros cometidos passam a ser imitados pelos falantes originais da língua alvo. Por esse motivo, para Sankoff (2008), é importante que se conheça as teorias de aprendizado da linguagem para que se saiba como funcionam as influências entre L1 e L2.

De acordo com Noonan, é essencial que se considerem como separados os conceitos de empréstimo e influência de superstrato, pois somente no último é possível ocorrer a especiação⁹. Ou seja, enquanto há apenas empréstimos, as línguas se mantêm estáveis, já na influência do superstrato é possível que haja um rompimento com a transmissão geracional normal e surja uma nova língua.

Sankoff (2008), apesar de sociolinguista, critica T&K por seu posicionamento contra restrições estruturais internas à língua.

The cumulative weight of sociolinguistic research on language contact suggests that although it may be true that “anything can happen” given enough social pressure, T&K are very far from the truth in their blanket rejection of internal constraints (SANKOFF 2008, p.641)

Ele acredita que a sociolinguística pode apontar novos caminhos e ir além do trabalho de T&K, mostrando novos tipos de restrições linguísticas baseadas nos estudos sócio-históricos que não se encaixam exatamente nos conceitos de empréstimo e influência de substrato.

1.6 CONCLUSÃO

Foram apresentados a linguística genética e o contato linguístico como duas vertentes que comumente se opõem e que, como visões diferentes da linguagem, levam à escolha de determinados tipos de abordagens mais adequados ao resultado que se busca. O

⁹ Quando ocorre uma divisão de uma língua, conforme o modelo genético, dando origem a outras línguas.

desenvolvimento da relação genética é uma das maiores conquistas na linguística histórica, pois ainda é uma das melhores formas já encontradas de se analisar a mudança. Os estudos de contato, por sua vez, não são uma negação do estruturalismo, pois não deixam de considerar as estruturas linguísticas. Não obstante, os autores que seguem essa segunda tendência acreditam que os fatores externos são fundamentais, uma vez que a língua é um fenômeno cultural e seus falantes não podem ser isolados do meio. O ponto de partida foram os autores Thomason & Kaufman por serem uns dos maiores representantes da comparação entre ambas vertentes. Uma das possibilidades para o futuro dos estudos sobre contato é a sistematização de que tipos de influências externas existem, criando assim uma classificação tipológica, e como esses fatores interagem com as restrições estruturais internas. O objetivo deste capítulo foi trazer ao conhecimento do leitor tal divisão e preparar o caminho para uma discussão sobre uma polarização epistemológica dentro das ciências que será mais detalhadamente abordada no capítulo a seguir.

2 HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: ABORDAGENS IMANENTISTA E SÓCIO-HISTÓRICA

2.5 INTRODUÇÃO

Neste capítulo é apresentada a importância do conhecimento historiográfico para uma compreensão geral de todo o fazer da ciência linguística. São demonstrados modelos que representam o progresso do pensamento científico aplicáveis à história da ciência e discute-se a metodologia utilizada na história intelectual e na história das ideias a fim de enriquecer o trabalho historiográfico. Apontadas as duas metodologias possíveis, é debatido qual seria mais plausível a este trabalho, como forma de justificar a utilização de ambas. Partindo do pressuposto de que há uma divisão epistemológica no pensamento científico que também se reflete na linguística, é proposto o termo “orientação sócio-histórica” com o objetivo de deixar clara toda a oposição analisada ao longo do trabalho. Feitos os esclarecimentos sobre tal divisão, é sugerido um recorte cronológico que divide autores entre as orientações imanentista e sócio-histórica. Por meio da apresentação biográfica e descrição das obras principais, é defendida a ideia de que o imanentismo é concebido ao mesmo tempo em que as ciências biológicas são desenvolvidas na Europa, da mesma forma que a orientação sócio-histórica sofre influência direta do advento das ciências sociais. O ponto inicial do recorte cronológico é demarcado pela publicação da obra de Schleicher em que é proposta a teoria da árvore genealógica. Em oposição ao imanentismo, o recorte cronológico do lado sócio-histórico se inicia com a teoria das ondas, que, embora não tivesse uma pretensão de representar o social, visava a negação do tratamento da mudança das línguas por meio da relação genética. Segue-se a apresentação de autores de forma cronológica como encontrado na maioria dos manuais de linguística histórica, de modo que este trabalho se assemelha em estrutura às obras de Faraco (2005), Robins (1982), Weedwood (2002), mas com um aprofundamento em algumas questões. São apresentados os neogramáticos e Hermann Paul como representantes do imanentismo e em seguida a geografia linguística, que abarca autores de ambas as orientações, tendo Wenker como o fundador da área. Schuchardt, um dos idealizadores da teoria das ondas, contesta a visão de mudança mecânica dos neogramáticos e propõe uma visão da linguagem que, ainda no século XIX, já possuía traços de sociolinguística. Saussure é classificado como um imanentista, devido à sua posição tradicionalmente estabelecida no estruturalismo, contudo, discutem-se os pontos em que poderia haver uma tendência ao social ou um hibridismo em seu pensamento. Meillet, seu discípulo, é responsável pelo início oficial do estudo da linguagem como uma concepção

sociológica, e serve de base para a explicação e sugestão de um amadurecimento da epistemologia da vertente sócio-histórica, que até então não estava tão clara. Assim como descrito o ambiente da sociedade europeia influenciado pelo darwinismo, é proposto também que havia um entusiasmo quanto ao desenvolvimento da concepção de sociedade com as ideias de Marx e Durkheim, que influenciou direta e indiretamente a linguística. O recorte cronológico é finalmente concluído cem anos após o advento da teoria da árvore genealógica, com a publicação da obra de Weinreich, Labov & Herzog, que evidenciou uma nova concepção para a linguística histórica com base em estudos sociolinguísticos, assentando, assim, a orientação sócio-histórica que atualmente convive com a orientação imanentista sem haver necessariamente uma sobreposição de poderes.

2.6 HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

É importante se conhecer a história de uma disciplina para que possamos identificar e reconhecer suas limitações metodológicas e teóricas, bem como as teorias que competem entre si dentro de uma mesma ciência (KOERNER, 1989). A partir desses conhecimentos, entendemos de que maneira as mudanças epistemológicas ocorrem e podemos considerar a relatividade das verdades, compreender de que formas as ideias avançam, quais temas são inovadores e quais são variações dos mesmos temas, além de sabermos discernir quais são as repetições que ocorrem e com que frequência. Temos, portanto, um grande argumento que coloca em vantagem o pesquisador que tem um conhecimento mais amplo sobre a composição epistemológica da ciência a qual estuda dentro do espectro histórico, pois, desta maneira, poderá manusear com mais habilidade e compreensão as “realidades” que lhe são apresentadas.

Malkiel (*apud* KOERNER, 1989) defende que para se trabalhar com historiografia, é necessário que o pesquisador tenha uma especialização dupla. Ou seja, deve-se ter conhecimentos a respeito da história intelectual e da área sobre qual a história está sendo escrita, no caso, a linguística. No entanto, apesar de ter um domínio acerca da história das ciências, o pesquisador precisa ser um linguista para ter conhecimento técnico sobre o assunto que está abordando. Kristeller (*apud* KOERNER, 1989) alega que os responsáveis pela escrita da história da filosofia devem ser filósofos e não historiadores. Certamente, esta é uma questão que exige a discussão com historiadores, e deve-se ouvir também o que eles têm a dizer sobre o assunto. É possível que haja uma maior concordância sobre o ponto de que, independentemente das formações acadêmicas, compete àqueles empenhados em pesquisas

historiográficas ter um conhecimento acurado sobre o que estão tratando. Ou seja, por mais que um pesquisador de formação em História¹⁰ se proponha a fazer uma pesquisa em historiografia linguística, é esperado e até mesmo provável que ele vá se familiarizar com as abordagens, metodologias e tudo que faz parte da ciência que ele está estudando. Considero que, neste caso, trabalhos em equipe, nos quais houvesse discussões de pares acadêmicos de outras áreas, trariam melhores resultados, no entanto, seria necessário um apoio institucional melhor. A formação de nossas universidades, sobretudo no Brasil, dá bastante ênfase ao pesquisador solitário, o que aumenta as chances de que seus trabalhos possam ser esquecidos nas estantes das bibliotecas de suas universidades caso não se destaquem da forma esperada em suas áreas e não estejam em consonância com os processos políticos da academia. Outras universidades trabalham na reestruturação de seus formatos, como é o caso da Universidade de Lisboa, que sob o auxílio do reitor Antonio Nóvoa, que esteve na UnB em 2015, busca maneiras de superar os departamentos e investir no diálogo entre diferentes áreas, como se pode encontrar em outras universidades pelo mundo. Investe-se em projetos em que estudantes de diversas áreas podem pesquisar em conjunto, e, assim que é terminada a pesquisa, o projeto pode ser encerrado. Isso possibilita uma maior interdisciplinaridade que reflete mais os nossos tempos, em que algumas áreas específicas parecem já estar saturadas. Penso que, em alguns casos, haveria melhores resultados para a sociedade, se não fosse posta a cobrança sobre apenas um pesquisador com a expectativa de que ele fosse multitarefa e conhecedor de muitas áreas. Seria um ganho para a interdisciplinaridade caso houvesse um apoio institucionalizado que permitisse o foco em trabalhos em equipe mais abrangentes, de forma que se pudesse, por exemplo, unir pesquisadores de História e linguística, e compartilhar ideias que levariam a novas compreensões. Cito um trecho de uma entrevista com o professor Antônio Nóvoa:

O futuro passa pela convergência entre várias disciplinas, pela interligação entre áreas distintas, pela fertilização mútua entre grupos científicos. Para tal, são necessários ambientes que apenas as instituições universitárias, na sua diversidade, podem proporcionar. (SANTOS, Lucíola Licínio de C. P., 2012)

Certamente a aprovação da dissertação de mestrado e da tese de doutorado faz parte de um processo seletivo individual necessário para avaliar conhecimentos e atribuir títulos, sendo parte do ritual da academia há séculos. Todavia, ao longo do processo, as formações de projetos de pesquisa e grupos de discussão auxiliariam na construção de novos trabalhos, por mais que se exija do resultado final o mérito individual do pesquisador, e possibilitam a criação de áreas

¹⁰ Quando se trata de História como ciência e disciplina, tradicionalmente é utilizado o termo com letra maiúscula para diferenciá-la de seu objeto, que é a história.

de interesse e um grupo de leitores em potencial. De maneira oposta, prosseguimos encontrando dificuldades para encontrar incentivos para a interdisciplinaridade, pois este algumas vezes não é o foco central e primordial para algumas universidades atualmente, de forma que o avanço de certas pesquisas se tornam dificultadas pela maneira como o sistema é organizado. Thomas Kuhn¹¹ é um grande exemplo de um cientista que transita em uma convergência de áreas. Sua formação inicial é a física, contudo, tornou-se referência no estudo da história das ciências.

Não obstante, a ausência de diálogo não é um fenômeno local que pertence somente a nós brasileiros. Também está presente nas universidades europeias, como podemos inferir da afirmação de Langer, Davies & Venderbusche (2011, p.4) em uma obra dedicada à interdisciplinaridade entre linguística e história:

Large scale collaboration between our two disciplines has continued to be rare, not least because scholars lack the confidence to step outside their area of expertise and into territories where basic assumptions, technical terms and methodological practices may be alien. In particular there is a general lack of opportunity to exchange ideas and basic knowledge of core ideas.

Esta discussão sobre a interdisciplinaridade é motivada pela característica intrínseca da historiografia linguística – uma subárea de uma disciplina que envolve dois tipos de conhecimentos. Como veremos adiante, a convergência de áreas diferentes é uma parte crucial do método que será aplicado à pesquisa deste trabalho.

2.7 A ESCOLHA DO MÉTODO

Koerner (1989) declara que, devido ao fato de a linguística possuir um objeto de estudo muito mais concreto e definido que as ciências humanas, suas técnicas de análises se aproximam muito mais das ciências naturais. Ele cita o pensamento de Kvastad, que acredita que a história das ideias tem pouco a oferecer metodologicamente à historiografia linguística. No entanto, o contesto a partir de sua própria citação:

¹¹ Thomas Samuel Kuhn (1922-1996) se formou em física em Harvard e obteve os títulos de mestrado (1946) e doutorado (1949) na mesma universidade, ambos na área de física. Lecionou história das ciências para alunos da graduação da área de humanas, onde passou a ter contato com textos científicos históricos. Em 1961, se tornou professor da Universidade de Berkeley e fez pós-doutorado em história da ciência pelo departamento de filosofia. No ano seguinte, 1962, publicou seu trabalho mais importante: “A estrutura das revoluções científicas”. Contribuiu, assim, com a filosofia da ciência quebrando com as doutrinas positivistas e iniciando uma filosofia da ciência mais próxima do estudo da História. Sua teoria era de que a ciência é composta por tempos de crescimento estável (no qual seguem-se paradigmas), quebrados por crises que levam a revoluções revisionistas. (<plato.stanford.edu/entries/thomas-kuhn/> Acesso em: mai. 2016)

On the whole, the methodology of the history of ideas is in its infancy. The field is in this respect behind general history, of which it is a part. One may therefore suggest that the interest of historians of ideas should be more directed towards the methodological problems of their field than has hitherto been the case. The reason is that when the foundation of a house is shaky, it does not make much sense continuously to add new stories to it. (KVASTAD *apud* KOERNER 1989)

O autor argumenta que a metodologia da história das ideias está em sua infância e que, portanto, não deve ser utilizada na elaboração da historiografia linguística. O argumento central de Kvastad é o de que a linguística é uma ciência mais exata e que, portanto, sua historiografia deve se basear na história das ciências. Porém, voltamos à discussão já iniciada no capítulo I: a linguística pode ser encarada sob um ponto de vista que pende para as ciências naturais, mas também pode ser abordada sob o ponto de vista das ciências sociais. Além disso, não se deve confundir o objeto estudado pela disciplina com a história da ciência em si. O que convencionamos chamar de linguística não é uma instituição concreta. É um conjunto de formulações variadas feitas por pessoas e escolas diferentes ao longo de mais de dois séculos sem descartar as contribuições anteriores dos gramáticos e filósofos da linguagem. A língua, como objeto, pode claramente ser examinada sob essas duas abordagens, assim como a disciplina da linguística pode ser estudada tanto por uma metodologia voltada para a história das ciências como outra voltada para a história das ideias. Seguindo este raciocínio, sendo a linguística um conceito formado por um universo de não só abordagens e métodos, mas também ideias sobre a linguagem, é plausível que a ele se aplique uma metodologia da história das ideias. Julgo, portanto, que a resposta já está no próprio objeto: se a língua pode ser vista sob muitos pontos de vista, e não há um consenso sobre isso, já podemos admitir que isto é resultado de uma série de ideias que se tem sobre o objeto de uma disciplina que é formada por concepções plurais, e, além disso, abstratas, o que faz com que mereça uma análise que não considere apenas fatos como a descoberta de um fenômeno, o desenvolvimento de uma invenção, mas também a formação de conceitos e a exploração de epistemologias que estão por trás do que não se delimita claramente, pois não são objetos do mundo material.

2.8 HISTÓRIA DAS IDEIAS

História das ideias é uma vertente dentro das subáreas da disciplina da História, assim como podemos exemplificar com história cultural, história política ou história social, para demonstrar a variedade de direções possíveis para o leitor que não está familiarizado.

Esta linha de pesquisa iniciou-se nos Estados Unidos com Arthur O. Lovejoy (1873-1962). De acordo com Mandelbaum (1965), a história das ideias pode, em alguns momentos, ser utilizada como um sinônimo de história intelectual. Entretanto, o autor defende que existem diferenças, as quais não trataremos aqui. Em suma, ambas as vertentes estão ligadas aos estudos dos pensamentos e são áreas com as quais se deparam os pesquisadores que se interessam por pesquisar a história da filosofia. Mandelbaum cita uma frase de Lamprecht que resume a diferença entre história da filosofia e história das ideias: “*The history of philosophy is the history of the philosopher thinking; the history of ideas is the history of man thinking*”.

Existem dois motivos condutores (*Leitmotiv*) à história das ideias que são apresentados na metodologia de Lovejoy, sendo eles a interdisciplinaridade e as ideias unitárias (*unit-ideas*). Em relação ao primeiro motivo, o autor afirma que a história das ideias deve cruzar as barreiras nacionais e linguísticas e superar as departamentalizações acadêmicas por meio da cooperação entre áreas diferentes. Quanto ao segundo, as ideias unitárias são componentes elementares menos restritos que os sistemas e os –ismos, encontrados na história intelectual. Não cabe a este trabalho fazer longas discussões sobre as conceituações e os detalhes que diferenciam cada área. Apenas apresento algumas possibilidades e porque elas podem ser úteis.

2.9 HISTÓRIA DAS IDEIAS VS. HISTÓRIA DA CIÊNCIA

De acordo com Kuhn (1978), houve uma quebra com a antiga história das ciências quando se deixou de tratar a ciência a partir da noção de desenvolvimento-por-acumulação, o que gerou uma revolução na historiografia. Sob esse ponto de vista, o historiador ocupava-se da listagem de cronologias, como, por exemplo, quando e por quem foi descoberto o oxigênio. A partir da chamada revolução historiográfica, os historiadores passaram a lidar com uma maior complexidade, pois tinham que considerar as ideias, os conceitos, as crenças por trás de cada objeto de estudo e não mais se ater a uma ciência formada pelo acúmulo de descobertas e invenções individuais.

Vejo, portanto, uma convergência de áreas que corrobora com o argumento de que, ao estudar a história da linguística, devemos estudar as ideias, mesmo porque, por mais que se declare a linguística como uma ciência mais exata que as demais ciências humanas, a maior parte de suas “descobertas” está ligada a campos conceituais.

Koerner afirma que “a história da linguística, entretanto, não está lidando com uma matéria como filosofia, que tem a ver exclusivamente com ideias, atividades intelectuais e

engajamentos” (KOERNER, 1989 pg. 49) e prossegue defendendo que o estudo da linguagem, em todas suas manifestações, é muito mais concreto e por isso se assemelha à história das ciências. Contudo esta argumentação parte da ideia já apresentada anteriormente de que a língua consiste em um objeto de estudos mais concreto que as demais ciências humanas, sem considerar que a historiografia linguística trata de linhas de pensamento e não do objeto de estudo em si.

Passmore (*apud* KOERNER) se opõe em certa medida à ideia apresentada por Koerner, Kvastad e Kristeller de que a historiografia deve ser escrita pelo profissional da área e não por historiadores, pois um filósofo, de acordo com o autor, ao escrever a história da filosofia, estaria contaminado por suas visões e não seguiria adequadamente os métodos históricos. Em oposição a si mesmo, o autor diz que uma história da filosofia escrita por um historiador se resumiria a uma doxografia, ou seja, uma compilação de fatos cronológicos e biográficos de autores da filosofia.

A meu ver, há, em certa medida, uma subestimação da capacidade dos pesquisadores ao crerem que não é possível que uma pessoa dedicada a seu trabalho e com a devida visão crítica não possa superar essas limitações apresentadas por fronteiras de áreas de conhecimento. Um filósofo pode facilmente se comprometer a aprender as teorias e metodologias da história, assim como um bom historiador está mais do que habituado a considerar questões pertinentes e se aprofundar na área sobre a qual deseja pesquisar. Seria estranho para um historiador do século XXI a realização de um trabalho sobre determinada área científica que apenas catalogasse informações históricas sem uma devida crítica e sem um conhecimento sobre a disciplina em questão. A solução para este problema está assentada no método prático de trocas de conhecimentos interdisciplinares, que pode ser facilitada pelas parcerias entre pesquisadores como já foi dito anteriormente. Onde houver problemas ligados ao desconhecimento de determinado assunto ou uma aplicação de forma errada de um método, pode-se resolver com a supervisão de outras pessoas mais familiarizadas com o tema.

Portanto, concluo a argumentação com um resumo do meu ponto de vista: A história da ciência de fato possui uma metodologia mais concreta com uma aplicação conveniente à historiografia linguística. A história das ideias juntamente com a história da filosofia, assim como os autores apresentaram, possui uma metodologia que ainda não está devidamente amadurecida e que não é tão claramente explicitada com facilidade. Porém, reitero a condição de a linguagem, objeto da linguística, poder ser abordada sob uma orientação social e não apenas, como defendem alguns pesquisadores, por uma perspectiva naturalista. De forma que

tratamos, sim, sobre ideias não nos atendo somente a descobertas quantificáveis. A história da ciência nos auxilia a perceber vertentes de pensamento (como a tendência ao uso de abordagens mais empiristas ou mais racionalistas, por exemplo) e em quais delas podemos enquadrar certas concepções; a história das ideias nos permite pensar sobre as razões epistemológicas por trás de cada vertente e considerar um cenário mais abrangente que compreende a sociedade em que as crenças estão inseridas. Antecipo que este posicionamento, que a princípio pode parecer eclético por se utilizar de duas metodologias, não se assemelha ao ecletismo do qual alerta Faraco (1995 p.110) sobre a impossibilidade de haver um hibridismo metodológico quando se trata de escolher entre imanentismo ou uma orientação mais social. Não considero que haja uma relação de oposição com a mesma força e discrepância quando se trata de utilizar metodologias de história da ciência e história das ideias, assim como ocorre na linguística. A princípio parecem ser complementares e convergentes. Ademais, estas são proposições iniciais que podem ser contestadas e abandonadas caso venham a se provar improdutivas.

2.10 METODOLOGIA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

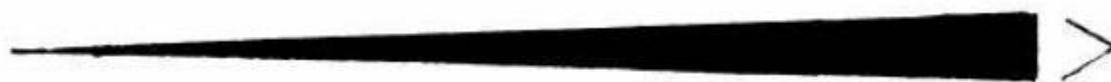
Nesta seção será tratada a metodologia da história da ciência, como apresentada por Koerner (1989) em *Practicing Linguistic Historiography*. Na seção seguinte, nos ocuparemos de algumas observações sobre a metodologia da história das ideias.

Koerner (*op. cit.* p.51) apresenta cinco modelos, que auxiliam na compreensão da historiografia e demonstram em formas de figuras as maneiras em que o desenvolvimento da ciência pode ser representado.

2.10.2 MODELO DO PROGRESSO-POR-ACUMULAÇÃO

O primeiro modelo é o considerado mais tradicional, chamado de modelo de progresso-por-acumulação.

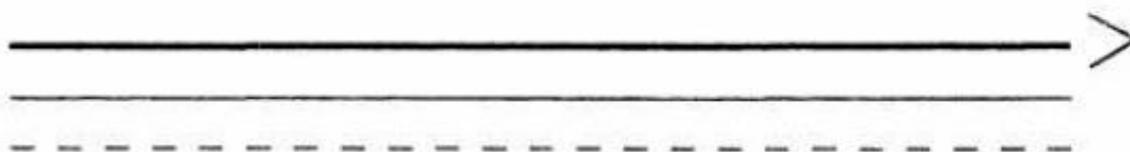
Figura 2.1 – Modelo de progresso-por-acumulação



Esta representação denota a ideia de que as descobertas vão sendo feitas e os conhecimentos vão sendo acumulados ao longo do tempo numa concepção progressista que foi quebrada por Kuhn, de acordo com Koerner (1989). A premissa desse modelo é de que todo conhecimento novo só pode ser desenvolvido e compreendido a partir do que já foi previamente descoberto.

2.10.3 MODELO MAINSTREAM-VS.UNDERCURRENT

Figura 2.2 – Modelo mainstream-vs.-undercurrent



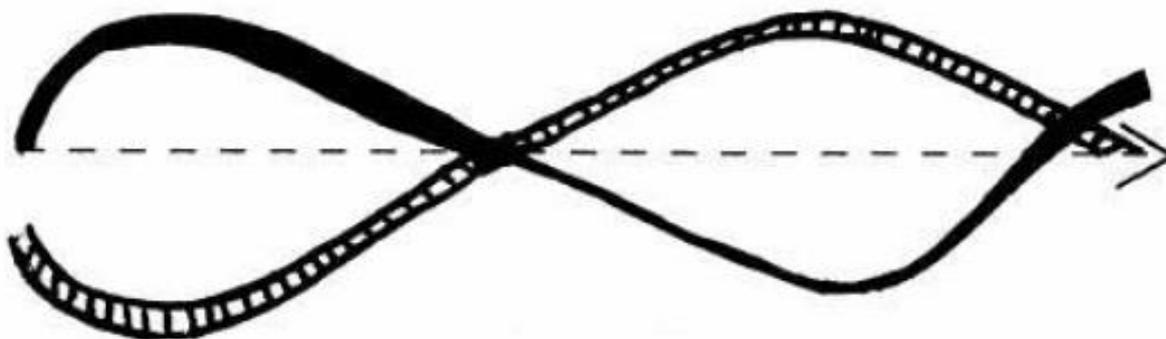
Fonte: Koerner, 1989

Não é muito simples encontrar uma tradução de *mainstream-vs.-undercurrent* para o português que represente com precisão os termos. *Mainstream* poderia ser traduzido como corrente principal, já *undercurrent*, considero que ao se traduzir como subcorrente traria a ideia de uma tendência que está subordinada à corrente principal (assim como tópico e subtópico, por exemplo) o que não é o caso. Uma opção seria corrente alternativa, que demonstra uma possibilidade de escolha ou de alternância, outra opção seria contracorrente que expressa uma característica de antítese, embora não necessariamente ideias que coexistem em um mesmo período histórico estejam em oposição uma a outra. E, por fim, mais uma possibilidade também seria o termo “corrente secundária”.

Este modelo demonstra que em um período de tempo, há mais de uma linha de pensamento. Koerner exemplifica com o caso do século XIX, em que a corrente principal era a materialista, representada por Schleicher e os neogramáticos. Em contrapartida, havia uma corrente alternativa com uma abordagem humboldtiana, ou seja, mais mentalista, representada por Hermann Steinthal e George von der Gabelentz.

2.10.4 MODELO DO PÊNDBULO

Figura 2.3 – Modelo do pêndulo



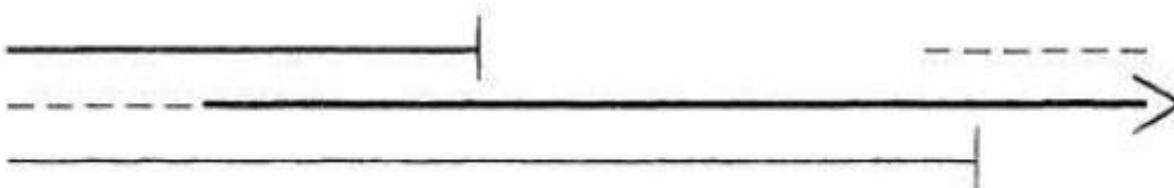
Fonte: Koerner, 1989

Diferentemente do modelo *mainstream-vs.-undercurrent*, que é estático, o modelo do pêndulo (*pendulum-swing*) demonstra a possibilidade de haver uma troca ou um revezamento entre vertentes de pensamento, como, por exemplo, a abordagem mentalista que passou a ser *mainstream* no século XX.

Koerner afirma que este modelo costuma representar a oposição permanente entre uma orientação que dá ênfase à teoria e outra orientação que dá ênfase aos dados, como empirismo versus racionalismo e materialismo versus idealismo. Contudo, este modelo se atém a representar a nossa visão hegeliana de tese e antítese desconsiderando que existem outras vertentes que não estão dentro destas oposições.

2.10.5 MODELO DA DESCONTINUIDADE-VS.-CONTINUIDADE

Figura 2.4 – Modelo da descontinuidade-vs.-continuidade



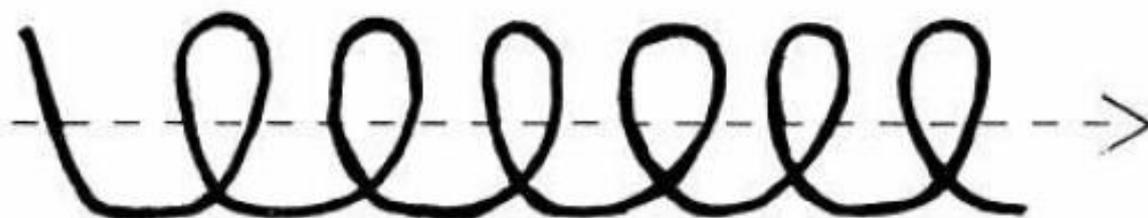
Fonte: Koerner, 1989

Em muitos casos, pode haver a quebra de uma tradição e o estabelecimento de outra que passa a ser a corrente principal durante um período, podendo haver um ressurgimento em outro momento da história de tradições que já haviam estado em uma posição de maior importância. Para alguns historiadores da linguística, a tradição gerativista pode ser demonstrada como uma continuidade (GLEASON, *apud* KOERNER) enquanto para outros representa uma quebra e revolução no pensamento linguístico (NEWMAYER *apud* KOERNER).

Um exemplo posto por Koerner sobre uma grande transformação de paradigmas foi a perda de *status* dos estudos gramaticais do século XVIII com o surgimento dos estudos histórico-comparativos no século XIX, que, no entanto, vieram a retomar foco no século XX com Hjelmslev e o cartesianismo de Chomsky.

2.10.6 MODELO DO PROGRESSO-RELATIVO

Figura 2.5 – Modelo do progresso-relativo



Fonte: Koerner, 1989

O modelo do progresso-relativo é uma tentativa mais tridimensional de representar a forma de progresso por pêndulo, afirmando, porém, que, ao retornar a uma posição de maior destaque, uma abordagem não terá mais as características de antes, mas terá sofrido mudanças devido ao progresso da área.

2.11 METODOLOGIA DA HISTÓRIA DAS IDEIAS

Quando estudamos um fato do passado, é impossível que o olhemos totalmente isentos de nossas ideias e preconceitos, pois todas nossas concepções estão embasadas no momento presente e não podemos nos desvencilhar de quem somos e do tempo em que vivemos. O erro

mais persistente que se pode ter quando se estuda a história é o anacronismo, que é o julgamento de realidades de outros tempos conforme as medidas que temos no presente.

Skinner (2005) atenta para o problema que chama de “mitologia das doutrinas”. Quando estudamos um autor, procuramos encaixá-lo em uma doutrina para compreender melhor seu pensamento. Utilizemos como exemplo Saussure: atualmente, sabemos que ele deu início ao estruturalismo, o que nos leva a compreender seus trabalhos com base nesta linha de pensamento. Todavia, o autor não tinha essa classificação em mente quando realizava suas pesquisas, sendo algo que desenvolvemos posteriormente. O erro no qual podemos incorrer, é a tentativa de atribuição de tudo que Saussure disse como uma evidência do que poderíamos chamar de doutrina estruturalista. Portanto, este é um alerta importante quando formos classificar um autor dentro de uma linha de pensamento.

É comum que ocorra a reificação de entidades. Isto é, a consideração de que determinados conceitos possuem uma natureza concreta, naturalizando-o. Cria-se uma ideia de que tais conceitos são imanentes à história, perdendo-se de vista sua natureza conceitual. E a partir disso, o conceito vai sendo alimentado e justificado num ato que Skinner chama de antecipação das doutrinas. O pesquisador busca evidências anteriores que levam à comprovação da formação de tais linhas de pensamento.

Outro erro comum causado pelo anacronismo é a crítica a um autor por não ter tratado de determinado tema quando, na verdade, não era sua intenção considerar o assunto, uma vez que à sua época ele não existia. As ideias unitárias precisam estar sempre claras para que se evite uma generalização e uma criação de argumentos que sejam convenientes ao que o observador quer defender.

Skinner (2005) apresenta também a mitologia da coerência, que busca encontrar uma consistência e sistematicidade no pensamento de autores, quando, na verdade, estas podem não existir.

Torna-se então perigosamente fácil para o historiador acreditar que sua tarefa consiste em atribuir a esses textos uma coerência que eles aparentemente não possuem. Esse perigo torna-se ainda maior pela dificuldade óbvia em preservar a ênfase e o tom próprio de uma obra quando a parafraçamos, assim como pela tentação subsequente de tentar encontrar uma “mensagem” que possa ser resumida e mais facilmente transmitida.

É o caso do discurso de Sir William Jones, assim como apresentado na introdução, ao qual foi atribuída a descoberta da relação de parentesco entre as línguas, quando, no entanto, apenas foi colocado fora de contexto em defesa de uma ideia previamente determinada.

Esta mitologia rege os trabalhos acadêmicos, de acordo com Skinner, nos quais os autores muitas vezes buscam uma coerência e não param enquanto não for encontrada, mesmo que nunca tenha sido a intenção do autor original ter estabelecido estas conexões.

LaCapra (1983) levanta seis questões que devem ser aplicadas ao se considerar os textos utilizados por um historiador:

- 1- A relação entre as intenções do autor e o texto: ao escrever um texto, um autor tem intenções de comunicar algo. De acordo com Skinner (*apud* LaCapra), o estudo da história intelectual deveria ser o estudo do que os autores quiseram dizer dentro de contextos históricos e situações de comunicação diferentes. Não obstante, esta identificação comumente não é facilmente encontrada, pois a intenção pode não estar clara para o próprio autor, ou mesmo ser descoberta ao longo ou após a escrita.
- 2- A relação entre a vida do autor e o texto: partimos do pressuposto de que a vida do autor interfere diretamente nas intenções apresentadas no texto, porém, esta investigação pode tornar a interpretação mais complexa do que simplificá-la, pois não necessariamente a obra é um reflexo das experiências do autor, podendo ser uma complementação ou crítica sobre questões que ele considera importantes e que não estão a um alcance consciente e intencional. Para LaCapra, um estudo psicobiográfico poderia dizer mais sobre um autor do que um estudo sobre sua vida.
- 3- A relação da sociedade para com os textos: um texto pode ser encarado como o local onde a longa tradição e o tempo específico se interseccionam, evidenciando a prática discursiva de uma época. Forma-se uma rede complexa de relações em que são percebidas as repetições de discursos com as adaptações a seu tempo (p.44). LaCapra alega que não há uma continuidade e descontinuidade, mas sim variações de discursos. Podemos, assim, estabelecer uma relação com os modelos apresentados por Koerner, não utilizando o modelo de descontinuidade-vs.-continuidade (Figura 4), mas pondo em evidência o modelo do progresso relativo (Figura 5), no qual as ideias não são interrompidas, mas passam por um processo de mudança e transformação.
- 4- A relação da cultura para com os textos: os textos não são meros documentos, mas podem servir como suplementos da realidade em contextos tradicionais, obtendo uma carga moral, como se pode constatar em algumas sociedades com textos religiosos ou constituições. Podem servir também com o intuito de quebrar um sistema e sugerir mudanças. Considerando a complexidade da cultura e a extensão imensa da comunidade global, LaCapra esclarece que pode-se esperar que a história intelectual seja o estudo

do discurso dos intelectuais de uma sociedade endereçados a um determinado grupo de um certo nível social, a fim de que se tenha melhores resultados. Entretanto, avalia que pode haver a expectativa de uma objetividade do pesquisador, de forma que ele se atenha à análise dos discursos de uma época sem apresentar uma interpretação, o que levaria a uma isenção de opinião do historiador. O autor também chama atenção para o risco de se neutralizar excessivamente um pensamento na tentativa de se identificar padrões e desmistificar a originalidade absoluta. Há certamente elementos que diferenciam autores de uma mesma época, como exemplificado com Freud e Fließ. Ambos conviveram na mesma época e compartilharam ideias para o desenvolvimento da psicanálise. Trazendo-se para o contexto da linguística, poderíamos colocar lado a lado Labov e Herzog. Ambos foram orientados de Weinreich e seguiram a abordagem sociolinguística. Todavia, há especificidades entre os autores e características específicas que não podem ser resumidas por uma vertente de pensamento, caso contrário, todos seriam iguais.

All too often the focus on the community of discourse leads the historian to limit research to minor figures or to highly restricted and unsituated aspects of the thought of a major figure (for example, Nietzsche's elitism, Marx's utopianism, or Freud's biologism). In addition, the delimited "communities" in which important modern intellectuals participate may themselves be made up more of the dead or absent than of the living or present. The most significant reference group may prominently include dead or distant (even future) "others" who become relevant largely through their works, which the "creative" intellectual helps bring to life in his or her own works through emulation, selective appropriation, parody, polemic, anticipation, and so forth. (LaCapra, 1983 p.51)

- 5- A relação de um texto com o *corpus* de um escritor: observa-se a relação de um texto do escritor com os demais textos escritos por ele, no que diz respeito ao desenvolvimento de ideias; a continuidade ou descontinuidade, isto é, se há um desenvolvimento linear ou uma quebra epistemológica; e se ideias de textos iniciais são retomados e encarados de uma nova maneira após uma nova compreensão.
- 6- A relação entre modos de discurso e textos: alguns autores defendem que o ponto central de discussão deve ser a estrutura de interpretação e convenções utilizadas na construção dos textos, que poderiam superar as diferenciações entre história e literatura por meio de uma análise mais profunda. Contudo, de acordo com LaCapra, esta é uma subordinação das ciências humanas ao positivismo, que valoriza a estrutura analítica e menospreza a existência de partes problemáticas do discurso. Ao invés disso, o autor defende que o que se deve analisar é a natureza das relações entre várias distinções analiticamente definidas no funcionamento da linguagem. Ou seja, ele sugere que se

encare a maneira de escrita dos textos por meio da consideração das diferentes maneiras de linguagem, de forma que se reconheça que historiadores utilizam recursos literários na escrita da história, assim como a literatura utiliza dados factuais.

Retomando os pontos levantados pela metodologia da história das ideias, ao escrevermos a historiografia linguística, devemos estar atentos à mitologia das doutrinas e à mitologia da coerência, bem como à questão do anacronismo, além de reconhecer que nossas ideias estão sujeitas à deturpação quando tentamos provar algo.

Considero que seja necessário deixar claro que ambos os autores Skinner e LaCapra, ao tratarem a metodologia da história intelectual e das ideias, aplicam-nas a um cânone de textos clássicos. Contudo, neste trabalho, serão utilizados os textos referentes à linguística, de maneira que a metodologia apresentada serve mais como uma sugestão de caminhos a serem seguidos a fim de se evitar alguns equívocos. A noção dos conceitos de mitologia das doutrinas e da coerência nos auxilia a evitar que tentemos enquadrar autores dentro de uma linha de pensamento como algo dado *a priori*. A coerência é uma construção, e mesmo que possa fazer sentido, está sujeita a distorções em nome da defesa de uma ideia.

Com as questões apresentadas por LaCapra, podemos estar mais atentos para o fato de que autores possuem intenções ao escrever um texto, mas que podem não estar claras nem para o autor, nem para o leitor. A vida dos pesquisadores também é considerada uma parte importante em trabalhos historiográficos que buscam compreender a formação das obras, pois os enquadram em um contexto histórico e na sociedade em que viviam. Portanto, ao longo do trabalho, a maioria dos autores principais são introduzidos com uma biografia. A compreensão de que os textos não são simplesmente objetos passivos, mas um instrumento que interfere na cultura é importante, pois quando os autores os escreveram, pretendiam comunicar algo que transformaria a ciência. Por exemplo, Schleicher, ao propor que a língua era um organismo vivo e classificá-la num modelo de árvore genealógica, estava convicto de que poderia contribuir para a compreensão da evolução da vida, uma vez que as línguas eram, consideradas por ele, como fósseis que serviam de evidência e estariam à disposição como provas utilizadas pela biologia. Havia uma intenção de transformar o pensamento da sociedade impulsionado pelo discurso mais forte da época proporcionado pelas descobertas de Darwin. Da mesma forma, Schuchardt ao contestar os neogramáticos queria trazer a compreensão da língua a partir de uma visão menos mecânica de mudança linguística e mais voltada para as comunidades de fala e o contato de línguas. O que busco demonstrar ao longo do trabalho é que Schuchardt também não

estava sozinho, mas seguia um discurso, uma ideologia inerente à sociedade em que vivia. Os textos originais fizeram parte do *corpus* da dissertação, como as obras de Schleicher (1861), Schmidt (1872) e Schuchardt (1885), contudo não foram o ponto de partida e de foco principal, devido à dificuldade de leitura de alguns deles. Foram utilizadas juntamente obras que analisavam e discutiam para auxiliar na leitura e compreensão dos textos.

2.12 DIVIDINDO ABORDAGENS LINGUÍSTICAS

Os estudos científicos muitas vezes se organizam sobre uma oposição de abordagens conflitantes entre si. Antes de entrarmos nas questões sobre a ciência linguística, podemos exemplificar com as frequentes disputas que ocorrem quando determinados assuntos estão passíveis de ser analisados tanto pelas ciências exatas quanto humanas. Um dos resultados dessas discussões costuma ser a busca por um consenso sobre o que é biologicamente determinado e o que é socialmente construído. Abordar tais discussões abrangendo um leque maior das ciências não é o foco central deste trabalho, todavia, serão discutidas como essas divisões de pensamentos se apresentam na linguística como um reflexo deste antagonismo. Por um lado, estão os defensores ou entusiastas da linguagem como uma faculdade mental determinada pela formação biológica dos seres humanos, do outro, está a concepção da língua como algo que é construído social e culturalmente.

Aqui não lidamos diretamente com a natureza da linguagem, sendo ela essencialmente uma faculdade biológica, mental ou uma instituição social, mas, sim, com as vertentes de pensamento que tratam a linguagem humana de uma ou de outra maneira. Em algumas ciências, costuma-se usar o nome escolas, como, por exemplo, na sociologia e na História. Já na linguística, não temos este costume, e, portanto, procurarei denominar as divisões de pensamentos como vertentes, abordagens e orientações como sinônimos.

Primeiramente, é preciso que se trace hipoteticamente uma linha que divida estes pensamentos, para que iniciemos as considerações sobre as divisões epistemológicas. De um lado, temos os autores que pendem para um lado mais imanente. Ou seja, a língua como faculdade mental, que ocorre dentro do indivíduo e deve ser estudada a partir de métodos mais próximos das ciências exatas. Do outro lado, temos os autores que pendem para as considerações externas, podendo ser elas sociais, políticas, geográficas, isto é, não apenas ligadas aos fatos unicamente linguísticos e estruturais.

Proponho aqui um primeiro problema ligado à terminologia que é relevante para este trabalho. Concernente ao primeiro grupo, nós podemos chamá-los de imanentistas, assim como propõe Faraco (2005). Já em relação ao segundo grupo, não existe um consenso e um termo que possa resumir a epistemologia da linha de pensamento. Faraco menciona como oposição ao imanentismo a teoria variacionista, contudo, não é sua intenção tomá-la como representante do todo, pois é apenas uma das subpartes de uma orientação social mais abrangente, assim como a teoria gerativista é uma categoria da orientação imanentista. Portanto, este termo não abarcaria completamente o espectro que queremos abordar.

Enquanto a teoria variacionista assume a heterogeneidade sincrônica das línguas como sistemática e primordial, pressupõe o enraizamento da questão histórica nessa heterogeneidade, defende a necessidade de se correlacionar língua e contexto social e busca sustentar suas hipóteses em amplos levantamentos de dados empíricos da comunidade de fala, a teoria gerativista assume a língua como uma realidade homogênea, enraíza a questão histórica na estrutura biológica do cérebro, preocupa-se primordialmente com relações internas ao sistema linguístico e não se preocupa em realizar amplos levantamentos de dados na comunidade de fala, ocupando-se antes em, com poucos dados, levantar hipóteses teóricas quanto à natureza da chamada gramática universal, entendida como o conjunto de restrições à forma das línguas e às possibilidades de mudança definidas pela configuração biológica do cérebro. (Faraco, 2005 p. 112)

Para expressar a oposição, Faraco também recorre aos advérbios “mais” e “menos” se referindo aos imanentistas.

Do embate entre diferentes orientações teóricas, temos aprendido – dos mais imanentistas – a observar e estudar os fatos de mudança no contexto estrutural, percebendo a importância do ambiente linguístico para a caracterização e descrição da dinâmica da mudança. Dos menos imanentistas, temos aprendido a focar a língua em sua inerente heterogeneidade, percebendo aí as múltiplas correlações entre língua e sociedade e aliando a dinâmica da mudança linguística com as vicissitudes da história das comunidades de falantes. (Faraco, 2005 p. 189)

Um sinônimo aproximado à teoria variacionista, poderia ser teoria laboviana, uma vez que os estudos de Labov deram início a uma maior consideração das variações presentes nas línguas em diversos níveis.

Silva (2008) propõe que a linguística histórica pode ser dividida em duas grandes vertentes: a *lato sensu* e a *stricto sensu*. A primeira compreende os estudos baseados em *corpora* bem como a análise do discurso. A segunda é a parte que se ocupa das mudanças que ocorrem nas línguas. Ainda de acordo com a autora, a linguística histórica *stricto sensu* se subdivide em duas categorias: a linguística histórica sócio-histórica e a linguística diacrônica associal. Estas duas categorias encontram paralelos com as divisões que busco fazer, de maneira que a linguística diacrônica associal corresponde à orientação imanentista, enquanto a linguística

histórica sócio-histórica representa o lado que considera o social. Desta forma, acredito que possa utilizar o termo orientação sócio-histórica em oposição didática à orientação imanentista.

Talvez a escolha dos termos “social” e “histórico” na composição em busca de uma palavra que compreenda a epistemologia que pretendemos abarcar ainda seja de certo modo limitadora. Contudo, embora não concorde plenamente, o termo “social” aparentemente unifica todas as atividades humanas como a política e a cultura, para citar alguns. Portanto, a palavra “social” dá a dimensão da preocupação com a cultura enquanto a palavra “histórica” dá a dimensão temporal, que é ponto central nos estudos.

Explicitadas as questões epistemológicas principais dos dois grupos que se pretende pôr em oposição, e exposto o problema terminológico, apresentamos algumas características que nos permitem separá-los mais claramente:

Quadro 2.1 – Orientações imanentista e sócio-histórica.

Orientação imanentista	Orientação sócio-histórica
<ul style="list-style-type: none"> • Língua como objeto autônomo • Mudança por motivação interna • Condicionamentos linguísticos • Perspectiva naturalista 	<ul style="list-style-type: none"> • Língua como objeto histórico, social e cultural • Dinâmica relacionada com o ambiente externo • Encaixamento estrutural e social • Perspectiva sociológica e antropológica

Fonte: elaborado pelo autor

A língua considerada como um objeto autônomo consiste na busca de sua natureza mental. Os imanentistas se ocupam em explicar a linguagem indo nas profundezas de sua razão psicológica, podendo-se, assim, desconsiderar as interferências do mundo externo, o que é o oposto da orientação sócio-histórica, que tem como preocupação o estudo dos mais diversos fatores que podem interferir no percurso de uma língua. Não se nega a psicofisiologia pois ela é um fato, no entanto, parte-se do pressuposto de que a língua é uma entidade social, formada por falantes diversos e que a cultura é o maior influenciador na maneira como a comunicação se organiza.

No imanentismo, as causas das mudanças linguísticas estão ligadas a como os seus sistemas se organizam. As mudanças partem das reorganizações destes sistemas, o que é refletido na metodologia do estruturalismo, que afirma que as línguas devem ser estudadas em torno de seus sistemas e, após exauridas essas questões, poderíamos então considerar fatores externos. Na orientação sócio-histórica o exterior, como as características do indivíduo (gênero, classe social, idade), a sociedade no qual ele está inserido, os diferentes contatos entre os falantes, é um fator indescartável. Pelo contrário, é o motivo principal da pesquisa.

A perspectiva naturalista leva os imanentistas a voltarem seu olhar para os condicionamentos linguísticos. Isto é, como os elementos da gramática se organizam sistematicamente e como a alteração de um acarreta ou não a alteração dos demais envolvidos. Já a outra orientação parte de uma perspectiva sociológica e antropológica por tratar de temas que não estão necessariamente relacionados a como a mente funciona, mas como os seres humanos se organizam em sociedade.

A partir destas características principais, proponho uma linha do tempo que servirá como guia para traçar a cronologia e escrever a historiografia da linguística histórica sob a proposta de divisão de duas linhas de pensamento.

Quadro 2.2 – Recorte cronológico das orientações imanentista e sócio-histórica

Orientação imanentista		Orientação sócio-histórica
1861 - August Schleicher <i>Compendium der Vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen</i>	1860	
1878 - Hermann Osthoff & Karl Brugmann <i>Morphologische Untersuchungen Neogramáticos</i>	1870	1872 Johannes Schmidt - <i>Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen</i>
Trabalhos de Georg Wenker 1880 Hermann Paul <i>Prinzipien der Sprachgeschichte</i>	1880	1885 Hugo Schuchardt <i>Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker</i>
Saussure Estruturalismo	1890 1900 1910	Antoine Meillet Língua considerada como social
Chomsky	1920 1930 1940 1950 1960	1968 – Weinreich, Labov & Herzog <i>Empirical Foundations for a Theory of Language Change</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

2.13 RECORTE CRONOLÓGICO

O recorte cronológico foi feito no período entre duas obras importantes: *O compêndio de gramática comparada das línguas indo-europeias*, de August Schleicher, publicado em 1861 e *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de Weinreich, Labov & Herzog, publicada em 1968.

Convenientemente o recorte abrange exatamente um século, iniciando-se na década de 1860 e concluindo-se na década de 1960. A primeira obra pode ser vista como uma

representante do pensamento que se formaria nos anos seguintes, pois foi onde Schleicher apresentou a teoria da árvore genealógica, a qual demonstra como as línguas estão relacionadas entre si em parentesco e que deu origem aos estudos genéticos. A última obra é um marco dos estudos sociolinguísticos por apresentar estudos feitos a partir de dados coletados de falantes reais e propor o axioma da heterogeneidade ordenada.

A tabela é uma tentativa de organizar de forma visual as duas orientações linguísticas que se opõem. Contudo, não se deve tomá-las como estanques, mas considerar o *continuum* de um ponto a outro. Alguns autores podem estar mais propensos a uma tendência, mas não representar totalmente as características rotuladas ao grupo. Por este motivo, é necessária a ponderação proporcionada pelas metodologias que foram apresentadas. Como temos dois grupos possíveis, distribuímos os autores conforme suas tendências de pensamento, todavia com o risco de cometermos os enganos da mitologia das doutrinas.

Um exemplo prático pode ser dado: ao iniciar a confecção da tabela ainda no projeto do mestrado, incluí o autor Georg Wenker no lado sócio-histórico, pelo simples fato de ele ter feito pesquisas na área de geografia linguística e dialetologia. A partir disso, inferi que ele dava prosseguimento à teoria das ondas de Schmidt e Schuchardt. Contudo, ao estudá-lo mais profundamente, percebi que ele era, na verdade, um discípulo da geração dos neogramáticos, que são os representantes por excelência do internalismo.

2.14 PERÍODO ANTERIOR AO SÉCULO XIX

Antes de iniciarmos a discussão sobre o devido período do recorte cronológico, é preciso esclarecer que em tempos muito anteriores ao século XVIII já existia o conhecimento do parentesco entre as línguas. No entanto, por diversas questões, dentre elas políticas e historiográficas, tomou-se o século referido como o ponto de partida para tais estudos. É graças ao raciocínio formado a partir de tentativas e erros de estudiosos do passado que pudemos construir a noção que temos hoje.

Dante (1265-1321), nos séculos XIII e XIV, já havia observado a relação de parentesco entre as línguas (ROBINS, 1983). Ainda seriam necessários mais de quatro séculos de estudos isolados até que chegássemos na efetiva formulação de conhecimentos mais sistematizados. Pode-se afirmar a partir disso que houve um grande período de proposição e amadurecimento de ideias que estiveram presentes e moldaram o pensamento dos pesquisadores modernos. Campbell dá uma lista com vários autores que desde a Idade Média já haviam tratado sobre

conexões entre as línguas indo-europeias, como Giraldus Cambrensis (1194), Comenius (1657), Dante (1305), Gelenius (1537), Goropius (1569), Ihre (1769), Jäger (1686), apenas para citar alguns exemplos (cf. Campbell)

A teoria da monogênese esteve presente como fio condutor de pesquisas sobre as línguas ao longo da história, o que poderia ser considerado uma ideia-unitária. Há certamente uma relação com uma realidade teórica de que nós, seres humanos, surgimos em um determinado lugar do planeta e juntamente conosco a linguagem que se difundiu conforme o crescimento da espécie. Contudo, a busca inicial entrava em consonância com as mitologias e formas de construção de conhecimento dos antigos. Os estudos estavam costumeiramente ligados à procura de provas que reafirmassem, por exemplo, que o hebraico teria sido a primeira língua a ser falada. Obviamente as questões culturais, principalmente religiosas, eram as principais condutoras dessas narrativas, estando sujeitas à posição de cada observador e suas intenções de descrição do objeto.

J.J. Scaliger (1540-1609) já havia amadurecido seu trabalho em relação a Dante propondo a existência de onze famílias linguísticas bastante semelhantes ao que temos hoje, errando, porém, ao não perceber as relações entre esses grupos (ROBINS, *op. cit.*).

Leibniz (1646-1716) avançou ao retirar o hebraico do centro da teoria monogenética e colocá-lo dentro da família semítica. Vejo com isso uma analogia com a proposição de Copérnico que demonstrou que não estamos no centro do universo, confirmando que nossas maneiras de narrar são alteradas conforme nossos pontos de vista. Para os europeus que viveram no período de Leibniz, o hebraico era importante por questões religiosas e, portanto, haveria de ser a primeira língua. Isso fazia com que as proposições fossem moldadas a partir de um eixo. Ainda seguindo esta maneira de construção epistemológica, como um homem de seu tempo, Leibniz propôs os nomes das famílias linguísticas com os filhos de Noé, pois havia a necessidade de se explicar a relação da origem da humanidade com as escrituras bíblicas. Desta maneira, o que conhecemos como línguas indo-europeias eram chamadas de línguas jaféticas em referência a Jafé. Até hoje mantemos o nome da família semítica que é proveniente de Sem. Já a família camítica, relativa a Cam, estaria relacionada a línguas faladas na África.

Todas essas formas de estudos fizeram parte da construção da ciência, pois foi necessário que passássemos por processos antes de chegar ao que temos hoje. Da mesma maneira, ainda podemos reconhecer que nossas formas de conhecimento de hoje serão base para outras empreitadas no futuro. Robins (*op. cit.*) resume a maneira como os estudos linguísticos se organizaram nos séculos anteriores à formação dita oficial da ciência linguística:

Ao estudioso de hoje pode parecer que, do ponto de vista de uma teoria abrangente e bem ordenada, a coleta de material linguístico durante o século XVIII foi feita quase sempre de modo um tanto impreciso e aleatório; também pode parecer que as teorias gerais sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem, que vieram a lume nessa mesma época, [...] não passam em grande parte de especulações vazias de conteúdo por falta de dados adequados sobre a realidade das línguas. Porém esses dois diferentes acontecimentos têm lugar reservado no curso da história, pois para nossa felicidade eles se concretizaram, ainda que de modo contingente, nos anos que imediatamente antecederam a profícua descoberta das relações entre o sânscrito e as principais línguas europeias, descoberta que favorecida pelo ambiente acadêmico dominante no início do século XIX, serviu de estímulo para a integração da teoria e dos dados observados numa era de contínuo progresso. (ROBINS, p. 136)

2.15 STAMMBAUMTHEORIE VS. WELLENTHEORIE

Os pontos iniciais da tabela são representados pelo advento da teoria da árvore genealógica (*Stambaummtheorie*) do lado imanentista e da teoria das ondas (*Wellentheorie*)¹² do lado sócio-histórico. A oposição entre estas duas teorias é o que motivou o início desta pesquisa, pois elas criam um fio condutor para uma narrativa sobre a divergência entre linguística genética e contato a partir de uma explicação histórica.

2.15.2 STAMMBAUMTHEORIE

A teoria da árvore genealógica foi apresentada na obra *Compêndio da gramática comparativa do indo-europeu, sânscrito, grego e latim*, publicada em 1861 por August Schleicher. De acordo com Robins (1983, p.144), este compêndio era uma reunião de vários estudos e uma apresentação sistemática do que já se havia estudado em linguística até o momento.

A obra consistia no estudo comparativo do proto-indoeuropeu (língua reconstruída hipoteticamente) com seus descendentes vivos. A partir dessas comparações, Schleicher foi capaz de classificar genealogicamente as línguas e representá-las em um modelo em formato de árvore, provavelmente pelo sistema taxonômico de Lineu utilizado na biologia.

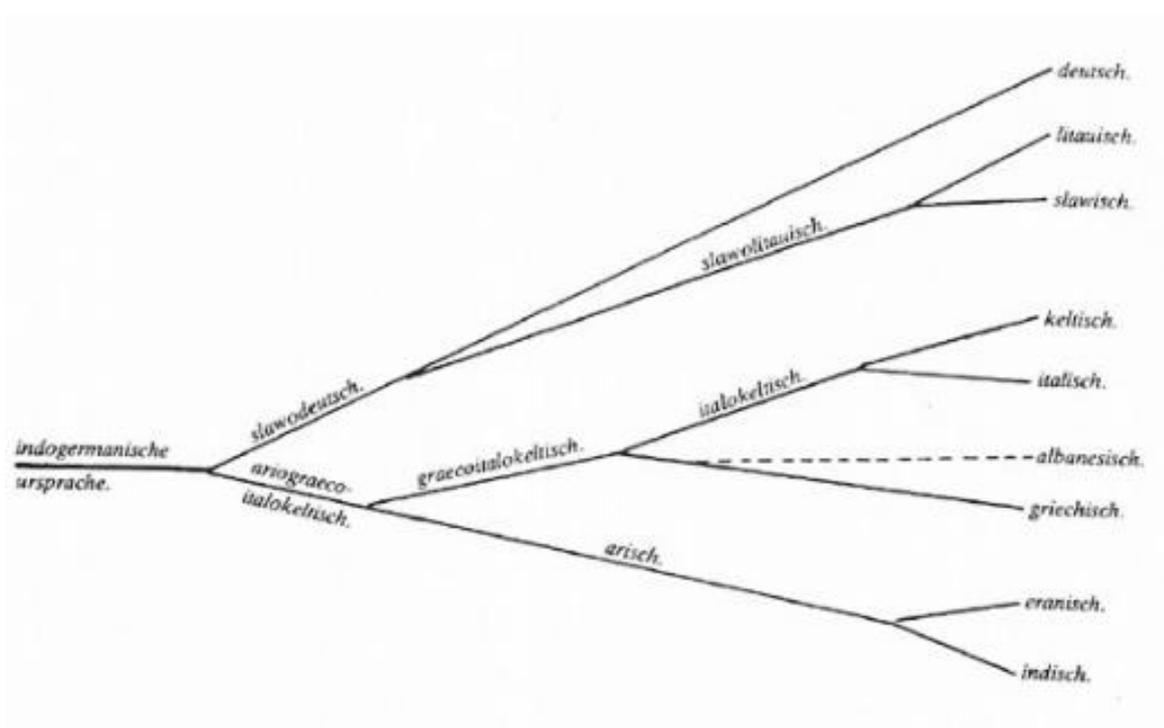
Muitas críticas foram feitas na época em que o modelo foi apresentado e prosseguem sendo as mesmas atualmente, uma vez que ainda se utiliza esta forma de classificação. Uma delas é a incapacidade de o modelo demonstrar o processo de mudança da língua, apenas representando o momento exato em que uma língua se divide para dar origem a outras. Este momento de divisão não existe, pois línguas relacionadas podem coexistir, não havendo um momento em que uma língua mãe se transforma nas línguas filhas. Há também a ausência de

¹² Ao longo do trabalho serão utilizados os termos tanto em português como em alemão para ambas as teorias.

representação dos dialetos que compõe a diversidade das línguas específicas, pois estes só se apresentam nos galhos da extremidade da árvore, quando, todavia, todas as línguas são compostas por dialetos, até mesmo a proto-língua que está na base.

Contudo, em defesa do modelo da árvore genealógica, não se pode esperar que uma metáfora compreenda todos os detalhes da realidade, ao passo que não se almeja desenvolver uma teoria geral da mudança linguística nesse caso (o que seria impossível de se representar em um gráfico). A *Stammbaumtheorie*, feitas as devidas ressalvas, cumpre seu papel ao demonstrar a relação genealógica que as línguas possuem.

Figura 2.6 - Stammbaumtheorie



Fonte: NIELSEN, 1989, p. 110.

2.15.3 WELLENTHEORIE

Não há um consenso na literatura sobre o autor da teoria das ondas. Geralmente atribui-se a Johannes Schmidt, como é o caso de Nielsen e Bynon:

“Schmidt [...] replaces Schleicher’s genealogical tree and its clear-cut ramifications by his own ‘wave theory’”.(NIELSEN, 1989 p. 112)

A theoretical model which postulates the spread of linguistic innovations from a centre over the surrounding territory – much as a stone thrown into still water produces progressively wider and fainter ripples around its point of impact – was first proposed by Johannes Schmidt in a book on the interrelationships of the Indo-European languages and has come to be known as the wave theory. (BYNON, 1977 p. 192)

Contudo na *Allgemeine deutsche Biographie*¹³, onde se pode encontrar catalogadas as informações biográficas de diversos autores alemães, a autoria é atribuída a Hugo Schuchardt.

“Er war Urheber der Wellentheorie in der historischen Sprachwissenschaft und Dialektologie sowie programmatischer Gegner der Junggrammatiker”

Há também a consideração de ambos como autores:

“The genesis of the wave theory, the assignment of credit for it variously to Schmidt or Schuchardt or both”. (Fought, 1982 p.426)

No verbete da Wikipédia em alemão, Hugo Schuchardt é considerado o autor original e Johannes Schmidt um desenvolvedor subsequente.

Schmidt é um autor menos conhecido, de forma que seu nome não pode ser encontrado entre os autores listados na *Deutsche Biographie*. Por outro lado, a obra de Schuchardt está amplamente disponibilizada na internet por iniciativa da Universidade de Graz, havendo inclusive suas correspondências originais digitalizadas. Devido à ausência de informações sobre Schmidt, é difícil afirmar se ele e Schuchardt estiveram em contato e se houve alguma relação entre ambos em algum grau. Se fôssemos considerar apenas os documentos onde a teoria foi publicada sem nenhuma informação bibliográfica, poderíamos chegar à conclusão de que Schmidt teria sido o primeiro a publicar e descrever oficialmente a *Wellentheorie*, pois sua obra é a primeira a mencioná-la, e, inferiríamos que Schuchardt teria sido o mais importante entusiasta com poder e influência para torná-la conhecida. Contudo, Fought (1982 p.426) descreve a maneira como Schuchardt narra em sua autobiografia (*Der Individualismus in der Sprachforschung*) sua preocupação com a autoria da teoria das ondas. Segundo Schuchardt, em uma discussão acadêmica, quando duas pessoas discordam, logo se quer saber quem está certo; já quando duas pessoas concordam, se quer saber quem foi o primeiro a ter a ideia, não restando muito espaço para o compartilhamento. Entretanto, prossegue Fought, Schuchardt não correspondeu às suas próprias palavras ao querer destaque sobre o desenvolvimento da teoria.

¹³ <http://www.deutsche-biographie.de>

Ele se preocupou em registrar a data em que ele a desenvolveu (1866-68) e quando realizou a primeira apresentação em Leipzig em 1870, na presença dos linguistas Curtius e Zarncke. Também deixou claro que a apresentação de Schmidt havia sido no ano de 1872. Além disso, ao menos durante os estudos na universidade, os dois não se encontraram: “*But he carefully builds a wall between himself and Schmidt, noting that although they registered as students at Bonn on the same day, 3 May 1861, they never met during the three semesters Schmidt spent there before going on to Jena.*” (p.426). Para Fought, o fato de Schuchardt ter tratado sobre essa questão com tantos detalhes 65 anos depois em sua autobiografia, demonstra que ele queria crédito pela teoria.

O primeiro local onde podemos encontrar oficialmente a primeira publicação da teoria das ondas foi a obra *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen* (A relação de parentesco das línguas indoeuropeias) de Schmidt. Logo na nota prévia o autor afirma:

Es lag mir daran die discussion einer frage wider zu eröffnen, welche manchem schon abgeschlossen erscheint, zu manen, wie unsicher der gegenwärtig als giltig anerkannte stammbaum unserer sprachen ist, auf die gefar hin, dass das verhältniss, wie ich es skizziert habe, im fortschreiten der erkenntniss selbst neuen modificationen unterworfen sein wird.¹⁴

Schmidt diz que pretende reabrir uma discussão que muitos já consideravam concluída, sob o risco de fazer modificações sobre a questão das relações já reconhecidas entre as línguas. Ele não cita a apresentação de nenhuma nova teoria, contudo esta menção já é uma preparação para o que vem a seguir.

Logo de início, ele atribui a Bopp a descoberta da relação entre as línguas da família indoeuropeia e afirma que Schleicher é defensor da visão principal que divide as línguas indoeuropeias em dois ramos principais, como observado na *Stammbaumtheorie*. De um lado está o ramo “*slawodeutsch*” e no outro o “*ariograecoitalokeltisch*”. É esta suposição que ele busca problematizar.

Ao longo do trabalho, o autor apresenta uma grande extensão de dados linguísticos que provam a relação que as línguas possuem e a partir deles contesta a maneira como Schleicher e outros autores os classificaram. Para exemplificar, de acordo com a obra, Schleicher, Curtius, Corssen e Meyer concordam com o argumento de que as famílias grega e itálica são aparentadas

¹⁴ Foi mantida a grafia do original. Tradução nossa: Eu gostaria de reabrir a discussão, que para muitos parece encerrada, para lembrar o quão incerta é a presente árvore genealógica reconhecida de nossa língua, considerando que, com o desenvolvimento do conhecimento, a relação que eu esbocei anteriormente estará sujeita a passar por novas modificações.

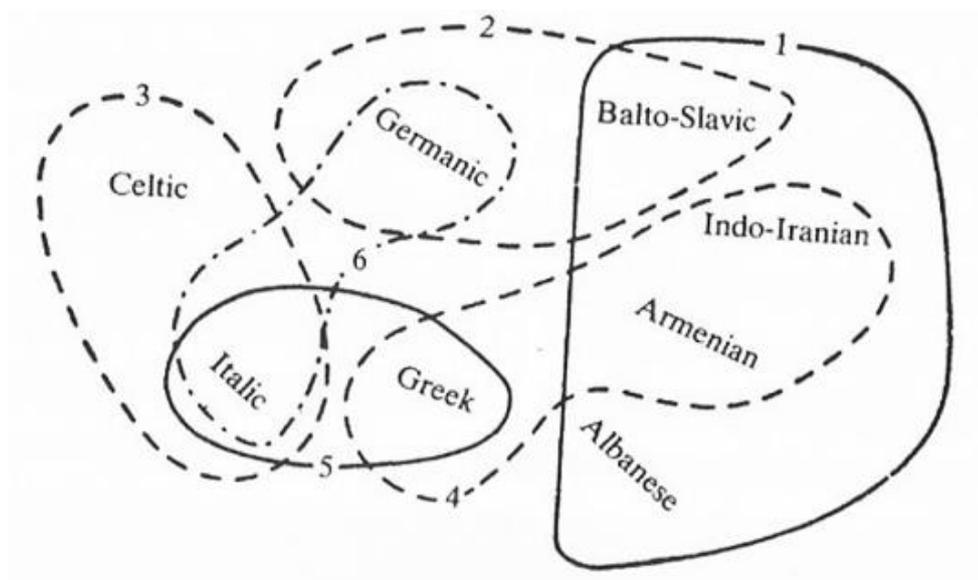
e por esse motivo são classificadas proximamente por duas razões: a primeira por apenas essas duas famílias apresentarem um radical feminino - õ -, e a segunda por ambas essas famílias passarem pelo processo de mudança de /a/ para /o/, e mais tardiamente /u/ no latim, enquanto as demais línguas mantiveram o som inicial. Estes são apenas exemplos brevíssimos diante dos vários que são dados por Schmidt e que formam basicamente todo o estudo.

Surgem então as ideias de geografia linguística e interinfluência por contato, embora o autor não utilize este último conceito. Contudo, pode-se observar em seu raciocínio a lógica de que há a possibilidade de que línguas sofram uma convergência devido à região de convivência de seus falantes, de forma de que não é possível se afirmar com certeza quais são as características compartilhadas que foram herdadas geneticamente.

Após a apresentação de diversos dados é feita a descrição da teoria das ondas, sendo demonstrada apenas por meio da escrita, sem haver ilustração de nenhum gráfico.

Se nós quisermos representar a relação de parentesco das línguas indo-europeias em uma figura que ilustre a formação de suas diferenças, devemos desistir completamente da ideia da árvore genealógica. Eu gostaria de substituí-la pela imagem de ondas, na qual se espalham anéis concêntricos a partir de um centro se tornando cada vez mais fracos. (Schmidt, 1872, p.27, tradução minha)¹⁵

Figura 2.7 – Wellentheorie



Fonte: NIELSEN, 1989, p. 112.

¹⁵ Wollen wir nun die verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen sprachen in einem bilde darstellen, welches die entstehung irer verschidenheiten veranschaulicht, so müssen wir die idee des stammbaumes gänzlich aufgeben. Ich möchte an seine stelle das bild der welle setzen, welche sich in concentrischen mit der entfernung vom mittelpunkte immer schwächer werdenden ringen ausbreitet. (SCHMIDT, 1972, p.27)

2.15.4 APLICAÇÃO DA STAMMBAUMTHEORIE E DA WELLENTHEORIE AOS MODELOS DE PROGRESSO CIENTÍFICO

Apresentadas as duas teorias, podemos criar a abstração do recorte cronológico. A *Stammbaumtheorie* representa a vertente imanentista e a *Wellentheorie* representa a vertente sócio-histórica. O primeiro modelo que podemos utilizar é o *mainstream-vs.-undercurrent* (cf. modelo 2).

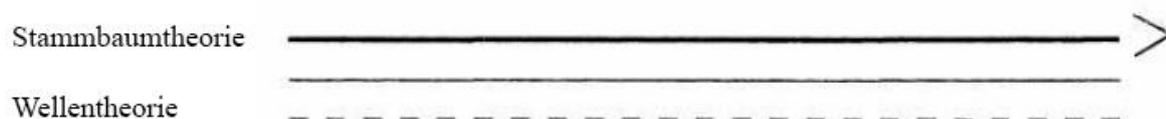
A teoria da árvore genealógica é facilmente reconhecida como corrente principal (*mainstream*), pois seu autor foi um dos mais reconhecidos e importantes da segunda metade do século XIX e por ter criado uma forma de representação do parentesco histórico utilizado até hoje tanto por linguistas históricos quanto por linguistas de outras áreas, chegando ao conhecimento até de pessoas que não são da área da linguística devido a sua proporção e também por ter sobrevivido às críticas. Um exemplo são reportagens de revista para leigos como a *Superinteressante* que chegam a utilizar a *Stammbaum*. Por outro lado, está a teoria das ondas, que raramente é citada nos próprios manuais de linguística e cujos autores são conhecidos principalmente pelos que pesquisam contatos linguísticos ou questões mais sociolinguísticas.

Como já demonstrado anteriormente, Koerner afirma que no século XIX houve pelo menos duas correntes concorrentes: a principal materialista representada por Schleicher e os neogramáticos e a corrente alternativa representada pela abordagem mentalista humboldtiana. Podemos ir além incluindo a abordagem que aqui convencionamos chamar de sócio-histórica, cujos representantes podem ser resumidos por Schmidt e Schuchart.

Por tratarmos no momento de um ponto específico no recorte cronológico, nos ateremos ao modelo estático de *mainstream-vs.-undercurrent*, pois não houve um momento em que a abordagem imanentista se tornou uma corrente alternativa com menos atenção e também não houve nenhuma interrupção em ambas as vertentes como propõe o modelo de descontinuidade vs. Continuidade.

Temos, portanto, as duas vertentes postas, simplificadaamente, em oposição:

Figura 2.8 – Stammbaumtheorie-vs.Wellentheorie



Robins (1983, p.145) afirma que “Schmidt elaborou a chamada *Wellentheorie*, procurando mais complementar a teoria de Schleicher do que substituí-la”. No entanto, como já demonstrado por meio das citações retiradas da própria obra de Schmidt, o autor defendia que a teoria da árvore genealógica deveria ser abandonada.

2.16 AUGUST SCHLEICHER (1821 – 1868)

August Schleicher foi um importante linguista nascido em Meiningen, na Turíngia, em 1821. De acordo com Leroy (1982) e Faraco (1995), Schleicher teve sua formação inicial como botânico. Contudo, segundo a *Allgemeine Deutsche Biographie & Neue Deutsche Biographie*, constata-se que primeiramente Schleicher ingressou no curso de teologia e línguas orientais em Leipzig em 1840, mudando-se para a Universidade de Tübingen em 1841, onde teve contato com a filosofia de Hegel, que o tornou interessado por questões seculares (RICHARDS, 2002). Finalmente mudou-se para Bonn em 1843 para cursar filologia clássica, tendo assim a oportunidade de começar sua carreira como linguista. Nota-se, portanto, que em sua formação acadêmica não houve o estudo da botânica. Contudo, esta informação é relevante e ressaltada por todos os autores que se referem a Schleicher, pois seu gosto pela biologia certamente o influenciou em seus estudos linguísticos, de forma que até mesmo chegou a trocar correspondências com Darwin. Em 1846, obteve seu título de doutorado e sob o auxílio do príncipe Georg de Meiningen, pôde dar continuidade às suas pesquisas e viajar com frequência. Em 1857, aceitou a posição de professor de filosofia na Universidade de Jena, que tinha a fama de ser o local que incentivou o movimento romântico e também onde seu pai havia estudado. Contudo na década de 50, a universidade passava por dificuldades financeiras e Schleicher se viu isolado por ter ideias liberais enquanto seus colegas eram conservadores. “Jena é um grande pântano e eu sou um sapo”, cita Richards o que Schleicher haveria dito a um amigo. Em 1868, aos 48 anos, morreu possivelmente por tuberculose.

No final da década de 1850, aconteceu algo que agitou a Europa e que influenciou diretamente não só a obra de Schleicher mas o pensamento ocidental dali em diante:

Levou apenas um ano para completar esse trabalho, que foi publicado em 24 de novembro de 1859 sob o título de “Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou A preservação das raças privilegiadas na luta pela sobrevivência”. Já se espalhara a notícia de que Darwin estava por produzir uma nova obra sensacional, e a primeira edição de 1.250 exemplares se esgotou no dia da publicação. Novas edições logo se seguiram e o livro foi traduzido pra inúmeras línguas, do boêmio ao hebreu, provocando controvérsias e comentários em todo o mundo. (STRATHERN, 2001)

O livro que Darwin resistiu em publicar por anos para evitar polêmicas se tornou rapidamente um *best-seller* e provavelmente foi traduzido em pouco tempo para o alemão. Foi esta edição alemã que, de acordo com Richards (*op. cit.*), Ernst Haeckel sugeriu que seu amigo Schleicher lesse. Pouco mais de um ano mais tarde, Schleicher viria a publicar sua obra na qual apresenta a teoria da árvore genealógica, inevitavelmente influenciado.

Na introdução do *Compêndio da gramática comparativa do indo-europeu, sânscrito, grego e latim* (*Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*), Schleicher faz uma pequena apresentação sobre o que é linguística e qual é seu objeto (SCHLEICHER, 1861, LEHMANN, 1967). O autor trata a língua como um organismo vivo, que, assim como se observa no mundo natural, nasce, se desenvolve e morre, afirmando, a partir disso, que o objeto de estudo da linguística é a vida da língua (*das leben der sprache*), discutindo inclusive qual é a maneira mais correta de se chamar esta ciência nova, propondo “gramática histórica” (*historische grammatik*); “história da língua” (*sprachegeschichte*); e chegando, finalmente, à conclusão que a maneira mais correta é dizer “estudo da vida da língua” (*lere vom leben der sprache*), sugerindo ainda um termo já em desuso, *glottik*, como um nome alternativo à linguística.

No início do século XIX, August Wilhelm Schlegel havia desenvolvido a classificação de tipologia morfológica, cujos conceitos e terminologia ainda são utilizados atualmente, na qual se dividem as línguas entre isolantes, aglutinantes e flexionais. Schleicher usou essa divisão como base argumentativa para defender o evolucionismo linguístico, no qual, afirmava que as línguas isolantes (ex. chinês, anamês, siamês, burmês) estariam em um estágio inferior, pois são línguas monossilábicas que só possuem radicais, os quais não fazem ligações com outros afixos. Para dar força a seu argumento, Schleicher utiliza uma dedução de como seria o indo-europeu em seu período isolante: *ai-mi* (eu vou) seria teoricamente dito como *i* ou *i ma*.

Num estágio acima estariam as línguas aglutinantes (ex.: finlandês, tatar, dekhan, basco), que permitem a composição de radicais com afixos. Segundo Schleicher, no período aglutinante, o indo-europeu expressaria *ai-mi* como *i-ma* ou *i-mi*.

E por fim, o último estágio possível a ser alcançado pelas línguas seria o flexional, representado pelas línguas indo-europeias e semíticas, nas quais um afixo pode possuir mais de um significado.

Segundo Schleicher, a vida de uma língua possuía dois estágios: o primeiro, chamado pré-histórico, no qual as línguas passavam por seu desenvolvimento, partindo de isolantes até

chegarem ao ponto máximo flexional e, após isso, o período histórico em que havia o declínio, a partir do qual as línguas caminhavam para a morte.

Em 1863, Schleicher publica a obra *Die Darwinsche Theorie und Sprachwissenschaft* (A teoria darwinista e a linguística) e a envia para Ernst Haeckel, na qual afirma que Darwin não havia dado provas empíricas para a teoria da evolução, de forma que o modelo da *Stammbaumtheorie* poderia ser uma contribuição da linguística para a biologia, uma vez que as línguas, por serem organismos vivos, serviriam como fósseis.

Darwin had, according to Bronn, no direct empirical evidence, only analogical possibilities. Schleicher, like many other Germans, accepted Bronn's evaluation. He yet insisted that language descent, unlike the imaginative scenarios Darwin offered, could be it was already an empirically established phenomenon. Moreover, the linguist's descent trees (Stammbäume) might be used as models for construing the evolution of plant and animal species. (RICHARDS, p.13)

No ano seguinte, em 1864, Schleicher publica *Die Darwinsche Theorie und die Thier- und Pflanzensucht* (A teoria darwinista e a pesquisa sobre animais e plantas), que não trata sobre linguística, mas sobre biologia e a envia para Darwin, mantendo assim correspondência com o cientista.

A segunda metade do século XIX foi grandemente influenciada pela publicação de Darwin, o que interferiu na maior parte das produções científicas dali em diante. Contudo a influência não foi de mão única da biologia para a linguística. As ciências costumam estar ligadas de forma que Darwin também considerou os estudos linguísticos em sua pesquisa sobre a evolução. Naturalmente, a linguagem era algo indissociável da pesquisa, pois era o que mais diferenciava os seres humanos dos demais animais. Era uma grande preocupação entender como a linguagem estaria ligada à evolução da espécie humana.

De acordo com Richards (p.15), o pensamento europeu, principalmente o alemão, naquele tempo era regido pela filosofia do romantismo, de forma que isso era refletido na inseparabilidade entre o ser humano e a natureza. A essa filosofia damos o nome de monismo, que é o oposto ao dualismo. Desta maneira, para Schleicher, a evolução da linguagem era uma prova da evolução dos organismos, uma vez que corpo e mente formavam um todo.

2.17 JOHANNES SCHMIDT (1843-1901)

Devido ao fato de termos poucas informações sobre Schmidt, se torna mais difícil afirmar quais foram as influências que o levaram ao desenvolvimento da teoria das ondas. Ficou

bastante claro que Schleicher estava mergulhado em um universo naturalista em consonância com a teoria de Darwin. Isso nos leva a questionar, em contraponto, qual era o pensamento vigente da época que permitia a Schmidt contestar as proposições naturalistas e embarcar em uma argumentação de orientação mais social.

Abre-se então um espaço para uma pesquisa mais aprofundada: Até que ponto os autores que compartilhavam de uma orientação social não concordavam com o naturalismo e qual era a base de pensamento que eles tinham por trás de sua filosofia? Assim como o imanentismo estava embasado em uma corrente ideológica maior que a linguística, havia uma contracorrente¹⁶ na época que poderia ser tida como base para as contestações das vertentes sócio-históricas? Cabe também considerar se, ao propor a teoria das ondas, Schmidt, e possivelmente Schuchardt, tinham a intenção e a consciência de trazer à luz uma linha de pensamento que ia além de uma simples apresentação de uma teoria que era apenas a externalização de uma corrente que já estava presente na crença de seus defensores.

Na obra de Schmidt (1872) publicada dez anos após o compêndio de Schleicher, o autor chega a considerar brevemente, sem um rigor de estudo, questões como política, religião, relações sociais como fatores que podem interferir nas línguas. Contudo, apesar de esses temas serem abordados, podemos ser levados a um equívoco de pensamento sobre o posicionamento da *Wellentheorie* como uma representante da orientação sócio-histórica. Primeiro por sermos influenciados por sua natureza contestatória da *Stammbaumtheorie*. Não obstante, posicionar-se contra uma ideia não é o suficiente para enquadrarmos o contestador na oposição, assim, como veremos adiante, os neogramáticos se opuseram a Schleicher, e ainda assim podemos considerá-los como imanentistas. O segundo ponto da problematização é a busca por construir uma argumentação que demonstre a possibilidade de a teoria das ondas ser um ponto inicial da vertente sócio-histórica. O que nos leva a estar atentos à questão da mitologia das doutrinas, para que não se caia no erro de desenvolver uma compreensão anacrônica e descontextualizada dessa teoria forçadamente adaptada a uma concepção mais sociológica da linguagem.

Supondo, como uma ilustração, que exista uma orientação sócio-histórica como uma entidade com determinadas características que nos permite identificá-la, podemos ponderar sobre a possibilidade de que atribuir seu início num recorte cronológico ao advento da teoria das ondas é um tanto prematuro, uma vez que os princípios da sociolinguística se tornaram muito mais aparentes e amadurecidos no século XX. É possível que a *Wellentheorie* seja apenas

¹⁶ Utilizo o termo contracorrente com o intuito de reforçar que havia posicionamentos que se opunham ideologicamente. Contudo, pode-se utilizar o termo corrente alternativa, como discutido no item 2.6.2.

uma contestação pontual, carregando, logicamente, uma epistemologia oposta ao imanentismo e ao naturalismo, mas que ainda não era suficientemente uma linha de pensamento consistente. Estas são apenas algumas considerações, já que lidamos com ideias e não somente com escolas de pensamento oficializadas. Pode ser plausível afirmar que no século XIX havia somente uma ideia embrionária da orientação sócio-histórica, da mesma maneira que a genealogia das línguas já vinha sendo gestada antes do século XVIII. O que consiste em dizer, em tese, que seus pesquisadores não eram orientados conscientemente por uma doutrina, mas apenas consideravam a questão social um pouco mais além, enquanto seus trabalhos estavam em grande parte de acordo com a corrente principal da época. Todavia, não é necessário que uma ideologia esteja visivelmente assentada para que consideremos o melhor ponto hipotético de seu início, de forma que o recorte cronológico é o menor de nossos problemas.

2.18 NEOGRAMÁTICOS

Os neogramáticos costumam ser frequentemente citados nos manuais de linguística histórica, pois, como afirma Faraco (2005), eles atuaram como um divisor de águas entre os comparatistas do século XIX e o princípio da linguística moderna que viria a ser desenvolvida no século seguinte. Percebe-se que, ao afirmar que os linguistas que vieram após este acontecimento, ou seguem os fundamentos dos neogramáticos ou polemizam com eles, Faraco está reforçando uma divisão de orientações na linguística. Os responsáveis pelo advento dessa escola de pensamento foram Karl Brugmann (1849-1919) e Hermann Osthoff (1847-1909), que publicaram em 1878 o manifesto neogramático na revista *Morphologische Untersuchungen* (investigações morfológicas) na Universidade de Leipzig.

A proposta principal dos autores era a de que todas as mudanças fônicas ocorriam de acordo com leis de processos mecânicos para os quais não havia exceção (MARTELOTTA, 2009; ROBINS, 1983).

Todas as mudanças fônicas, como processos mecânicos, ocorrem de acordo com leis que não admitem nenhuma exceção (ausnahmslose Lautgesetze) dentro do mesmo dialeto, e o mesmo som, em contextos idênticos, evoluirá sempre da mesma maneira; porém as criações e as modificações analógicas de determinadas palavras como entidades lexicais ou gramaticais constituem também componente universal da mudança linguística em todos os períodos históricos e pré-históricos. (ROBINS, 1983, p.148)

Isso fez com que as atenções se voltassem para a sistematicidade da mudança linguística e colocou a reconstrução de formas prototípicas das línguas em uma posição de corrente alternativa, de forma que podemos observar dentro do próprio imanentismo uma alternância de

pensamentos. Decorrente disso, houve um aumento da ênfase sobre os estudos de dialetos falados na época, podendo-se dizer que a linguística começava a desenvolver sua metodologia a partir de análise de dados e observações sincrônicas.

Foram atribuídos à analogia, aqueles processos de mudanças que os neogramáticos não conseguiam explicar segundo as leis sem exceção. Por exemplo, Martelotta (2009) explica brevemente a mudança de pronúncia no português da palavra “estrela”, que era pronunciada como “*stella*” no latim, deduzindo-se que houve uma analogia com a palavra “astro”. Assim como “floresta” derivada de “*forestis*” obteve essa forma por analogia com a palavra “flor”.

Faraco (*op.cit.*) explica que a analogia, para os neogramáticos, era uma interferência do plano gramatical no plano fônico. Se durante o processo de mudança da língua ocorre uma alteração que está em desacordo com a gramática, a forma fonética se adapta por meio da analogia. Desta maneira, a palavra “*honos*” do latim, diante da transformação do /s/ em posição média para /r/, quebrou com seu percurso de desenvolvimento fonético, passando a se pronunciar “*honor*” em analogia com outras formas como *cultor, cultoris; amor, amoris; labor, laboris* (cf. Faraco).

Em Weedwood (2002), na tradução de Marcos Bagno, dá-se o exemplo da analogia que crianças fazem ao aprenderem o português: em vez de dizerem “eu fiz”, dizem “eu fazi”, demonstrando uma generalização das regras dos verbos regulares em verbos irregulares. Após essa fase, a criança desaprende algumas formas para ficar de acordo com os demais falantes, contudo, algumas mudanças podem acabar se estabelecendo, como o particípio de “prender” que no português arcaico era “pris” e passou a ser usada a forma regular “prendido”. Também existe o particípio “preso”, embora o autor não tenha se referido a ela.

Crowley (1994) apresenta um exemplo em que a analogia segue o caminho contrário, aplicando regras irregulares a formas que a princípio eram regulares: na maioria dos dialetos do inglês, o passado de *dive* é *dived*. Contudo, no inglês americano, por analogia com o verbo *drive/drove*, o passado passou a ser *dove*.

A analogia inseria um componente psicológico à mudança linguística, pois era uma interferência da mente sobre os processos mecânicos da fala, que eram fisiológicos. Esta visão fez com que as mudanças fossem atribuídas ao indivíduo, o que viria a ser alvo de bastante contestação por parte dos linguistas de orientação social. A atribuição das causas da mudança ao indivíduo por parte dos neogramáticos tinha como base a contestação da crença vigente na época de que a língua era um organismo vivo com existência independente dos falantes.

Portanto, observamos neste caso que mesmo dentro de uma vertente proposta, como o imanentismo, havia contestações entre seus pensadores.

2.18.2 OS NEOGRAMÁTICOS SÃO BEM REPRESENTADOS PELO IMANENTISMO?

Levando-se em consideração que os neogramáticos quebraram com a tradição comparatista, poderíamos supor que, por serem de uma doutrina contestatória, eles estariam em um lado oposto. No entanto, a ciência é formada pelas inúmeras refutações que podem vir de todas as direções. É interessante que não se reduza um autor ou uma linha de pensamento a um objeto estanque, pois a complexidade vai além das representações em categorias. Neste caso, acredito que tenhamos duas escolhas básicas: classificar para construir uma compreensão ou evitar certas reduções para que não caiamos em complicações desnecessárias. Certamente a primeira opção exige um esforço que pode se traduzir em um trabalho acadêmico, no entanto, a segunda também deve ser tomada como uma escolha plausível mediante a incapacidade de se combinar certos termos, evitando-se assim algumas digressões que podem vir a ser desnecessárias.

Numa situação ideal, parafraseando em certa medida os neogramáticos e seus seguidores, teríamos apenas elementos prototípicos muito bem definidos que se encaixariam perfeitamente nos grupos aos quais foram designados. De um lado, teríamos os imanentistas ideais e do outro os sócio-históricos ideais. Contudo, todos os autores em algum ponto geram algum problema de definição.

Para tratar o assunto com a maior clareza possível, comecemos pela divisão entre empirismo e idealismo. Koerner (*op. cit.*) classifica Schleicher e os neogramáticos como materialistas em oposição ao idealismo de Humboldt¹⁷. No entanto, os neogramáticos, por meio de suas pesquisas empiristas contestaram Schleicher juntamente com a geração anterior que carregavam o elemento idealista humboldtiano de língua como um elemento externo. Indo adiante na complexidade da questão, ainda que se opusessem ao idealismo, os neogramáticos

¹⁷ Wilhelm von Humboldt (1767-1835) foi dos mais marcantes linguistas e diplomata do século XVIII (WEEDWOOD, 2002). Foi fundador da filosofia da linguagem (IORDAN, 1982) e um dos pioneiros na consideração da língua como um sistema, responsável pelos conceitos de língua externa e interna, influenciando posteriormente Saussure e Chomsky. Sua influência, no entanto, não permaneceu apenas no campo da linguística, se estendendo até a psicologia com Wilhelm Wundt. A língua externa (*äußere Sprachform*) é formada pelos sons, como uma forma de realizar a língua interna (*innere Sprachform*), que está organizada na alma. Defendia que a língua é *energeia*, ou seja, é uma dinâmica de criação de enunciados ilimitados e não *ergon*, pois não é formada por conceitos já determinados.

foram os maiores defensores da psicologia como parte fundamental do estudo da linguística e que ecoaram até os idealistas de hoje, como os gerativistas com suas metodologias que consideram falantes ideais em situações ideais.

Portanto, torno à argumentação sobre a necessidade da classificação com a indagação: é proveitoso nos debruçarmos na busca de coerência nas divisões ou simplesmente apresentá-las como tendências e expormos os problemas decorrentes dessa prática?

Não seria esta a última vez em nossa ciência que duas orientações de estudo, uma voltada para os dados e outra para a teoria, estariam colocadas frente a frente. Os neogramáticos se preocuparam com os dados e com as leis que os regem, valendo-se da fisiologia e da psicologia para estudar os problemas de mudança fonética e de modificação ou resistência analógica. Movimentos que põem por terra pontos de vista vigentes são de permanente necessidade numa ciência, mas o abandono neogramático de inúteis especulações em proveito de um exame minucioso dos fatos custou o temporário descaso por muita coisa de valor existente no trabalho de linguistas anteriores. A concepção estrutural da linguagem sugerida por Humboldt, especialmente na sua teoria da “*innere Sprachform*”, não encontrou guarida entre os neogramáticos, e as áreas da linguística que estavam fora dos seus interesses imediatos foram geralmente tratadas sob a perspectiva histórica. (ROBINS, 1983)

Existe uma divisão evidente entre as duas formas de encarar a linguagem. São basicamente pontos distantes, para não dizer opostos, que se antagonizam em um *continuum*. Todavia, quando postos diante de autores e seus respectivos pontos de vista, somos obrigados a lidar com a impossibilidade de sermos exatos. É importante reconhecer a linha de pensamento de Schleicher e perceber seu enquadramento em uma linha imanentista. Porém, até que ponto é necessário tê-lo como um materialista, empirista ou idealista legítimo? O próprio Koerner (*op. cit.*), ao apresentar essas classificações, afirma que somos levados por uma visão hegeliana de tese e antítese que pode não compreender outras complexidades. Esta categorização, de uma forma ou de outra, é fruto das visões correntes de nosso tempo, refletidas politicamente e que necessariamente passarão por transformações.

2.19 HERMANN PAUL (1846-1921)

Hermann Otto Theodor nasceu em Salbke bei Magdeburg em 7 de agosto de 1846. Em parceria com Wilhelm Braune, lançou a revista “*Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur*” em 1874. Em 1880, publicou a obra *Prinzipien der Sprachgeschichte* (traduzida para o português como *Princípios fundamentais da história da língua*). De acordo com Staub (1981), esta obra, apesar de pouco reconhecida por muitos linguistas pelo fato de remeter aos neogramáticos, foi responsável por grande avanço da linguística e principalmente

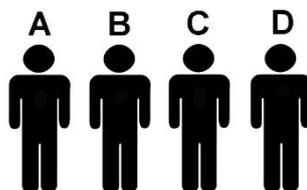
do estruturalismo, chegando a influenciar o pensamento de Saussure. Morreu em 29 de dezembro de 1921 em Munique.

Hermann Paul foi responsável pelo isolamento da língua do indivíduo em relação ao social, o que levou a uma dicotomia: idioleto x uso linguístico. Podemos notar em seus estudos um embrião do pensamento gerativista. De fato, o gerativismo parte desta visão psicológica e internalizada da língua. Com os devidos cuidados para não haver anacronismo, notamos que o que Paul chama de *psychischer Organismus* é semelhante à ideia de gramática universal. Temos, portanto, uma linha de conexões, senão continuidades ou contribuições de pensamentos, de Paul até nossos dias: começando por *psychischer Organismus*, passando pela *langue* de Saussure até a *gramática universal* de Chomsky. Todos compartilhando de uma dicotomia que separa a língua do meio social: idioleto e uso linguístico; *langue* e *parole*; competência e desempenho.

Para Paul, a mente é o local onde ocorrem as conexões entre elementos linguísticos. Esta é uma concepção oportuna, pois dá à linguística o *status* de uma ciência da psicologia, no entanto, afasta o indivíduo da sociedade. Criou-se, portanto, o conceito de uso linguístico (*Sprachusus*) que consiste em uma média resultante da fala de cada indivíduo observado pelo linguista.

Com o objetivo de tornar mais clara a teoria de Paul, utilizarei ilustrações para uma explicação simplificada dos pontos principais, com base em Weinreich, Labov & Herzog (2006)

Figura 2.9 – Indivíduos representantes de um idioleto.



Fonte: elaborada pelo autor.

Cada indivíduo representa um idioleto. Portanto, temos os idioletos A, B, C e D. Um linguista pode observar elementos específicos de cada um desses idioletos e deles retirar uma média. Assim, a união de idioletos forma uma média que seria a língua.

Tomando o método de chegada à média, podemos explicar a mudança linguística da seguinte maneira. Existem as seguintes mudanças:

- (1) Mudanças que ocorrem no idioleto;

(2) Mudanças que ocorrem no uso linguístico.

A segunda depende da primeira, pois para que ocorra uma mudança no uso linguístico, é necessário que ocorra uma mudança no idioleto. No entanto, as mudanças em (2) podem ocorrer de duas formas:

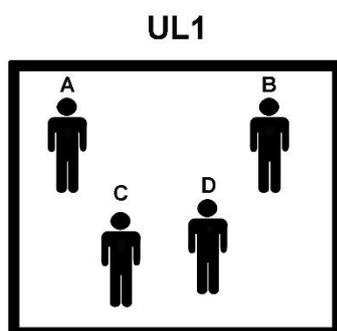
(2.1) Mudanças que ocorrem dentro do idioleto em um determinado dado uso linguístico;

(2.2) Mudanças que ocorrem por adição ou subtração de idioletos.

Tendo em vista que a média do uso linguístico é formada pelo resultado da soma dos idioletos, se houver uma mudança em um dos fatores, conseqüentemente haverá uma mudança na média.

Podemos exemplificar o caso de 2.1 da seguinte maneira:

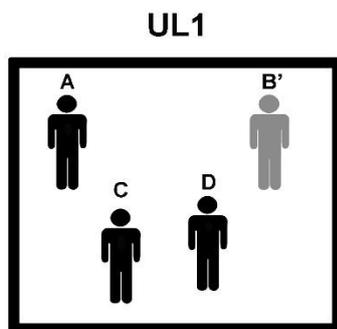
Figura 2.10 – Uso linguístico (a).



Fonte: elaborada pelo autor.

Temos o grupo UL1 (uso linguístico) que é formado pela média dos idioletos A, B, C e D.

Figura 2.11 – Uso linguístico (b).

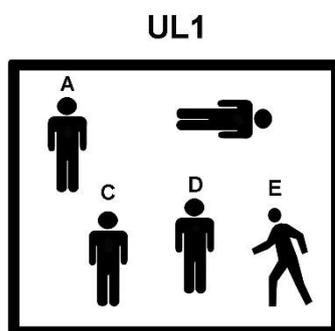


Fonte: elaborada pelo autor.

Se houver uma mudança em um idioleto, como de B para B', ocorrerá uma mudança na média total do grupo UL1. Esta consiste na mudança observada dentro dos idioletos, como apresentado no tópico 2.1.

Em 2.2, não há mudanças nos idioletos, mas há a subtração de um idioleto causada pela morte do falante B e o acréscimo de um novo idioleto pela chegada do falante E.

Figura 2.12 – Uso linguístico (c).



Fonte: elaborada pelo autor.

2.20 CAUSAS DA MUDANÇA DE ACORDO COM PAUL (1880)

As mudanças ocorrem ao longo de toda vida, contudo, o período de maiores mudanças acontece na infância. Conseqüentemente, as crianças seriam as maiores responsáveis pelas mudanças linguísticas. Sendo a língua uma representação psicológica (*Sprachgefühl*), ela acontece inconscientemente na mente do falante de forma infinitesimal.

Um conceito bastante conhecido na linguística histórica é o princípio da maior comodidade. Ele consiste nas escolhas não-conscientes do falante em sempre optar pela alternativa mais cômoda ao falar a língua e está intimamente ligado à fisiologia, pois esta era a área que Paul destacava juntamente com a psicologia, e acreditava que traria respostas futuramente com o aprofundamento nesse campo.

É possível perceber a conexão do princípio da maior comodidade com a teoria darwinista, de forma que os usos linguísticos mais adaptados e conseqüentemente mais utilizados tendem a permanecer, enquanto os que não se adaptam acabam perdendo a utilidade e desaparecendo.

2.21 PROBLEMAS APONTADOS POR WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968)

Se uma língua é o resultado da média de todos os seus falantes, seria necessário considerar todos os falantes possíveis ao se observar uma média, o que é impossível. Quando consideramos um dialeto como a soma dos idioletos A, B e C, teremos um resultado diferente se adicionarmos um falante D. Como resultado, teríamos diferentes produtos de um mesmo dialeto.

Outra questão problemática é a divisão de dialetos que não é unicamente linguística e geográfica. No século XIX, já se havia observado que as fronteiras de isoglossa não são evidentes, mas que há um *continuum* entre os dialetos, de modo que não existe um grupo fechado com os idioletos A, B e C e outro com os idioletos D, E e F.

Os estudos mais recentes do século XX trouxeram evidências empíricas de que as crianças não adquirem mudanças principalmente herdadas dos pais, mas em sua maioria de seus pares com quem convivem em suas comunidades de fala.

As mudanças infinitesimais inconscientes não abarcam mudanças discretas na língua, como exemplificado por Weinreich, Labov & Herzog, a passagem de *dived* para *dove* e de *soda* para *pop*, em inglês. Em português, poderíamos nos referir a dentifrício e creme dental/pasta de dente.

Quanto ao princípio da maior comodidade, Weinreich questiona por que os falantes não implementam mais cedo as mudanças, já que se trata de um maior conforto na fala, por que elas ocorrem em alguns dialetos e em outros não e não abrangem todos os ambientes idênticos, se atendo a apenas alguns ambientes da língua. A busca por essas respostas é um dos objetivos principais da teoria da mudança linguística que Weinreich, Labov & Herzog propõem já no século XX. Mais adiante, a teoria será apresentada mais detalhadamente.

Por ser considerado o pai dos neogramáticos, foi ignorado por muitos linguistas, principalmente americanos, o que fez com que não se desse a devida importância às suas contribuições. Contudo, Paul preparou o campo para o desenvolvimento da linguística no século seguinte, com importantes observações e constatações em sua obra *Prinzipien der Sprachgeschichte*, que influenciaram o estruturalismo e serviram de base para autores como Saussure (IORDAN, 1973; STAUB, 1981). Sua influência ainda prossegue, como nos estudos sobre a mudança linguística de indivíduo para indivíduo na Universidade de Marburg, onde se desenvolve o Atlas Digital de Wenker, e também no psicologismo encontrado no gerativismo.

2.22 GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

A geografia linguística passou a se desenvolver quando os linguistas do século XIX viram a necessidade de estudar as línguas por meio das suas variedades de dialetos em consonância com as motivações políticas e nacionalistas vigentes na época. Dentre eles, estavam os neogramáticos que almejavam traçar as fronteiras de cada dialeto. De acordo com Jordan (1973), essa nova modalidade de pesquisa consistia em um método e não uma nova ciência em si, que, todavia, causou uma revolução na linguística ao transformar os dialetos vivos em objetos de pesquisa.

A nomenclatura dada varia entre geografia linguística e geografia dialetal, sendo o primeiro geralmente de preferência entre os países de língua românica (IORDAN, p.199). Faraco (2005, p.179) afirma que a dialetologia se ocupa do estudo da variabilidade linguística no espaço geográfico, sendo a *variação diatópica* um nome mais recente dado pela sociolinguística.

O método consistia na visita de linguistas ou de leigos sob a instrução dos pesquisadores às regiões onde se pretendia fazer a coleta de dados dos dialetos. A coleta também podia ser feita pelo envio de questionários por cartas. Após a reunião dos dados, os pesquisadores os organizaram e iniciaram a prática da elaboração de atlas linguísticos. Muitos desses trabalhos são passíveis de crítica por utilizarem métodos duvidosos para a ciência e por alguns deles apenas criarem catálogos sem a devida análise. Contudo, até mesmo uma mera listagem de dados já pode ser considerada um avanço no estudo das línguas e na preservação de suas memórias. Georg Wenker foi um dos primeiros linguistas a iniciar a pesquisa em geografia linguística, realizando um trabalho árduo e bastante extenso na catalogação do alemão. Jules Gilliéron foi responsável pelo desenvolvimento do Atlas Linguístico da França, aprimorando cada vez mais a metodologia e contribuindo imensamente com a linguística.

2.23 GEORG WENKER (1852-1911)

Georg Wenker nasceu em 1852 em Düsseldorf, na Alemanha. Lá cursou o ginásio e em 1872 conseguiu seu certificado para entrada na universidade. Estudou em Zurique, Bonn e Marburg. Por fim, concluiu o doutorado na Universidade de Tübingen com a tese *Über die Verschiebung des Stammsilbenauslautes im Germanischen*. Em 1877, conseguiu o cargo de bibliotecário na Universidade Real de Marburg. Em 1886, foi nomeado membro estrangeiro

pela Academia Real Flamenca de Língua e Literatura (*Koninklijke vlaamsche Academie voor taal- en letterkunde*) em Gante, na Bélgica. Morreu em 1911, aos 59 anos, em Marburg.

2.23.2 OS TRABALHOS¹⁸

2.23.2.1 FRASES DA RENÂNIA (*Die 42 rheinischen Sätze*)

Wenker iniciou seu trabalho enviando por correspondência um questionário com 42 frases do dia a dia para professores de escolas da região da Renânia. Eles deveriam traduzi-las para seus dialetos, de forma que, com a compilação de todos os dados, seria possível delimitar as fronteiras dos dialetos do alemão. Esta foi a primeira fase do projeto que deu origem ao primeiro atlas linguístico, chamado de *Sprach-Atlas der Rheinprovinz nördlich der Mosel sowie des Kreises Siegen*, ou Atlas linguístico do norte da província do Reno, de Mosela e de Siegen. Uma região que com razão recebeu a atenção de Wenker por possuir uma grande quantidade de dialetos e por ser sua terra natal.

O objetivo inicial de Wenker era delimitar as fronteiras dos dialetos. No entanto, logo no início de sua empreitada, tendo acesso aos dados, ele concluiu que não era possível fazer esta demarcação, considerando ingênuos os antigos que acreditavam nesta possibilidade. Portanto, ele propõe que este pensamento seja abandonado e seja substituído por um novo, o qual deve ser desenvolvido por meio da pesquisa:

E quanto mais o trabalho avançava, mais vívida ficava a confusão, e mais complicadas se mostravam as linhas como um todo. E assim ocorreu a primeira grande mudança das antigas ideias ingênuas sobre as fronteiras de dialetos. Este pensamento deveria ser trocado por um novo, o qual deveria ser pesquisado (*apud* HERRGEN, 2001. Tradução minha)¹⁹

As frases enviadas foram pensadas de forma a provar as diferenças fonéticas entre os dialetos ocorridas ainda na segunda mutação consonântica do alto alemão. Ou seja, Wenker pensou em formas de provar a teoria por meio da prática de campo. Um exemplo é o uso da

¹⁸ As informações sobre os trabalhos de Wenker foram retiradas do site www.diwa.info

¹⁹ "Und je weiter die Arbeit [...] vorrückte, um so bunter ward die Verwirrung, um so verwickelter zeigte sich der Lauf der Linien in ihrer Gesamtheit. [...] Da vollzog sich die erste durchgreifende Umwandlung der alten naiven Vorstellung von Dialektgrenzen. Diese mußte aufgegeben werden gegen eine neue, und diese mußte gesucht werden."

palavra “*Äpfelchen*”, da qual ele esperava, que na transcrição dos dialetos, os professores escrevessem /p/ ao invés de /pf/, comprovando as mudanças ocorridas durante a mutação consonântica do alto alemão (cf. capítulo III).

Um problema apontado atualmente por esta técnica era o fato de os professores não serem linguistas, o que poderia gerar discrepância nos dados, uma vez que não havia uma padronização da escrita utilizada (IORDAN, 1962). Sem um alfabeto fonético adequado, as pessoas que transcreviam as frases, não representavam os sons exatos, tomando como base apenas seus parâmetros individuais. Outra questão que tornava essa situação pior, era o fato de Wenker estar interessado em demarcar os sons, ou seja, a fonética do alemão e nada do léxico regional, o que seria obtido com muito mais sucesso através dos questionários. Abaixo seguem alguns exemplos de frases encontradas no primeiro questionário.

Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kùh und zehn Scháfchen vor das Dorf gebracht.

“Os fazendeiros tinham trazido cinco bois, nove vacas e dez ovelhinhas para a frente do vilarejo”

Mein lieb Kind, du mußt erst noch ein bißchen wachsen und größer werden und laufen lernen.

“Minha querida criança, você só precisa crescer um pouco mais, se tornar mais alta e aprender a andar”

Ich schlage dich gleich mit dem Kochlöffel um die Ohren, wenn du nicht bald gehst, du Affe!

“Eu vou te bater com a colher nas orelhas, se você não for logo, seu macaco!”

2.23.2.2 FRASES DA WESTFÁLIA (*Die 38 westfälischen Sätze*)

Após o sucesso da primeira parte da pesquisa, Wenker decidiu continuar explorando mais regiões. Iniciou, portanto, uma segunda parte na qual foram enviadas cartas para mais professores da Westfália, abrangendo ainda mais a área geográfica pesquisada. Dessa vez, o questionário continha 38 frases ao invés das 42 iniciais, havendo apenas algumas alterações em relação ao primeiro. Para que pudesse dar continuidade ao trabalho, em 1879, Wenker apresentou para o ministro da cultura da Prússia um projeto da Faculdade de Filosofia de Marburg, demonstrando a intenção de fazer um atlas linguístico que abrangesse todos os dialetos do reino prussiano, de forma que conseguiu um auxílio. Contudo, a Academia de Ciências de Berlim o instruiu a expandir mais as fronteiras. Em vista disso, a segunda parte do projeto foi modificada e o questionário de 38 frases foi trocado por um de 40. Não mais a região

da Westfália seria estudada, mas toda a área central e norte da Alemanha. Em seguida, estão exemplos de frases do segundo questionário.

Im Winter fliegen die trocknen Blätter durch die Luft.

“No inverno as folhas secas voam pelo vento”

Es hört gleich auf zu schneien, dann wird das Wetter wieder besser.

“Logo vai parar de nevar, então o tempo vai melhorar”

Thu Kohlen in den Ofen, daß die Milch bald an zu kochen fängt.

“Coloque carvão no fogão, que o leite já vai começar a ferver”

2.23.2.3 Frases do norte e centro da Alemanha e mais tardiamente do sul (*Die 40 Sätze Nord- und Mitteldeutschlands sowie der späteren Erhebung Süddeutschlands*)

Nessa terceira etapa do trabalho, os novos questionários revisados foram enviados novamente para as regiões já pesquisadas anteriormente, como a Renânia, com o objetivo de se revisar os resultados. Todavia, ainda que houvesse ajuda estatal, os pesquisadores se depararam com dificuldades financeiras, o que os levou a pedir no encontro filológico de Gießen em 1885, mais uma ajuda, para que o projeto deixasse de ser regional e compreendesse todos os reinos alemães. O auxílio foi concedido, não obstante, a pesquisa se tornou estatal e Wenker perdeu seus direitos autorais, de maneira que deveria acatar conselhos externos e abandonar algumas ideias. As 40 frases do questionário aplicados à região norte e central foram mantidas, no entanto, com alterações. No verso das folhas, foram escritas perguntas sobre vocabulário, como dias da semana e numerais, além de orientações sobre uma aproximação de descrições fonéticas. Os professores deveriam salientar se havia nasalização; sons abertos ou fechados; apicais ou uvulares; surdos ou sonoros; fortes ou fracos. Abaixo, seguem mais exemplos de frases do terceiro questionário.

Wem hat er die neue Geschichte erzählt?

“Para quem ele contou a nova história?”

Man muß laut schreien, sonst versteht er uns nicht.

“É preciso gritar alto, senão ele não nos entende.”

Wir sind müde und haben Durst.

“Nós estamos cansados e temos sede.”

2.23.2.4 PERÍODO ENTRE A MORTE DE WENKER E O DESENVOLVIMENTO DO DIWA

Ferdinand Wrede e Emil Maurmann foram os responsáveis por desenhar os mapas a mão. De 1926 a 1933, já após a morte de Wenker, Wrede aplicou os questionários na Suíça, Liechtenstein, Áustria, Burgenland e nas áreas germanófonas da Tchecoslováquia. O seguidor de Wrede, Walther Mitzka fez a pesquisa nos lugares onde se fala alemão na Polônia e em Tirol do sul, produzindo, ao fim, um resultado de 51.480 folhas de resposta.

A metodologia utilizada consistia em juntar muito material, mas também analisá-lo. Não havia verificação de informantes. Os professores que recebiam os questionários podiam decidir se eles próprios seriam os informantes ou se fariam as perguntas para outras pessoas. Não eram coletadas informações sobre dados sociais dos informantes, de forma que as análises possíveis eram apenas intralinguísticas. Após reunidos os questionários respondidos, eles eram corrigidos e organizados e em seguida mapeados.

Ainda no século XIX, o projeto de Wenker foi criticado pelo foneticista Otto Bremer. De acordo com Bremer, as transcrições eram feitas por informantes leigos, o que prejudicava os dados pela falta de exatidão fonética. Os questionários aplicados não levavam em consideração as diferenças das regiões, uma vez que foram produzidas apenas 40 frases para todos os lugares. Não eram consideradas as camadas sociais dos falantes na coleta e na organização de dados, de forma que as variantes não podiam ser identificadas. Segundo Herrgen (2001), as contestações são legítimas, no entanto, o método utilizado por Wenker exigia que um grande número de dados fosse levantado, o que impedia que houvesse alguém com conhecimentos em fonética para aplicar todos os questionários. Jules Gilléron, ao fazer o Atlas Linguístico da França, optou por utilizar apenas o auxílio de Edmond Edmont, que tinha a capacidade de transcrever com maior precisão os dados, porém, eles analisaram somente 639 lugares contra os mais de 40.000 explorados pela equipe de Wenker.

Nas décadas seguintes, as tentativas de publicar os mapas coloridos falharam. Apenas uma versão em preto e branco do Atlas Linguístico Alemão foi publicada entre 1927 e 1956. Uma versão revisada e selecionada dos questionários de Wenker compôs o Pequeno Atlas linguístico alemão (*Kleine Deutsche Sprachatlas*) entre 1984 e 1999. Somente com o projeto do DiWA²⁰, o trabalho de Wenker foi completamente digitalizado e disponibilizado.

²⁰ O trabalho de Joachim Herrgen e Jürgen Schmidt iniciou-se com o objetivo de digitalizar e disponibilizar na internet os 1.653 mapas produzidos por Wenker em seu projeto do *Sprachatlas des deutschen Reichs*. Após essa primeira etapa, o programa continuou sendo alimentado com outras monografias produzidas ao longo dos anos com base na geografia linguística, abrangendo também gravações das frases de Wenker que passaram a ser

2.24 JULES GILLIÉRON

Iordan (p.202) considera o Atlas linguístico da França a primeira publicação em geografia linguística que obedeceu mais amplamente a requisitos científicos. Foi elaborado um questionário com mais de 1900 perguntas, número muito mais extenso do que as quarenta perguntas de Wenker. As perguntas foram elaboradas de maneira que pudessem explorar a morfologia, sintaxe e léxico a partir das respostas dos entrevistados. Gilliéron foi criticado por ter enviado Edmont sozinho nas viagens, ao que ele respondeu que era necessário apenas um entrevistador para não alterar os dados. Nisso seu trabalho diferia do de Wenker, pois em nome de uma maior precisão na coleta de dados, o trabalho não teve um grande alcance. Enquanto Wenker tinha o intuito de explorar todas as áreas falantes de alemão da Europa por meio de correspondências, Gilliéron foi obrigado a reduzir sua área de pesquisa. Edmont anotava as entrevistas em seus cadernos e depois os enviava novamente para Gilliéron. Ele não era linguista, o que segundo Gilliéron era para não influenciar a coleta de dados, contudo, foi devidamente instruído para que pudesse utilizar o alfabeto fonético, o que foi uma vantagem em relação aos requisitos científicos.

2.25 HUGO SCHUCHARDT (1842-1927)²¹

Hugo Ernst Mario Schuchardt nasceu em 4 de fevereiro de 1842 em Gotha na Turíngia. Era filho de Ernst Julius Schuchardt e Malvine von Bridel-Brideri. Passou a infância e juventude em Gotha concluindo o ginásio em 1859. No mesmo ano iniciou os estudos em direito em Jena, mudando, no entanto, para o curso de filologia no verão de 1860 na Universidade de Bonn. Foi aluno de August Schleicher e Kuno Fischer em Jena e de Friedrich Ritschl e Otto Jahn em Bonn. Em 1862 concluiu os estudos e adquiriu o título de doutor em 1864 com o tema de dissertação “*De sermonis Romani plebei vocalibus*”. Em 1870 se qualificou como professor na Universidade de Leipzig com os trabalhos “*Über einige Fälle bedingten Lautwandels im*

realizadas a partir da década de 1950 com auxílio das tecnologias desenvolvidas. Os autores chamam esta ferramenta de “laboratório para uma teoria da mudança linguística” pois, por meio dela, é possível se fazer análises em tempo real das mudanças linguísticas. Através da interface, o usuário tem a possibilidade de carregar diversos mapas ao mesmo tempo e sobrepô-los como transparências, unindo informações de fontes diferentes em apenas um local. Esta pesquisa possibilitou o desenvolvimento da abordagem da dinâmica linguística, que substituiu a dicotomia saussureana de sincronia e diacronia pela ideia de sincronização. Este é um trabalho estruturalista que compartilha das ideias de Hermann Paul sobre a explicação da mudança linguística a partir da competência individual.

²¹ Algumas informações biográficas foram retiradas do site schuchardt.uni-graz.at

Churwälschen” (Sobre alguns casos de mudanças fonéticas condicionadas em Churwälschen) e “*Über die Klassifikation der romanischen Mundarten*” (Sobre a classificação dos dialetos românicos), que foram considerados trabalhos inovadores e essenciais para a área, da qual Schuchardt será sempre um representante. Em 1873 se tornou professor de filologia românica na Universidade de Halle, reduto dos neogramáticos, onde aprofundou seus estudos em contatos linguísticos e línguas mistas. É feita uma breve menção a Johannes Schmidt na biografia de Schuchardt do arquivo da Universidade de Graz afirmando que ele incentivou Schuchardt a ocupar a cadeira de professor de filologia românica naquela universidade. No entanto, Schmidt veio logo a deixar Graz. Na década de 1870, Schuchardt viajou para o País de Gales e para a Espanha juntando muito material, como o estudo de línguas celtas. Na década de 1880 se dedicou aos estudos de crioulistica e bascologia, sendo hoje visto como um dos pais dos estudos de línguas crioulas. Ele se ocupou da pesquisa de crioulos de base românica e inglesa, porém também estudou as línguas mistas da Europa, como no livro “*Slawo-Deutsches und Slawo-Italienisches*” (Eslavo-alemão e eslavo-italiano). Em 1885, publicou sua crítica aos neogramáticos intitulada “*Über die Lautgesetze: gegen die Junggrammatiker*” (Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos). Na década de 1900, Schuchardt se aposentou e passou a viajar bastante, como para o sul da Itália, Egito e Escandinávia. Morreu em 21 de abril de 1927.

No trabalho “Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos”, Schuchardt explicita sua crítica aos métodos considerados por ele excessivamente internalistas. Ou seja, que não consideram influências externas nas mudanças sonoras. Ele defende que as mudanças ocorrem não somente por um fator fisiológico dentro de um sistema de leis, mas pela intersecção dessas leis com outras leis fonéticas, além da mistura de dialetos e do efeito de associações conceituais; se posiciona ainda contra a aplicação de leis genéricas e sem exceções, uma vez que é impossível delimitar a homogeneidade de um dialeto, em resposta ao argumento de defesa dos neogramáticos que concluía que as leis fonéticas deveriam ser aplicadas a um dialeto específico. Esta observação permitiu a Schuchardt abordar ainda no século XIX pontos que viriam a ser desenvolvidos no século XX por abordagens mais sociolinguísticas, como é o caso de reconhecer que dentro das falas existem as diferenciações de gênero, escolaridade, classe social dentre outros fatores, numa proposta de diversidade de falas.

Schuchardt critica a regra dos neogramáticos de que as leis fonéticas operam dentro de um mesmo dialeto, pois não é possível se afirmar que um dialeto é uma comunidade de fala totalmente homogênea. Isso fez com que os neogramáticos levassem a considerar o indivíduo

como a unidade mínima do dialeto, o que não deixa Schuchardt satisfeito, pois até mesmo dentro da pronúncia individual existem variações.

Segundo Fought (1982), Hugo Schuchardt costuma ser retratado em alguns trabalhos historiográficos como um linguista isolado devido ao seu grande interesse por áreas periféricas da linguística, como o estudo de línguas mistas, pidgins e crioulos e principalmente por sua posição polêmica de oposição aos neogramáticos. No entanto, houve um grande número de trabalhos importantes escritos por ele que devem ser reconhecidos principalmente por sua contribuição com a sociolinguística.

Anna Morpurgo (*apud* FOUGHT, 1982 p.421) afirma que a historiografia dos últimos tempos esteve tão voltada para a questão da regularidade quando se trata sobre os neogramáticos que outras teorias apresentadas por eles foram negligenciadas, da mesma forma que Schuchardt passou a ser sempre retratado como o contestador dos neogramáticos, sendo deixada de lado a extensão e variedade de suas pesquisas.

Fought (1982) alerta para a costumeira apresentação de Schuchardt como alguém que rejeita a noção de sistema, inclusive pelos autores responsáveis por traduzir seu trabalho “Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos” para o inglês. Contudo, de acordo com o autor, há uma má interpretação. Schuchardt não era hostil à representação sistemática, mas defendia que:

[...] the propensity to classify (rather than merely to order) leads to numerous errors in dealing with very complex phenomena, and went on to warn that it is dangerous to treat as distinct types or categories things that may not be separated by any boundary in reality, or may be structured irrelevantly by circumstances unconnected to the task at hand.

Na obra “*Über die Lautgesetze: gegen die Junggrammatiker*”, a crítica principal de Schuchardt para os neogramáticos era a impossibilidade de se aplicar uma lei fonética que atingisse todo o sistema da língua uniformemente, havendo, na verdade, uma expansão de mudanças diferentes entre cada palavra (FARACO 2005, p.150). Para ele, os sons mudam gradualmente de forma imperceptível ocorrendo de forma quântica (FOUGHT 1982, p.422). Para que uma mudança ocorra, é preciso que um som seja repetido, por exemplo, 10.000 vezes em uma palavra, tendo de se repetir nessa palavra específica, de forma que não haveria compensação caso fosse pronunciado a mesma quantidade de vezes em palavras diferentes. Contudo, ele não nega que a frequência de uma palavra pode influenciar na mudança fonética. Fought argumenta que atualmente essa visão é considerada inadequada, todavia, é preciso reconhecê-la como uma parte importante do pensamento de Schuchardt, pois demonstra sua inclinação para o lexicalismo. Esta inclinação de Schuchardt para a mudança ocasionada pelo

contato linguístico (mudanças passadas de palavra para palavra dentro de uma comunidade) e a contestação das leis naturais dos neogramáticos (mudanças ocorridas de maneira uniforme por questões fisiológicas) coloca o autor, segundo Fought (p.424), em uma posição de considerar a língua como um processo social, negando-a como um organismo vivo, e sua pesquisa em consonância com os estudos em etnociência.

Esta negação do organismo vivo era representada no pensamento de Schuchardt por duas ideias que agem complementarmente: o individualismo e a mistura linguística. Na concepção do individualismo, cada pessoa possui sua própria experiência de vida e conseqüentemente sua própria linguagem, de forma que a interação entre diferentes pessoas leva à mistura linguística que é responsável pela mudança linguística.

Devido a essa atenção maior dada ao léxico juntamente com as descobertas realizadas pelos estudos dialetais por incentivo da geografia linguística e do nacionalismo crescente da época, desenvolveu-se um movimento chamado *Wörter und Sachen* (palavras e coisas). Seu objetivo era estudar a relação que cada palavra individualmente possuía com a história, a localização geográfica e os objetos da cultura material (ROBINS, 1982 p.153). Este posicionamento demonstra uma complexidade maior e um tratamento mais qualitativo em relação à mudança, diferentemente das regras gerais dos neogramáticos aplicadas à fonética. Este movimento iniciou-se oficialmente em 1909 com a publicação da revista homônima na Universidade de Graz pelo pesquisador de línguas indo-europeias Rudolf Meringer (1859-1931) (FOUGHT p.427). Schuchardt era um colaborador, no entanto, entrou em desacordo com Meringer, inclusive propondo que o nome do movimento fosse *Sachen und Wörter* em vez do contrário e acabou não prosseguindo na parceria. Contudo, suas pesquisas continuaram com projetos ilustrados de etimologia nos quais seriam usadas fotografias.

Para Fought, a polarização sobre a questão da regularidade que tradicionalmente é levantada quando se fala de Schuchardt não deve ser o centro das atenções, mas sim a influência que ele exerceu sobre a linguística, inclusive a americana, tendo contribuído ao menos em alguma medida com os trabalhos de Boas, Sapir e Bloomfield. Pelo fato de Fought ter escrito o texto “The reinvention of Hugo Schuchardt” (1982) ainda na década de 1980, o autor argumenta que ainda há muito trabalho a ser catalogado. Atualmente, quase quarenta anos mais tarde, temos acesso a um site totalmente dedicado a Schuchardt com suas obras e correspondências amplamente digitalizadas. Ainda em relação à época da publicação do artigo, Fought estabelece uma relação entre as décadas de 1880 e 1980, construindo um paralelo entre a contribuição de

Schuchardt para os futuros estudos da sociolinguística e o auge pelo qual passava cem anos mais tarde.

Pode-se encontrar também na obra de Faraco (2005, p.151) uma parte dedicada a Schuchardt, o que é bastante importante, pois leva os leitores brasileiros a terem acesso a um estudioso que não é comumente citado em manuais de linguística histórica e muitos menos nos estudos atuais de linguística que costumam partir de Saussure. Ainda que Schuchardt fosse um subjetivista, isto é, partilhava da visão de que o indivíduo precede o todo, como afirma Faraco, deve-se levar em consideração sua contribuição com os estudos de vertente social. Schuchardt era um contemporâneo dos neogramáticos e partia de um pano de fundo semelhante, o que o levou de compartilhar de alguns pensamentos que os tornavam próximos em alguma medida mesmo que estivessem em oposição. Contudo, já se podia observar em sua obra os princípios de um pensamento sociolinguístico que viria a se refinar com o tempo.

2.26 DE QUAL LADO DA HISTÓRIA SAUSSURE ESTÁ?

Ferdinand de Saussure (1857-1913) se tornou o linguista mais conhecido do início do século XX devido à sua contribuição para a passagem dos estudos de gramática histórico-comparativa para o estruturalismo que constituiu a escola de pensamento mais influente do século.

O método estruturalista consiste na descrição da estrutura das línguas, ou seja, a gramática. Tais estruturas são determinadas por regras que se organizam por meio de um sistema interno autônomo. Para lidar com a língua, Saussure a dividiu em *langue* e *parole*. A *langue* é de base social e é compartilhada pela comunidade, sendo exterior ao indivíduo (MARTELOTTA, 2009 p.53), já a *parole* é individual e se adapta ao sistema linguístico dos falantes, sendo aquilo que permite a expressão da *langue*. Staub (1981) argumenta que esta ideia dicotômica já estava presente em Paul com a utilização de *Sprachusus* (uso linguístico) como um equivalente à *langue*, isto é, “uma abstração sem natureza própria” que não pode ser observada, mas deduz-se por meio da fala dos indivíduos. Já para a *parole*, Paul não tem um conceito com uma denominação exata, embora o reconheça na manifestação da fala, e, assim como Saussure, também admite ser uma parte difícil de lidar na pesquisa, deixando-a, portanto, de lado.

Staub (p.21) cita os termos utilizados por Paul na obra “*Prinzipien der Sprachgeschichte*” que equivalem a *langue* e *parole* no “*Cours de linguistique générale*” de

Saussure, os quais organizei em um quadro. O intuito é demonstrar que a ideia de língua como objeto autônomo já estava presente em Paul e que Saussure a condensou na dicotomia que conhecemos.

Quadro 2.3 – Termos de Hermann Paul equivalentes a *langue* e *parole*²²

Langue	Parole
<i>Gleichmässigkeit</i>	<i>sprachliche Vorgänge</i>
<i>Sprachus</i>	<i>einzelne Akten</i>
<i>Usus</i>	<i>Sprechtätigkeit</i>
<i>usuell</i>	<i>einzelne Sprachorganismen</i>
<i>Sprachgenossenschaft</i>	<i>individuelle Sprechstätigkeit</i>
<i>Verkehrsgemeinschaft</i>	<i>Individualsprache</i>
<i>Gemeinsprache</i>	<i>Der Einzelne</i>
	<i>okkasionell</i>

Fonte: elaborado pelo autor

Nota-se que os termos que se referem à *langue* expressam a ideia de uniformidade e algo que é partilhado por uma comunidade, enquanto os termos referentes à *parole* expressam a individualidade e a habilidade da fala.

Ao observar que Saussure identificava a *langue* como uma instituição social, podemos nos questionar se ele estava em um princípio de direcionamento para uma vertente social da linguagem. Contudo, como veremos adiante na discussão sobre a influência que o pensamento sociológico exerceu sobre autores do século XIX, Saussure apenas considerou a língua como uma instituição social, mas não se preocupou em analisá-la como tal. Por esse motivo, seria plausível considerá-lo como um imanentista, pois foi o maior desenvolvedor do estruturalismo, que se ocupa da análise da estrutura interna das línguas. O que a *langue* tinha de mais social era seu compartilhamento pelos membros de uma comunidade e não ia além disso. A *parole*, que se tornaria o objeto de estudo dos sociolinguistas algumas décadas mais tarde, era justamente aquilo que os estruturalistas varriam para debaixo do tapete.

²² Tradução do quadro: *Langue* – uniformidade; uso linguístico; uso; usual; cooperativismo linguístico; comunidade de trânsito; língua comum. *Parole* – processos linguísticos; atos individuais; atividade linguística; organismo linguístico individual; atividade linguística individual; a única; ocasional.

2.27 MEILLET (1866-1936)

Conforme Jordan (1982, p. 396), Meillet foi o discípulo mais importante de Saussure, pois se ocupou de diversas áreas da linguística. Estudou as línguas clássicas, bem como o armênio e os ramos germânico e eslavo, passando por toda a família europeia e chegando a compilar um livro escrito por vários autores sobre as línguas do mundo, “*Les langues du monde*” de 1924. Meillet também foi responsável pelas publicações da revista *Bulletin de la Société de Linguistique* (BSL), na qual trabalhou como chefe de redação. O boletim não tratava apenas de linguística, mas também de assuntos como história, etnografia e sociologia.

Faraco (2005) compara o desenvolvimento das ideias de Meillet em relação a seus antecessores que também trataram em alguma medida sobre o social: Schuchardt e Saussure. Como já citado anteriormente, o autor afirma que Schuchardt era subjetivista por considerar o indivíduo antes do todo. Saussure, no século seguinte veio a tratar a língua como uma instituição social, ainda que a considerasse como um sistema autônomo que deveria ser estudado a partir de um ponto de vista de homogeneidade. Em seguida, seu aluno Meillet apresentou uma concepção sociológica mais consistente nos estudos linguísticos que refletiu em uma metodologia que abordava a influência decisiva da sociedade na linguagem, colocando a linguística no campo das ciências sociais. No século XIX, ainda de acordo com Faraco, já havia linguistas preocupados com a perspectiva sociológica como William Whitney (1827-1894) e Michel Bréal (1832-1915). Contudo, Meillet foi responsável pelo desenvolvimento e aplicação de um método empírico mais consistente sob a influência dos estudos de Émile Durkheim (1858-1917).

Jordan (p.400) aponta que Meillet teve discípulos na Noruega, o que levou a sociolinguística a ter seus princípios naquele país. O linguista norueguês Hjalmar Falk²³ iniciou uma crítica à escola de Meillet por sua demasiada atenção à sociedade, ao que Alf Sommerfelt²⁴, aluno norueguês de Meillet, escreveu uma resposta, e posteriormente Meillet se posicionou para dizer que nenhum linguista francês negava a importância da psicologia, ou pensamento lógico,

²³ Hjalmar Falk (1859-1928) foi um linguista professor de filologia germânica na universidade de Kristiania (atual Oslo). Interessou-se por muitas áreas como história das línguas e história cultural. Escreveu juntamente com Alf Torp um dicionário etimológico de norueguês-dinamarquês. Era entusiasta das ideias dos neogramáticos e as trouxe para os estudos das línguas nórdicas. Contudo também fez pesquisas em sociolinguística com base no movimento de *Wörten und Sachen*. (<nbl.sn.no/Hjalmar_Falk> Acesso: abril 2016)

²⁴ Alf Sommerfelt (1892-1965) foi um dos estudiosos pioneiros da sociolinguística e dialetologia céltica. Também foi responsável por introduzir na Noruega as ideias da escola de sociolinguística francesa além da fonética da Escola de Praga. Em Paris, foi aluno de Meillet em linguística geral; Vendrye em celtologia; Gilliéron em dialetologia geográfica e Rousselot e Grammont em fonética. (<nbl.sn.no/Alf_Sommerfelt> Acesso: abril 2016)

na linguagem. Todavia, se todos possuem faculdades psíquicas iguais tanto no espaço como no tempo, o que justificaria as diferenças entre as línguas seriam questões sociais. De acordo com Marra & Milani (2012), Sommerfelt “teria sido um dos primeiros a apresentar descrições sociolinguísticas de uma língua”.

Para Meillet, a língua deve ser vista sob dois aspectos: um sistema de meios de expressão e um fato social. Nisso consiste a ideia de que o estudo da linguagem deve abordar não somente a estrutura, mas também as condições externas nas quais as línguas estão inseridas, da mesma forma que não é desejável que se estude apenas o externo sem o auxílio da parte estrutural. Jordan (p.400) reforça que o método utilizado para a reconstrução interna deve ser encarado como um meio pelo qual se adquirem informações importantes sobre os estágios das línguas, entretanto não encerra as pesquisas, apenas as auxilia.

A concepção sociológica é útil quando temos de explicar questões que vão além da estrutura formativa das línguas. Por exemplo, no léxico e na semântica encontramos um tema que é de amplo interesse de sociólogos e antropólogos: o tabu. É praticamente inegável que essas questões são socialmente institucionalizadas, como o controle sobre quais palavras de funções fisiológicas podem ou não ser ditas por determinados grupos, ou termos religiosos que são evitados, como, por exemplo, em inglês em que se diz “*my gosh*” ou “*my goodness*”, e povos que são proibidos de pronunciar os nomes das pessoas que já morreram. Meillet (*apud* IORDAN, p.408) exemplifica com o fenômeno encontrado em línguas germânicas, eslavas e bálticas em que se evita usar o termo indo-europeu para urso e cobra, trocando-os por eufemismos como “comedor de mel” e “rastejante”. Isso pode levar ao desaparecimento de algumas palavras.

Assim como Weinreich viria a apresentar nos *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (1968)²⁵ a heterogeneidade ordenada, Meillet considerou, ainda no início do século, que as línguas, assim como a sociedade, possuem uma realidade heterogênea diretamente relacionada e assim devem ser estudadas. Uma das provas empíricas demonstradas pelo linguista é a de que o indo-europeu era formado por uma grande variedade de estratificações, diferentemente da forma única do proto-indo-europeu reconstruído pelos comparatistas. De forma que o léxico mais constante compartilhado pela maioria das línguas pertencia à fala da aristocracia, no entanto, várias outras formas pertencentes a outras camadas da sociedade tiveram influência sobre as línguas de hoje.

²⁵ Foi utilizada a tradução de 2006: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

De acordo com Faraco, Meillet considerava a linguística como parte das ciências sociais, “*Mais du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale*” (Meillet 1926, p. 17), e parte da antropologia:

Em geral, se a linguística e a antropologia são ciências conexas, se mesmo a linguística é uma parte da antropologia em sentido amplo, é materialmente impossível se estabelecer uma ligação entre os fatos de língua e as principais questões que estudam os antropólogos; e mesmo onde se pode perceber a possibilidade de se estabelecer uma ligação e onde essa ligação começa a se estabelecer, se trata ainda dos primeiros ensaios; é preciso esperar que os esforços feitos neste sentido prossigam; a linguística e a antropologia se beneficiarão disso, mas este trabalho exigirá uma análise atenta, e seria fútil esperar que a pesquisa fosse fácil. (MEILLET, 1951, p.89. Tradução minha) ²⁶

Faraco reitera a ideia de que o imanentismo é uma orientação que adquiriu posição hegemônica com a ajuda de toda a atenção que foi dada ao estruturalismo, e que, dessa maneira, a orientação sócio-histórica se manteve como uma corrente alternativa.

Meillet foi, assim, dos primeiros a tentar formular uma orientação teórica para o estudo da história linguística que incorporasse a sempre heterogênea realidade sociocultural das línguas. Essa orientação, porém, ficou, durante boa parte do século XX, praticamente à margem, já que a perspectiva imanentista se consolidou com o estruturalismo e se tornou hegemônica. (FARACO, 2005, p. 155)

Não há consenso entre os linguistas e historiadores da linguagem sobre os níveis de influência de uns autores sobre os outros. Ainda no século XIX o termo instituição social já havia sido utilizado por William Dwight Whitney, que pode ter sido uma das fontes que levaram Saussure a considerar a língua como tal. De acordo com Marra & Milani, embora Durkheim tenha sido o expoente do pensamento sociológico em sua época, é possível que ele não tenha sido uma influência direta para Saussure, uma vez que não se encontram referências a seu nome nos trabalhos de Saussure. A questão da influência será melhor abordada mais adiante, quando tratarmos sobre concepção sociológica.

Koerner (*apud* MARRA, D; MILANI,S.) sugere que Meillet é um responsável indireto pelo desenvolvimento da sociolinguística nos Estados Unidos, pois foi professor de Martinet²⁷,

²⁶ Dans l'ensemble, si la linguistique et l'anthropologie sont des sciences connexes, si même la linguistique est une partie de l'anthropologie au sens large, il est matériellement impossible d'établir un lien entre les faits de langue et les principales questions qu'étudient les anthropologues; et la même où l'on aperçoit la possibilité d'établir une liaison et où cette liaison commence de s'établir, il ne s'agit encore que des premiers essais; il faut espérer que les efforts faits en ce sens seront poursuivis; la linguistique et l'anthropologie y trouveront profit, mais ce travail exigera une critique sérieuse, et il serait vain de s'attendre à ce que la recherche soit aisée. (Meillet, 1951, p.89)

²⁷ André Martinet (1908-1999) foi responsável por desenvolver o conceito de que os sistemas linguísticos nunca estão em perfeito equilíbrio, o que gera a mudança (Faraco p.158) e está de acordo com a proposição de WL&H sobre a transição. Ele propôs que há duas forças que se opõem: de um lado, a comunicação que impede a

que após a Segunda Guerra se mudou para a América. Por sua vez, Martinet foi orientador de doutorado de Weinreich com a obra *Languages in contact*. Em seguida, Weinreich orientou Labov, responsável pelo desenvolvimento da sociolinguística variacionista com os estudos de caso dos dialetos do inglês de Martha's Vineyard e de Nova York. Com base nessas conexões, Marra & Milani levantam o problema de que Martinet só pode ter influenciado Weinreich indiretamente, pois o alvo principal das pesquisas do primeiro eram os fatores internos da língua e não as causas externas. Thomason & Kaufman reforçam a tendência de Martinet o incluindo entre os autores que defendem que os fatores externos apenas devem ser considerados quando não foram encontradas motivações internas para a mudança (p.57). Contudo, assim como Marra & Milani explicitam, Labov demonstra estar de acordo com Martinet quanto ao desenvolvimento autônomo dos sistemas linguísticos comprovado por vários estudos, embora discorde do caráter autônomo da mudança linguística.

Meillet não reconhece a dicotomia de *langue* e *parole* proposta por Saussure, chamando a língua apenas de linguagem. Quando ele se refere à *langue*, apenas quer dizer um idioma de uma nação ou a língua de uma comunidade. Não foi elaborado um equivalente específico para a *parole*, sendo esta simplesmente a manifestação da linguagem por meio da fala. A linguagem não é uma faculdade inata, mas é adquirida no meio social.

A epistemologia de Meillet está em consonância com o pensamento de Durkheim. A língua é vista como um fato social, pois são os falantes que formam a comunidade de fala, no entanto, os indivíduos não possuem qualquer poder sobre a mudança linguística. É a linguagem que tem um poder coercitivo sobre o falante que leva a uma regulação social. A mudança não parte dos indivíduos, senão na sociedade e por sua vez é imposta a todos. Um falante pode querer falar uma língua que não é a utilizada em seu país, contudo, ao não ser entendido, ele é obrigado a falar a língua vigente do país. Ele é, portanto, sancionado e coagido a se adaptar.

De acordo com Meillet, em negação ao que os neogramáticos propunham, a fisiologia e a psicologia não podem ser um fator relevante na mudança, pois são constantes encontradas de maneiras semelhantes em todos os seres humanos. Já a estrutura social está em constante variação, e seria ela, por conseguinte, a maior motivação da mudança na estrutura linguística, estando diretamente relacionadas (p.79). De forma que o objetivo do linguista passa a ser o

homonímia e do outro a economia linguística que tem por objetivo o menor esforço físico e mental do falante (p.159). Ou seja, os falantes tendem a querer simplificar a língua para que ela se torne mais fácil de ser utilizada e exija menos esforço, contudo, há uma força contrária que impede que todas as formas se igualem, de maneira que não prejudique a comunicação. Como se observa, tais considerações estavam voltadas para as causas intrassistêmicas da mudança e podiam ser explicadas sem se recorrer ao meio social.

estabelecimento de relações entre as duas realidades. Vendryes²⁸, aluno de Meillet, leva adiante a concepção desenvolvida em conjunto com as ideias sociológicas de que a linguagem não é arbitrária, mas é formada por um contrato entre os falantes constituído por meio do social. Este pensamento se assemelha à obrigação moral de Durkheim, na qual as infrações são punidas e tomam força de lei.

Sua afirmação de que a língua inexistente fora de seus falantes é uma oposição ao pensamento do século XIX de que a língua era um organismo vivo seguindo seu percurso de evolução com existência autônoma. Alguns podem se confundir e considerar que ele se opunha a Durkheim, que defendia a linguagem como algo independente de seus falantes. Contudo está de acordo com o conceito de consciência coletiva. Os falantes individuais são portadores de uma consciência individual, que por sua vez faz parte de uma consciência coletiva. (p.84)

2.28 CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA

Assim como construímos a compreensão de um clima de opinião favorável ao desenvolvimento do imanentismo, no qual foi descrito o entusiasmo da comunidade científica com o desenvolvimento das ciências naturais e do darwinismo, é preciso uma noção mais abrangente sobre o que possibilitou os autores de orientação sócio-histórica desenvolverem pesquisas que se opunham às correntes principais do século XIX e XX. Para isso, buscamos na formação do pensamento sociológico as bases para a explicação do fundamento epistemológico que conduziu autores como Schuchardt e Meillet.

Lukes (1972) argumenta que Durkheim tinha como objetivo escrever a história da sociologia. No entanto, não teve sucesso na tentativa, de forma que vários manuscritos foram perdidos. De acordo com Durkheim, o primeiro a formular o termo ciência social foi Saint-Simon (1760-1825), seguido por Comte (1798-1857), que foi um dos desenvolvedores da área. Montesquieu (1689-1755) foi o fundamentador dos princípios das ciências sociais, de forma que já era possível reconhecer em sua obra “Do espírito das leis” de 1748 a noção de diversidade das sociedades e a especificidade dos fenômenos sociais, embora passível de críticas.

Durkheim reconhecia ter sido fortemente influenciado por Rousseau. Segundo Lukes, havia pontos em que conceitos de ambos os autores eram semelhantes:

²⁸ Joseph Vendryes (1875-1960) foi professor honorário de indogermanística na Sorbonne. (IORDAN, 1972) Escreveu a obra *Le langage*, que serviu como manual para a escola linguística francesa, defendendo a língua como um fato social.

There is an obvious parallel between the *conscience collective* and the General Will; they are both collective in source, impersonal in form and authoritative with respect to individuals. Like the General Will, the conscience collective was the 'work of the community' (p.283)

Assim como Durkheim e Rousseau compartilhavam da ideia de que os fatos sociais eram impostos além da vontade individual, Meillet também se esforçou para enquadrar a linguagem dentro desses paradigmas, reforçando a noção de que a mudança linguística não poderia acontecer a partir de um único indivíduo, pois este estava inserido em uma realidade maior, e seria imposta de forma autoritária pelo meio social.

O panorama de autores que tinham em alguma medida uma compreensão do social nos ajuda a vislumbrar superficialmente como as ideias estavam se estabelecendo no contexto europeu. Uma vez que analisamos duas correntes, que poderíamos chamar de opositoras, em que o imanentismo recebe influência do pensamento corrente que valorizava a biologia, os autores que se opunham certamente sofreram influência do pensamento sociológico.

A influência da sociologia é clara e diretamente identificável nas obras de Meillet. Primeiro, por ele ter trabalhado juntamente com Durkheim e contribuído com revistas de sociologia; segundo, por ele ter vivido no princípio do século XX, quando a sociologia já estava melhor assentada como uma ciência. Há autores que discutem se Saussure sofreu ou não influência de Durkheim. Jordan (1982, p.399) cita Doroszewski, que defende tal influência no livro *Psychologie du langage*. Meillet e Bröndal afirmam o contrário, pois consideravam que não havia relação entre a escola linguística francesa e a sociologia de Durkheim. Staub (1981, p.27) inclui entre os autores que consideram a influência Dinneen, Coseriu, Robins, Criper e Widdowson; quanto aos que se opõem à influência cita Meillet, Bröndal e Hörmann. Staub prossegue ainda com o argumento de Mattoso Câmara Jr. de que “foi somente o clima durkheimiano da sociologia francesa que permitiu que Saussure aproveitasse, no sentido estruturalista, a assimilação da língua a uma instituição social” (p.28) e Koerner, que defende que, apesar de a influência de Durkheim não ser comprovada na obra de Saussure, a linguística tende a refletir a intelectosfera de seu tempo. Estou de acordo com Mattoso Câmara Jr. e Koerner, pois a influência ultrapassa o indivíduo e se torna parte do pensamento da época. A ausência de citação do nome de Durkheim no *cours de linguistique* provavelmente levou outros autores a desconsiderarem a influência, e corroborado pela força e importância de Meillet, sua opinião tomou a proporção de uma verdade. Contudo, podemos afirmar que já havia algo no estudo de Saussure que o colocava em um meio caminho entre o imanentismo e algo mais social. Quanto a Schmidt e Schuchardt, essa influência se mostra mais difícil de ser constatada

e até mesmo considerada. Por esse motivo, devemos observar a data das publicações de autores como Durkheim, Montesquieu, Rousseau e Comte e ponderar sobre o alcance que tiveram na época, o seu poder de influência e de que forma direta ou indiretamente podem ter chegado aos estudiosos que refutavam a língua como um ser vivo ou como uma entidade unicamente psicológica.

2.29 WEINREICH, LABOV & HERZOG²⁹

2.29.2 URIEL WEINREICH (1925-1967)

Nasceu em 1926 em Wilno, na Polônia, hoje Vilnius, capital da Lituânia, filho de Max Weinreich (Mejer Łazarewicz) e Regina Weinreich (nascida Szabad). Seu pai era um ativista da língua iídiche e fundou em 1936 a Organização Científica do Iídiche (Jidiše Visnšaftlexe Organizacje). Durante a guerra, quando a Alemanha invadiu a Polônia, ele e sua família se mudaram para os Estados Unidos, onde seu pai refundou a Organização Científica do Iídiche e Weinreich se tornou professor de língua e literatura de cultura iídiche na Universidade de Columbia. Em 1966, ele foi diagnosticado com câncer e faleceu em 30 de março de 1967, antes de completar 41 anos.

O fato de ter crescido falando várias línguas como polonês, iídiche e hebraico influenciou o direcionamento de Weinreich nos estudos de línguas em contato. Este seria o tema de sua tese de doutorado, que resultou na obra publicada em 1953, *Languages in contact*, na qual é demonstrado como fatores sociais interferem diretamente na língua além dos fatores linguísticos e devem ser considerados indissociáveis nos estudos sobre variação e mudança linguística.

2.29.3 WILLIAM LABOV (1927-)

Nascido em 1927, em Rutherford, Nova Jersey, iniciou sua carreira como linguista após trabalhar muitos anos como químico industrial ao entrar na Universidade de Columbia. Foi o

²⁹ **Language and Culture Atlas of Ashkenazic Jewry**. Disponível em: <<http://library.columbia.edu>>. Acesso em: jan. 2016

Piotr P. Chruszczewki, Zdzisław Wąsik (eds.) 2011: **Languages in Contact 2010**. Wrocław: Philological School of Higher Education in Wrocław Publishing (Philologica Wratislaviensia: Acta et Studia. Vol. 4. Edited by Zdzisław Wąsik). 215 pp.

Weinreich, Uriel. Disponível em: <www.jewishvirtuallibrary.org>. Acesso em: jan. 2016

William Labov. Disponível em: <<http://www.oxfordbibliographies.com>>, <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>> Acesso em: jan. 2016

pioneiro na área de sociolinguística variacionista e se tornou referência com suas teses de mestrado (*Studies of language change*, 1963) e doutorado (*Role of social variables*, 1966). Dentre algumas de suas obras estão *The Social Stratification of English in New York City* (1966); *Language in the Inner City* (1972), ocupando-se do uso da linguagem em contexto urbano; *Locating Language in Time and Space* (1980); e mais recentemente os três volumes de *Principles of language change* publicados entre 1994 e 2001, nos quais trata sobre fatores internos, sociais, culturais e cognitivos demonstrando um tratamento bem abrangente sobre a mudança linguística.

2.29.4 MARVIN HERZOG (1927-2013)

Após a Segunda Guerra Mundial, Uriel Weinreich iniciou um projeto de coletar informações sobre os judeus, a fim de que a sua cultura não fosse perdida. Foi criado, assim, o *Language and Culture Archive of Ashkenazic Jewry* (LCAAJ), um arquivo localizado na Universidade de Columbia. Após a morte de Weinreich, em 1967, Marvin Herzog passou a ser responsável pela direção.

2.29.5 FUNDAMENTOS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

O texto foi elaborado para ser apresentado no simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, que ocorreu na Universidade do Texas em 29 e 30 de abril de 1966, organizado por Winfred Lehmann³⁰ e Yakov Malkiel³¹. Os trabalhos foram publicados no livro *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. (Weinreich, Labov & Herzog, 2006)

As contribuições feitas por esta obra em linguística histórica serviram tanto para a revisão bibliográfica de autores antigos como para a proposta de novas metodologias para os estudos de variação e de sociolinguística.

³⁰ Winfred Lehmann (1916-2007) nasceu em Surprise, Nebraska. Se formou em humanidades e conquistou os títulos de mestrado e doutorado em linguística germânica nos anos de 1938 e 1941 respectivamente, sempre na Universidade de Wiconsin. Sua maior área de atuação como professor foi na área de línguas germânicas e linguística histórica. < www.utexas.edu/ > Acesso em: maio de 2016

³¹ Yakov Malkiel (1914-1998) nasceu em uma família judia em Kiev e se mudou com a família para Berlim por causa da guerra civil da Rússia, onde conseguiu seu título de doutorado em linguística românica na Universidade Friedrich-Wilhelm em 1938. Após isso, por um aumento da xenofobia contra judeus na Alemanha, se mudou para os Estados Unidos e trabalhou na Universidade da Califórnia como professor assistente de português e espanhol e como professor de filologia românica. < www.oac.cdlib.org/ > Acesso em: maio de 2016

O ponto mais importante apresentado pelos autores é a concepção de língua como um sistema heterogêneo ordenado. Este é considerado um axioma fundamental no estudo da mudança linguística sob uma perspectiva sociolinguística, diferindo-se da abordagem racionalista que busca encontrar os fundamentos gerais da língua e considera as variações como meras manifestações superficiais.

Esse trabalho foi feito em conjunto entre três autores: Weinreich e seus orientandos de doutorado Labov e Herzog, que deram continuidade à escrita do texto após a morte de Weinreich.

A proposta principal dos autores era desenvolver uma abordagem sistemática de estruturas heterogêneas que diferisse do que os estruturalistas vinham propondo. De acordo com WL&H, Paul e Saussure viam como incompatível a combinação de variabilidade e sistematicidade. Por esse motivo, desenvolveram uma metodologia que se voltava para o idioleto isolado, devido à sua homogeneidade, o que, no entanto, não correspondia com a realidade. Como demonstrado no início do capítulo 3 da obra de WL&H, o paradigma da homogeneidade leva muitos pesquisadores a se depararem com o paradoxo sobre a mudança: o processo de mudança sonora é lento e gradual, todavia o processo que gera a mudança é instantâneo. Para evitar esses problemas, WL&H desenvolvem a proposta que é base para os estudos sociolinguísticos:

Sugerimos que a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua. (p.88)

Vemos, nesta citação, os dois pontos chave aos quais devemos estar atentos: homogeneidade e diferenciação ordenada. O primeiro representa uma metodologia utilizada pela visão imanentista em que se fazem recortes da língua para analisá-la sob uma condição ideal; já o segundo ponto se refere a uma metodologia da sociolinguística, propondo que a língua seja descrita considerando suas variáveis possíveis de ser identificadas. A ênfase deixa de ser o indivíduo e passa a ser a comunidade de fala da qual a língua faz parte.

Os neogramáticos e os estruturalistas afirmavam que a língua, por sua natureza sistemática, deveria estar em constante equilíbrio para que pudesse continuar funcionando. Todavia, isso entrava em contradição com a natureza mutante das línguas. Se o sistema está em equilíbrio, por que as línguas mudam? E se há um desequilíbrio desses sistemas que levam a mudança, como as pessoas continuam se comunicando? Para solucionar esta questão, WL&H

argumentam que toda língua é um sistema em transição, pois as mudanças ocorrem ininterruptamente, e que não há um único sistema homogêneo, mas uma relação entre diversas variantes que estão em um processo constante de transição e encaixamento de novas formas.

[...] a language is not just one system, but a system of systems. All its systems interact, and, as we were taught when we were beginning students of historical linguistics, a change that simplifies one subsystem is likely to complicate another. (Thomason&Kaufman, 1991 p.23)

Inicialmente, os neogramáticos acreditavam que poderiam estabelecer as fronteiras dos dialetos, o que os possibilitaria determinar as formas homogêneas dos falares diferentes. Contudo, diante dos dados, eles perceberam que esta não era uma tarefa tão simples, pois os dialetos se inter cruzavam e não havia uma divisão lexical clara, de forma que era possível coexistirem formas arcaicas e inovadoras ao mesmo tempo – Um reflexo da estratificação que não era considerada e que pesquisadores, como Schuchardt, já haviam contestado. Observou-se então, com a ajuda da geografia linguística, que as isoglossas não eram formadas apenas por leis fonéticas, mas por outras questões que iam além da estrutura linguística simplesmente.

Um ponto no qual diversas vertentes da linguística concordam, é que a mudança ocorre pela transferência entre dois sistemas. O neogramático Paul, de acordo com WL&H (p.92), propôs o sistema mais simples de transferência que se pode encontrar, no qual as mudanças ocorriam pela relação entre dois idioletos diferentes. Assim, um falante de um idioleto pode influenciar o falante de outro idioleto. Contudo, essa proposição não se aplica quando fazemos uma análise empírica. Paul reconhecia a mistura de dialetos, todavia, não considerava que pudesse haver alternância entre idioletos. Para isso, os autores defendem que se abandone a ideia de idioleto e propõem um modelo mais complexo que demonstra como acontecem as transferências entre dois sistemas quando dois falantes entram em contato:

Quando o falante *A* aprende pela primeira vez uma regra, *q*, de *B*, não é de esperar que ele a aprenda perfeitamente. Influenciado por seu próprio sistema, *P*, e sem a gama total de experiência de *B* que suporta o sistema *Q* de *B*, *A* adquire uma regra, *q'*, de um tipo algo diferente – uma regra fonológica com traços alterados, uma regra lexical com diferentes privilégios de distribuição, ou uma regra gramatical com algumas condições especiais perdidas. Assim, nessa transferência inicial, um segundo tipo de mudança já aconteceu. Mas a mudança mais profunda e sistemática deve ser esperada depois que *A* adquiriu a regra de *B*. Dentro do repertório único disponível a *A* (contendo *p* em *P* e *q'*), podemos prever uma acomodação de *p* e *q'* – normalmente, uma assimilação de *q'* aos traços característicos de *p* de modo que se torna possível a inserção final de uma *q''* modificada dentro do sistema *P*. (WEINREICH, LABOV & HERZOG 2006, p.94)

Com o intuito de facilitar a compreensão, separei os elementos presentes no modelo:

A e B – falantes que entram em contato;

p – uma regra linguística do falante A;

q – uma regra linguística do falante B;

P – sistema do falante A;

Q – sistema do falante B;

q' – regra de B adquirida por A com as devidas alterações devido ao seu sistema diferente;

q'' – regra modificada no sistema de A

Observamos que os falantes, justamente por serem indivíduos de realidades diferentes, possuem sistemas diferentes e que, em consequência disso, ao receberem novas regras, têm de adaptá-las a seus sistemas. Quando A recebe a regra q, ele não pode simplesmente incorporá-la. É necessário que ocorra a adaptação para q'. Um exemplo que utilizarei para melhor ilustração é a palavra *internet*, emprestada do inglês para o português. Considerando brasileiros como falantes A portadores do sistema P, e americanos como falantes B portadores do sistema Q, temos as seguintes regras: O sistema Q suporta o fone [t] em posição final de palavras, sendo assim a regra q = [t]_#. Já no sistema P não existe essa possibilidade, de forma que qualquer [t] em posição final será adaptado a [t̥]. Esta é apenas uma das várias alterações que podemos registrar na palavra. Ainda poderíamos levar em consideração a entonação, a pronúncia do [r], e o gênero que a palavra adquire no português, dentre outras adaptações.

WL&H demonstram que a palavra *trauma*, ao ser passada do alemão para o inglês, imediatamente trocou a pronúncia do /r/ uvular pela apical surda americana. Somente depois, o sistema do inglês tratou de mudar também a pronúncia de /aw/ para /ɔ/ conforme as regras já existentes na língua.

WL&H concluem com a proposição de cinco problemas que devem ser observados sobre a mudança linguística:

- Fatores condicionantes: São os conjuntos de mudanças e condições possíveis que podem ocorrer numa língua além da combinação de fatores sociais e linguísticos. As pesquisas feitas em diversas áreas da linguística podem contribuir com a descoberta e determinação dos mais diversos fatores condicionantes.
- Transição: Todos os dialetos estão em transição. As pesquisas sociolinguísticas indicam que transição tende a ocorrer entre falantes de faixas etárias próximas e não de pais para

filhos. Primeiro os falantes aprendem uma forma alternativa. Em seguida, há uma coexistência das duas formas até que uma delas se torne obsoleta.

- Encaixamento:
 - Na estrutura linguística: quando se analisam os encaixamentos na estrutura linguística, deve-se reconhecer que a língua é formada por estratos discretos que coexistem e co-ocorrem em uma comunidade de fala. Isso implica em reconhecer que as mudanças não ocorrem de uma vez de um sistema para outro, mas por partes.
 - Na estrutura social: A estrutura linguística faz parte de um contexto maior que é a comunidade de fala, portanto é determinada por variações sociais e geográficas. Os fatores sociais influenciam as estruturas linguísticas com forças diferentes em partes diversas, pois a língua não é homogênea.
- Avaliação: No princípio, as mudanças são imperceptíveis. No entanto, a partir de certo momento mais avançado, os falantes começam a percebê-la e em alguns casos pode haver uma resistência. Surge então uma atitude corretiva, geralmente partindo das classes econômicas mais altas. A avaliação consiste, portanto, em uma consciência social dos falantes quando a mudança deixa de ser latente e passa a ser perceptível no uso.
- Implementação: As mudanças sofrem tanto estímulos quanto restrições das estruturas linguísticas e sociais. De acordo com WL&H, devido às dificuldades de se fazer previsões sobre as implementações, as explicações sobre as razões das mudanças devem ser somente *a posteriori*, pois, assim como envolvem relações com as mudanças sociais, não se pode prever qual caminho tomarão.

2.30 CONCLUSÃO

Foram apresentadas metodologias da história da ciência e da história das ideias como base para a escrita da historiografia linguística. O recorte de cem anos foi feito entre as décadas de 1860 e 1960 com o intuito de mostrar o desenvolvimento da linguística e sua manifestação em duas orientações epistemológicas. Foi proposta a terminologia de orientação sócio-histórica a partir de Silva (2008) para contrastar com o imanentismo apresentado por Faraco (2005), sendo defendida a tese de que as ciências naturais influenciaram a primeira enquanto as ciências sociais influenciaram a última, com a constatação de que não é simples classificar os autores dentro das orientações

3 BREVE DEMONSTRAÇÃO DE UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS LÍNGUAS GERMÂNICAS

3.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é simplesmente demonstrar de forma breve como uma abordagem mais social pode ser utilizada na escrita da história das línguas germânicas e quaisquer que venham a ser estudadas. Apesar de destoar um pouco do ritmo que vinha sendo tomado no capítulo anterior, busco aplicar os conhecimentos já apresentados como genética e contato, e a orientação sócio-histórica, que considera os fatores externos como causas determinantes ou principais para a mudança linguística. Portanto, as questões não são aprofundadas, mas servem como uma sugestão de um caminho a ser tomado e qual bibliografia a ser utilizada.

Os dados linguísticos apresentados nesta parte do trabalho foram essencialmente retirados da obra *Language contact and origins of the germanic languages*, de Peter Schrijver, publicado em 2014, e do artigo de Theo Vennemann, *Lombards and Lautverschiebung: A Unified Account of the High Germanic Consonant Shift*, de 2008. Este capítulo é um vestígio da ideia inicial que tive para a dissertação, na qual planejava abordar mudanças gramaticais específicas ocorridas na família germânica a partir de uma abordagem social, como a história de contatos entre povos. Contudo, devido a diversas questões, como a dificuldade de se fazer uma pesquisa deste tipo em Brasília e possivelmente no Brasil, o alvo do trabalho se voltou para a historiografia do desenvolvimento das ideias linguísticas de orientação sócio-histórica, como já visto nos capítulos anteriores.

A Universidade de Brasília, devido à sua ausência de uma graduação em Letras Alemão e oferta de disciplinas nas demais línguas germânicas, não possui um acervo e um corpo docente que possa suprir a pesquisa em germanística atualmente. Vendo pelo cenário nacional, a pesquisa em linguística histórica nesta área também não é um dos maiores atrativos no país. De forma que, quando se fala em germanística, geralmente se quer dizer uma área de estudo voltada para a língua alemã no que concerne ao seu ensino como língua estrangeira e literatura, não sendo abrangente para as demais línguas da família, e com ênfase na sincronia.

Para se escrever a história social de uma língua é importante que se tenha um conhecimento amplo do ambiente no qual aquela língua está inserida. A parte estrutural é imprescindível, todavia, é preciso ir além na descrição da história do local, quais povos

estiveram envolvidos na formação, como era a geografia da região, os costumes, dentre diversos outros fatores possíveis. Quando estudamos contatos entre línguas, consideramos necessariamente pressões políticas e sócio-econômicas, que já podem ser de conhecimento prévio por meio de outras disciplinas como a História e a Arqueologia. Contudo, é possível que a área onde a descoberta ocorra primeiramente seja a linguística, contribuindo então com as demais ciências, ou mesmo que uma descoberta entre em conflito com os conhecimentos já construídos e isso conduza a uma revisão. Por esse motivo, a interdisciplinaridade, como já afirmado anteriormente, é essencial na escrita da história de uma língua, pois não nos atemos apenas às questões intralinguísticas, mas buscamos considerar o máximo de fatores externos que estejam ao alcance.

Peter Burke (1987) na obra *The social history of language* observa que, a partir das décadas de 1950 e 1960, a linguagem passou a ser estudada mais fortemente sob o ponto de vista social, como parte da cultura. Como já demonstrado nos capítulos anteriores e segundo Burke, a preocupação com a história da língua não é nenhuma novidade recente, tendo em vista que autores antigos já escreviam a história das línguas e no século XIX os comparatistas se ocupavam principalmente da reconstrução diacrônica, vindo a ser subvalorizados no século XX por Saussure e outros autores. Ocorreu, então, uma virada de abordagem em relação ao foco que se tinha sobre a linguagem. Antes os pesquisadores estavam mais atentos às mudanças estruturais, em seguida, a partir da revolução sociolinguística, passou-se a considerar a variedade que constituía e refletia a complexidade das sociedades. Desta maneira, a pesquisa não se encerra na estrutura e nas motivações internas da língua, mas nos falantes incluídos no ambiente e na cultura. A diferença da fala da mulher em relação à do homem passa a ser um objeto de estudo, bem como as diferenças de estilo aos quais cada falante se adapta conforme a situação, e reconhece-se a língua como um instrumento de poder, por influência de autores como Foucault (*apud* BURKE, p.13), para citar alguns exemplos. Isso não quer dizer que a noção de variedade passou a ser considerada de uma hora para outra. A convivência de pessoas de grupos e etnias diferentes sempre foi comum ao longo da história humana, de forma que imitações de estrangeiros, reconhecimentos de falas diversas entre gêneros e idades distintas certamente foram parte de observações, piadas e criações artísticas de dramaturgos desde as primeiras organizações culturais. A diferença está na abordagem científica que passou a ser dada pela sociolinguística recentemente. Caminhamos assim para uma direção mais interdisciplinar. Como afirma Burke, a língua é importante demais para que seja pesquisada apenas pela linguística, demonstrando que ele se reconhece como um historiador social e não

um linguista histórico, sobretudo devido à sua formação acadêmica. Esta área relativamente nova, de acordo com o autor, deve se favorecer dos que já iniciaram os passos anteriormente, como a sociologia da linguagem e a etnografia do discurso.

A partir deste conhecimento, podemos traçar os caminhos desejáveis para uma escrita da história social do alemão. Diante do privilégio de ter ao alcance dados bem estruturados, graças ao trabalho árduo e minucioso dos linguistas do século XIX e XX, é possível colocá-los em comparação com as realidades sociais descobertas por outras áreas. Desta maneira, está ao alcance dos pesquisadores analisar a Segunda Mutação Consonantal do alemão, por exemplo, de acordo com os fatores externos. Sem que se despreze as motivações internas, pode-se tratar da mudança por uma questão política ou cultural como será demonstrado a seguir.

Temos Winfred Lehmann (1967) como exemplo de um linguista que fez um bom trabalho na reconstrução cultural das línguas germânicas que, no entanto, não era um sociolinguista. Estas informações não foram publicadas devido ao seu estado de saúde no fim da vida, sendo apenas encontradas na internet a partir de 2006 no site da Universidade do Texas com autorização do autor. De acordo com Lehmann, as evidências das relações entre as línguas germânicas e línguas de outras famílias como a balto-eslava, itálica e céltica só podem ser encontradas na língua. Não obstante, reforço que informações de outras áreas da ciência como arqueologia e história, só para exemplificar, podem se unir aos dados linguísticos e contribuir com a extensão do conhecimento humano.

Lehmann (1967) acreditava que a forma como o latim se expandiu, de língua de um grupo pequeno para a língua de um império, serve como evidência para a expansão do germânico que possivelmente foi semelhante. É provável que os germânicos ainda formavam um grupo coeso quando ocorreu a primeira mutação consonantal que os diferenciou do indo-europeu, aproximadamente 2.500 AEC. O autor defende que a semântica está intimamente conectada com a cultura de seus falantes. Contudo, numa visão mais sócio-histórica, pode-se dizer que não só a semântica, mas a língua como um todo, por ser uma instituição social, faz parte desta conexão. A primeira afirmação está de acordo com os autores que defendem que apenas a *parole* é afetada por fatores externos, enquanto a *langue* se mantém inalterada. Todavia, assim como T&K defendem, a força social pode ser determinante na mudança:

We certainly do not deny the importance of purely linguistic factors such as pattern pressure and markedness considerations for a theory of language change, but evidence from language contact shows that they are easily overridden when social factors push in another direction. (THOMASON & KAUFMAN, 1991 p.4)

Repito os exemplos dos salish de Montana, nos Estados Unidos, e o multilinguismo do noroeste amazônico, no Brasil, que possuem uma resistência quanto ao empréstimo lexical, mas em contrapartida são afetados pelos empréstimos morfológicos, que são menos perceptíveis (cf. capítulo I). A obra de Lehmann (1967), além das tradicionais reconstruções fonológicas e morfológicas, possui uma sessão para a sintaxe e uma para a semântica, com o intuito de fazer uma gramática mais completa do proto-germânico. A sessão de semântica busca fazer uma reconstrução cultural a partir das obras clássicas de Cesar e Tácito (*De Bello Gallico* e *Germania*), com evidência e comprovação no léxico. Desta maneira, o autor apresenta a cultura dos povos germânicos na seguinte ordem: religião, práticas econômicas e pessoais, sistemas de parentesco e estrutura familiar, casa, construções, ocupações, economia, numerais, modo de vida, o mundo vegetal, natureza e transporte. As mudanças sociais são deduzidas a partir das mudanças lexicais registradas, de forma que, por exemplo, a inclusão de palavras celtas no sistema de parentesco demonstra que o contato entre essas culturas pode ter ocasionado uma mudança na estrutura familiar, da mesma maneira que a adaptação dos deuses germânicos aos deuses romanos, como observado nos nomes dos dias da semana, são uma evidência de que tenha havido transformações nas práticas religiosas.

3.2 APRESENTAÇÃO DA OBRA *LANGUAGE CONTACT AND THE ORIGINS OF THE GERMANIC LANGUAGES*

Peter Schrijver é professor de línguas e cultura celtas na Universidade de Utrecht, na Holanda. O objetivo principal da obra *Language Contact and the Origins of the Germanic Languages* é explicar como os contatos linguísticos, por meio dos substratos, exerceram um papel determinante nas mudanças ocorridas no ramo germânico. O autor afirma que se baseia na divisão proposta por Thomason & Kaufman sobre contatos linguísticos que consiste em: mudança por empréstimo e mudança por substituição³². Contudo, deixa claro que há um ponto em que difere dos autores. Segundo Schrijver (2014), T&K atentam para o problema da substratomania comum entre alguns linguistas históricos, que é a explicação excessiva de mudanças por contato pelo efeito de um substrato (uma língua falada na região anteriormente que serve como uma estrutura influente sobre a língua que se sobrepôs a ela – geralmente a língua de um povo dominador). T&K (1991) apresentam os pré-requisitos metodológicos para considerar a influência de um substrato, os quais Schrijver não segue por completo. São eles:

³² *Change through borrowing e change through shift.*

(1) identificar uma língua de substrato ou grupo linguístico; (2) ter informações sobre a estrutura do substrato; (3) ter informações sobre a estrutura da língua alvo antes da mudança. Seguindo esses critérios, línguas desconhecidas não poderiam ser tidas como substrato, ao menos em considerações teóricas. Schrijver deixa claro que tem conhecimento da posição de T&K e dos demais linguistas que desconfiam de deduções a partir de dados escassos, no entanto, considera que é preciso lidar com imprecisões e ponderar sobre problemas dos contatos linguísticos em tempos remotos para que as pesquisas sigam adiante.

Em todas as línguas estudadas, Schrijver demonstra uma relação de substrato e superestrato. Segundo o autor, as línguas germânicas surgiram a partir do contato entre o indo-europeu e línguas balto-fínicas que já estavam na região em períodos anteriores à Era Comum; as línguas escandinavas se formaram do contato do germânico com línguas desconhecidas da península escandinava; ao alto alemão, ele atribui um intenso contato entre germânicos e falantes do latim; o inglês aos contatos dos germânicos com falantes de latim que já tinham sido influenciados por irlandeses; e, por fim, o holandês a uma relação entre o baixo alemão e o francês arcaico. Embora T&K e outros autores com posições mais conservadoras discordem das substratomania, Schrijver encontra suporte em diversos autores que defendem que possivelmente houve uma influência de substratos (PROKOSCH, NEUMANN, VENNEMANN, MEES, *apud* ROBERGE, 2010). Um dos argumentos principais se assenta na etimologia germânica que em muitos pontos não encontra paralelo com o indo-europeu. De acordo com Roberge (2010), Lehmann não considera que tenham havido contatos linguísticos consideráveis na formação do proto-germânico, juntamente com outros autores resistentes à ideia (POLOMÉ *apud* ROBERGE). Contudo, outros autores defendem que substratos podem ter influenciado a estrutura do germânico e levado à primeira mutação consonântica (GÜNTERTM WITCZAK, FEIST *apud* ROBERGE).

O que se observa em Schrijver é um grande direcionamento para a explicação de todos os fatos por meio do contato e da mudança de falantes de língua A para B, ocasionando mudanças por aprendizado imperfeito, o que faz parte das teorias sobre contato. Além disso, por ser um especialista em línguas celtas, sua obra argumenta e defende, em alguns casos, longamente sobre influências celtas, que muitas vezes são negadas por outros estudiosos. Bloomfield (1961, p.386) argumenta que o substrato celta só pode ser considerado até o ponto em que havia falantes bilíngues, isto é, que falavam uma língua celta e a outra língua de superestrato, e que após isso não se pode mais determinar mudanças modernas como sendo influências celtas. A isso, ele chama versão mística da teoria do substrato.

O estudo que se segue é uma breve apresentação da história da língua alemã com base em Schrijver (2014) e Wennemann (2008) enriquecido com algumas discussões e inserções de outros autores. O conteúdo foi apresentado em um pôster no I Congresso Nacional de Germanística da ABEG, do qual participei em São Paulo em novembro de 2015.

3.3 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DA LÍNGUA ALEMÃ

É apresentada a seguir a tentativa de se aplicar os métodos da escrita da história social à língua alemã. Para isso, foram utilizados os dados linguísticos apresentados por Schrijver (2014) e Wennemann (2008) como uma forma de demonstração da estrutura interna das línguas. Ou seja, a formas visíveis as quais temos acesso para afirmar que as línguas mudaram em relação ao estado atual. Em seguida, uma breve sugestão de um contexto sócio-histórico é feita, a fim de que o leitor possa situar os dados linguísticos dentro de um período.

Schrijven (2014) lista cinco grupos nos quais os dialetos do alemão podem ser enquadrados:

- Tipo I – Mudança completa
- Tipo II – Mudança quase completa
- Tipo III – Francônio do Reno
- Tipo IV – Francônio do Mosela
- Tipo V – Ripuário

3.3.1 RELAÇÃO GENÉTICA X CONTATO LINGUÍSTICO

De acordo com os estudos de relação genética, afirma-se que todas as línguas mudam com o tempo por meio de alterações em seus sistemas. Por ser um sistema complexo, as línguas são formadas por várias partes que necessitam a todo momento se manter em equilíbrio. Alguns autores, como Welmers, Martinet e Polomé, referenciados nos primeiros capítulos de T&K (1991), partilham do ponto de vista de que as mudanças linguísticas podem ser explicadas tão somente pelas relações internas, de forma que as explicações sobre fatores externos devem ser consideradas apenas quando todas as questões intrassistêmicas já foram exauridas. No entanto, concordo com a ideia de T&K de que as explicações sobre mudanças linguísticas devem ser as mais completas possíveis, portanto, além de se analisar a estrutura da língua, é aconselhável que se explique o que os fatores do ambiente podem causar nos sistemas das línguas:

Aside from the fact that a weak internal motivation is less convincing as a cause than a strong external motivation, the possibility of multiple causation should be kept in mind. We would agree with Ohala, for instance, that to explain sound change “one should first try all the phonetic explanations”; but we disagree with his added comment that “only if they don’t work [one should] seek an explanation in terms of social, psychological, or historical facts.” In our view, an explanation should be as complete as possible. (T&K, 1991 p.58)

Partimos também do pressuposto de que a língua é composta por seus falantes e suas histórias, e não uma entidade autônoma desligada de seus povos e culturas. Desta maneira, nesse trabalho será feita a sugestão de análise de estruturas linguísticas de dois dialetos do alto alemão da Idade Média e comparados com possíveis explicações sobre as motivações das mudanças da pronúncia através do contato com povos romanos.

3.3.2 MUTAÇÃO CONSONÂNTICA DO ALTO ALEMÃO

A mutação consonântica do alto alemão é um complexo de mudanças sonoras ocorridas nas regiões ao sul da Alemanha que se espalham até o norte nas áreas do baixo alemão. Foi responsável pelas diferenciações entre o holandês e o alemão. Os sons afetados foram as oclusivas surdas do proto-indoeuropeu *p*, *t*, *k* e ambientes adjacentes. Os ambientes a serem considerados são seis:

- /#_ Começo de palavra
- V_V Entre vogais
- /V_# Entre vogal e final de palavra
- /VL_ Após uma vogal seguida por uma líquida (*r* ou *l*)
- /VN_ Após uma vogal seguida por uma nasal (*n* ou *m*)
- Geminada

3.3.3 EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS

O proto-germânico é uma reconstrução hipotética de como supostamente foi a língua falada pelos primeiros povos germânicos por volta de 500 AEC. Lehmann (*apud* ROBERGE, 2010) o considera como um núcleo de falantes que partilhavam elementos comuns em seus dialetos. Ocorreu devido a uma primeira mutação consonântica que o diferenciou das demais

línguas indo-europeias, que ficou conhecida como Lei de Grimm. Em seguida, o germânico sofreu uma segunda mutação que diferenciou o alemão das demais línguas. Esta mutação iniciou-se em algum ponto geográfico, do qual não há consenso, e espalhou-se para os demais dialetos. Em alguns ocorreu uma mudança completa dos fonemas em todos os ambientes, em outros as mudanças só ocorreram em algumas partes.

3.3.4 PROTO-GERMÂNICO POR VOLTA DE 400 AD

Quadro 3.1 – Proto-germânico por volta de 400 AD

Proto-germânico	/#_	/V_V	/V_#	/VL_	/VN_	geminada
*t	tehun	latan	θat	bolt	planta	katta
*p	panna	kaupon	up	helpan	damp	appl
*k	kald	makon	ik	merkon	drinkan	akkr

Fonte: Schrijven, 2014

Nesta reconstrução, observamos uma ausência de mudanças em relação aos dialetos que sofreram mutação completa e o alemão padrão moderno.

3.3.5 ESTÁGIOS

Os estágios pelos quais os dialetos com mutação completa passaram foram os seguintes: Primeiramente, as oclusivas *t*, *p*, *k* se transformaram nas africadas *ts*, *pf*, *kx*. Em seguida essas africadas se transformaram nas fricativas *s*, *f*, *x*.

3.3.5.1 DIALETOS COM MUTAÇÃO COMPLETA

Quadro 3.2 – Dialetos com mutação completa

	/#_	/V_V	/V_#	/VL_	/VN_	geminada
*t	/ts/ehn	la/ss/en	da/s/	Bol/ts/en	pflan/ts/e	ka/ts/e
*p	/pf/anne	kau/ff/en	au/f/	hel/f/en	dam/pf/	a/pf/el
*k	/kx/alt	ma/xx/en	i/x/	mer/(k)x/en	trin/kx/en	a/kx/er

Fonte: Schrijven, 2014

Entre esses dois extremos (de um lado a ausência total de mudanças e do outro uma mutação completa atingindo igualmente todos os ambientes) havia e ainda há uma grande variedade de dialetos que tiveram mudanças parciais. O alemão padrão moderno, por exemplo sofreu mudança de [t] para [ts] e [p] para [pf], mas conservou o [k] sem mudar para [kx]. Ex.: **latan* > *lassen*; **planta* > *Pflanz*; **drinkan* > *trinken*.

A comparação entre os sistemas linguísticos do alemão e de dialetos do latim tardio ao norte da Itália demonstram que os ambientes onde ocorreram essas mudanças têm relação com os ambientes onde os romanos teriam problemas com a pronúncia, de forma que as aspiradas germânicas (p^h, t^h, k^h) foram substituídas por africadas (pf, ts, kx), o que serve como mais uma evidência de contato e aprendizado imperfeito.

Quadro 3.3 – Latim do norte da Itália

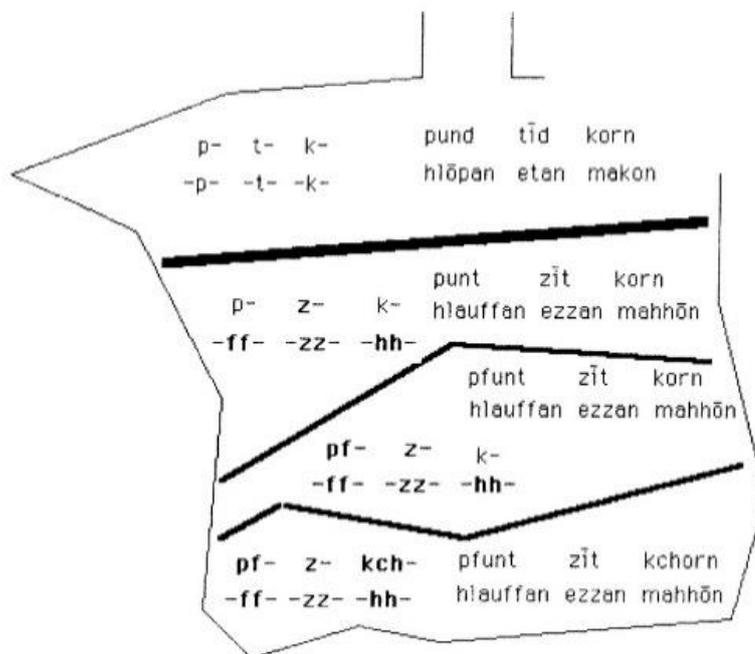
Latim do norte da Itália	/#_	/V_V	/VL_/VN_	geminada
t	*ts/tʃ	*ts	*ts	*(t)ts
p	-	*pf ^j (>*tʃ)	-	-
k	-	*kx ^j (>*ts)	-	-

Fonte: Schrijven, 2014

3.3.6 GESTAFFELTE DEUTSCHE LAUTVERSCHIEBUNGSLANDSCHAFT

No trabalho de Vennemann (2008), mesmo em inglês é mantida a nomenclatura “*Gestaffelte deutsche Lautverschiebungslandschaft*” que pode ser traduzida aproximadamente como “panorama da mudança sonora gradual do alemão”. A ilustração abaixo representa um mapa que corresponde à região política da Alemanha atual com as divisões das formas encontradas nos dialetos.

Figura 3.1 – Gestaffelte deutsche Lautverschiebungslandschaft



Fonte: Wennemann, 2008

1. A linha grossa representa a “linha de Benrath”, que separa o baixo alemão (norte) do alto alemão (sul);
2. A linha abaixo separa o alemão central dos dialetos mais altos (upper German). A parte mais ao oeste forma o “Rhenish Fan / Rheinische Fächer”, que consiste na fronteira de transição entre o alemão e o holandês, havendo uma mistura de dialetos nessa região. A linha segue pelo rio Reno, da Alsácia até a Holanda (McColl Millar, 2012);
3. A terceira linha separa o alto alemão moderado do alto alemão extremo (alemão alpino).

Ao norte da linha de Benrath observam-se as oclusivas *p, t, k* intactas, ao passo que indo em direção ao sul, aos poucos elas vão se transformando. Não fica claro se Wennemann está representando os sons conforme uma pronúncia arcaica ou se apenas utiliza a letra *z* no lugar de [ts], devido à sua pronúncia análoga no alemão padrão moderno, de modo que deixa de utilizar uma representação fonética. McColl Millar (*op.cit.*) demonstra a diferença encontrada dos dois lados da linha de Benrath com os exemplos clássicos entre alemão e holandês:

Quadro 3.4 – Comparação entre alemão e holandês

Alemão	Holandês	Tradução
Pfund	Pund	Libra
Dorf	Dorp	Vila
Zeit	Tijd	Tempo
Geschlossen	Gesloten	Fechado
Kind ³³	Kind	Criança
Machen	Maken	Fazer

Fonte: elaborado pelo autor

A transformação do [k] na africada [kx] apenas ocorre em dialetos do sul da Alemanha. Nas demais regiões, incluindo o alemão padrão, é mantida a oclusiva, o que é tido como uma hipótese de que a mutação se iniciou no sul e se espalhou para o norte, perdendo força até não ocorrer mais no baixo alemão.

3.3.7 EXPLICAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA

Os dados linguísticos que compõem a língua interna são a base da qual partimos para uma explicação mais abrangente sobre as mudanças linguísticas. As informações sobre o mundo externo nos ajudam a compor um cenário mais complexo. Como não lidamos com falantes vivos dos quais podemos retirar dados, é necessária uma pesquisa histórica que nos aproxime dos costumes da época.

Schrijver constata que a região onde provavelmente a MCAA ocorreu era uma zona de intenso contato entre povos germânicos e romanos, pois era a fronteira entre o Império Romano e as terras dos bárbaros. Os germânicos eram tolerantes com a pronúncia dos romanos, o que ajudou a variedade a se espalhar pelas línguas germânicas, de forma que elas passaram a ter uma pronúncia romanizada. Esta influência pode ter sido reforçada pelo poder exercido pelas dinastias francônias na região da Renânia. Evidências arqueológicas sugerem que os lombardos, que eram povos germânicos, se estabeleceram no norte da Itália e exerceram controle sobre a população, proporcionando assim uma região de intenso contato que levou também a uma

³³ Não ocorre mudança em *Kind* no alemão padrão, de maneira que a palavra se mantém semelhante ao holandês.

mudança fonética. A semelhança de mudanças entre o francônio e o lombardo indicam que as situações de contato foram quase idênticas. Os documentos mais conhecidos que comprovam a interação de romanos com germânicos são o *Edictum Rothari* e a *Lex Salica* – O primeiro era um sistema de leis dos lombardos e o último dos francos. A legislação era de base germânica, demonstrando que foi feita de germânicos para germânicos. Nos códigos havia considerações sobre romanos, como por exemplo, quais eram seus direitos e deveres ao conviverem em terras que não eram romanas. Eles possuíam um alto nível de interação, de forma que havia necessidades de adaptação de um à cultura do outro, no entanto sem total assimilação. A sugestão de um cenário possível é a de que houve uma manutenção da cultura original com uma tendência a absorver elementos da outra cultura com maior *status*, como, por exemplo, a pronúncia (sotaque) da outra língua. Sabe-se desta tendência por ela ser encontrada em outras situações de contato que podem ser comprovadas por dados.

De acordo com Musset (1965), podemos dividir as invasões germânicas em ondas, isto é, uma classificação de períodos diferentes de incursões que ocorrem entre o período de 200 a 1100 EC. Na primeira leva de migrações, por volta de 200 EC – 500 EC, destacam-se os povos suevos, vândalos, alanos, burgúndios, visigodos e ostrogodos. Essa foi a maior incursão, seguida pela segunda onda, entre 500 EC e 700 EC, que é de maior interesse para este estudo, a qual compreendia as migrações dos francos e lombardos. Essas divisões são importantes nos estudos linguísticos sócio-históricos, pois demonstram diferenças que precisam ser compreendidas e nos trazem conhecimento sobre a natureza dos contatos, de forma que podemos aplicar os métodos mais adequados sobre como ocorreram as interações linguísticas entre os povos. A primeira onda teve como características incursões mais efêmeras, enquanto a segunda já foi mais lenta e modesta, possuindo mais características de colonização. Isso pode ser constatado pela influência germânica que lombardos exerceram na língua italiana e francos na língua francesa, no que tange somente ao léxico, muito maior do que a deixada por visigodos no espanhol e suevos no português (ANDERSON, 1989).

Quando se trata de pesquisar povos germânicos, é muito comum que se usem fontes romanas contemporâneas, como é o caso de *Germania*, de Tácito, na qual os lombardos são relatados como habitantes da região do Elba. Os autores não podem comprovar, no entanto, também não duvidam da possibilidade de os lombardos terem tido sua origem na Escandinávia, pois seus sistemas de leis (*Edictum Rothari*) possuíam características puramente germânicas. O nome da tribo se imprimiu na região de Bardengau (Langobardengau), onde hoje se situa a cidade de Lüneburg, na Baixa Saxônia (LOT 1985).

Há um período de aproximadamente quatro séculos em que não há relatos históricos dos lombardos, retornando somente no século V, quando já habitavam a Panônia, na Baixa-Áustria. Nessa época, sob o domínio do rei Alboim, eles se uniram a outras tribos como gépidas, búlgaros, sármatas, suevos e saxões (variando para mais ou para menos conforme os autores) e, ao atravessarem os Alpes, dominaram o norte da Itália, onde hoje se encontra a província da Lombardia. Em 572, Alboim foi assassinado a mando, ou pelas mãos, da própria mulher, Rosamunda, sendo sucedido por Kleph, que também foi assassinado dezoito meses mais tarde, o que levou à divisão dos lombardos entre 35 duques, ao regresso dos saxões para suas terras e à desestabilização de sua unidade política.

A origem dos francos é obscura, o que nos limita a estipular somente os locais que ocupavam, sendo eles as áreas da Bélgica atual indo em direção ao norte da Gália e a região do Reno. Possivelmente eram o reagrupamento de outros grupos como chamavos, brúcteros, ampsivarianos, catuários, catos, sicambrios, tencteros, usípetes, tubantes e batavos (Musset, *op. cit.*). Diferentemente dos outros grupos germânicos, eles não atacavam com frequência os *limes*, o que possivelmente criou uma realidade híbrida de assimilação da cultura romana, que culminou na formação do Império Romano-Germânico, tornando-os os mais poderosos dos povos teutônicos e que mais exerceram influência no mundo ocidental.

As informações apresentadas se atêm basicamente a uma descrição da histórica política. Contudo, seria possível diversos estudos como, por exemplo, a história da alimentação dos povos germânicos e como isso era expresso na linguagem, as relações de poder, os momentos de lazer, o papel da mulher nas sociedades germânicas, a influência da tradição oral, a literatura, dentre outros, assim como são abrangidos diversos temas na obra organizada por Peter Burke, *The social history of language*.

3.3.8 CONTRA-ARGUMENTOS

Apesar de as mudanças linguísticas (Tipos I e II) terem ocorrido de forma completa no sul da Alemanha, o que indicaria o ponto de partida das transformações conforme interpretações tradicionais, de acordo com Schrijver, é provável que a MCAA não tenha começado lá, pois não seria sociolinguisticamente plausível que as mudanças partissem de uma região que não possuía importância econômica e política e se espalhassem para a região do Reno (Dialectos III-V), onde estava o centro de poder. O mais plausível, de acordo com o autor, é que elas tenham se iniciado no Reno e na Lombardia, com formas incompletas que correspondem apenas aos ambientes linguísticos nos quais os romanos não conseguiam pronunciar corretamente os

fonemas, e depois se espalharam para as demais regiões. Temos, portanto, uma contradição entre evidências linguísticas e sociais. Onde as mutações completas indicam uma plausibilidade para o início das mudanças, não se encontra um ambiente social e politicamente favorável para a difusão da língua da região. Já nas regiões de maior poder, governadas pelos francos e lombardos, que tornam possível o espalhamento da mudança, as mutações não ocorreram de forma completa na língua. Schrijver busca resolver a questão com a aceitação de que as evidências sociolinguísticas são mais plausíveis: as mutações se iniciaram nos dialetos francônios e lombardos por influência da pronúncia latina e com a difusão desses povos, seus dialetos foram levados às demais regiões. Assim, alamanos e bávaros sofreram também influências de tais mudanças, e por estarem distantes do epicentro das inovações, acabaram não sendo constantemente influenciados pelos francos, o que causou a mudança completa em todos os ambientes fonéticos.

McColl Millar (2012) argumenta que, durante a Idade Média, as cidades de Estrasburgo, Trier, Koblenz e Colônia eram centros de poder sob o comando dos romanos com influência governamental e eclesiástica. Aos poucos a população romana desses locais passou a ser superada pelos germânicos, devido ao fim do Império Romano, ao mesmo tempo em que a Segunda Mutação Consonântica começava no sul e se espalhava pela região. Este argumento coincide em parte com a ideia de Schrijver e Venneman de que a MCAA foi ocasionada por um aprendizado imperfeito do alemão por falantes de latim. No entanto, McColl Millar, também partindo de uma explica o sócio-histórica, argumenta que os centros urbanos foram responsáveis por uma reten o de formas antigas devido a um maior senso de identidade, enquanto outras áreas foram adiante em completar as mudanças. Isso explica porque os dialetos da Renânia possuem formas arcaicas.

Estas explica es tangem somente o campo da fonética das línguas germânicas, não havendo men o   morfologia e aos fatores que foram relevantes para uma conserva o de um sistema de casos na morfologia do alemão e uma simplifica o nas demais línguas. Podemos afirmar somente que o alemão   uma língua morfologicamente conservadora em rela o às demais no que concerne   desinência de casos, contudo, em rela o   fonética   o contrário. O alemão passou por mais inova es sonoras enquanto o inglês e o holandês mantiveram formas mais próximas do proto-germânico. Ter conhecimento de como as mudanças fonéticas ocorreram juntamente com a organiza o sócio-histórica da língua já d  um maior direcionamento para a compreensão de como os sistemas morfológicos de cada dialeto foram afetados.

3.4 CONCLUSÃO

De acordo com a teoria defendida por Schrijver, as mudanças fonéticas e fonológicas do alemão ocorreram por influência do contato de germânicos com romanos nas regiões de fronteira do Império Romano. As evidências são o fato de tais mudanças terem ocorrido com mais força nas regiões de contato, não havendo diferenciação nas regiões mais distantes do norte e nas demais línguas germânicas. A equivalência de fonemas entre o latim do norte da Itália e os dialetos de tipo III e IV sugerem que tenha havido uma influência de pronúncia romana no alemão, que levou às mutações que os separaram das demais línguas germânicas e foram espalhadas devido à influência dos francos e lombardos. Contudo, essas explicações encontram contradições entre dados linguísticos e plausibilidades sócio-históricas.

Esta breve demonstração da história-social do alemão e das línguas germânicas abre espaço para um futuro estudo que possa responder como o meio social e outros fatores extralinguísticos podem ter exercido influência sobre a mudança estrutural da língua. Com o conhecimento das formas gramaticais antigas e da história local juntamente com os modos de vida dos povos, podemos traçar uma hipótese e checar a plausibilidade de os contatos linguísticos entre os escandinavos e os povos germânicos mais próximos ao litoral terem levado a uma modificação na morfologia e manutenção na fonologia, enquanto os germânicos do interior, mais próximos aos alpes passaram por um processo contrário de fonologia inovadora e morfologia conservadora. Este estudo demonstra uma preocupação mais abrangente com o que pode levar às mudanças linguísticas, pois em muitos casos, a observação de estruturas gramaticais nos permite apenas observar um fato pontual, comparando-os com mudanças já ocorridas que foram registradas e permitindo uma dedução por meio das mudanças já em curso e que demonstram uma tendência mais provável de ocorrer. O estudo da história-social das línguas nos permite deduzir e compreender porque algumas mudanças prosseguem e outras deixam de ocorrer, seja por impedimentos ou incentivos geográficos, ambientais, sociais, políticos, econômicos, culturais, ou o que mais se venha a considerar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a apresentação dos estudos de relações genéticas em oposição ou complementação aos estudos de contato, busquei estabelecer um ponto inicial para uma divisão epistemológica, tanto como um ponto de partida para o assunto quanto uma dedução de que aquela era uma representação mais concreta e palpável de tal divisão. Entretanto, percebi a limitação dessas questões, sendo elas apenas parte de um assunto mais complexo que serviram, todavia, para um insight inicial.

A partir deste fio condutor, também amparado pelos arquétipos das teorias da árvore genealógica e das ondas, meu pensamento se conduziu em busca de uma categorização, que, com as devidas e necessárias ressalvas, em diversos momentos levaram a uma relativização excessiva, embora da qual não possa fugir. As dificuldades notórias se apresentaram constantemente na tentativa de rotular autores conforme suas filosofias, ideologias e teorias em vertentes previamente construídas. Considero que os conflitos gerados por essas atividades sejam a parte valiosa do trabalho. A dúvida levantada é mais útil do que a certeza estagnada. De forma que considero que, ao fim, o objetivo maior da dissertação não seja propor uma divisão observável (e amplamente contestável) ou uma proposição complexa de autores em uma gama de pensamentos que possivelmente em essência possam estar enquadrados de um lado ou de outro, ao menos por enquanto. Acredito que, para o momento, sem uma palavra final, possamos vislumbrar a natureza conceitual de uma polarização, na qual podemos sugerir escolas de pensamento, ainda que não consigamos ser claros. Com esta afirmação, não estou dizendo que não se deva considerar as classificações. Pelo contrário, por mais voláteis que sejam, me ponho em defesa delas. Caso contrário, este trabalho não teria chegado onde chegou. Ao defender uma linha de pensamento chamada sócio-histórica, concordo com Faraco sobre a oposição de vertentes, indo adiante em nomeá-la para que um objeto que já estava criado se torne mais concreto e para que possamos falar dele com maior clareza. Esta criação de fronteiras é necessária para a escolha dos métodos e um aprofundamento dos estudos conforme a crença do pesquisador. No entanto, a percepção desta prática de escolha dos métodos me levou a uma consideração que acredito ser uma das entidades mais presentes na constante construção do pensamento e conseqüentemente na formação da ciência: o viés.

Numa observação do desenvolvimento da linguística, a ciência inevitavelmente veio se tornando complexa ao longo das últimas décadas. Esse conjunto de ideias que já não era monolítica nos tempos de Humboldt, chegou a um ponto de grandes especializações e diversificações nos tempos atuais. Passando pelas considerações psicológicas da linguagem,

pelo evolucionismo e pela negação da língua como um organismo vivo, lidamos com considerações sociais, estruturais, discursivas e inúmeras maneiras de se considerar o fenômeno da língua. Chegamos a um ponto em que é complexo considerar qual corrente é a principal e quais são menos apreciadas. Não descarto que seria possível um trabalho quantitativo e qualitativo em que se observassem da maneira mais objetiva os números de cadeiras abertas para uma ou outra abordagem no maior número de universidades pelo mundo, contando ainda com uma análise numérica da quantidade de publicações de artigos e teses com o objetivo de criar um panorama de tendências na linguística, já que na ciência se busca a objetividade. Seria um trabalho árduo, mas talvez logrável em tempos de extensa informatização do conhecimento.

Não descarto ainda um prosseguimento na pesquisa classificatória, com a possibilidade de se escrever um artigo em que haja uma categorização mais objetiva de autores e escolas com a seguinte proposta: seriam estabelecidos critérios nos quais os autores deveriam se encaixar como, por exemplo, *trata a língua como um organismo vivo* ou *considera a linguagem como algo desenvolvido na sociedade*. Os rótulos seriam desenvolvidos com base nas características básicas principais que se esperam de cada vertente, contudo também atentando para as mitologias das doutrinas e da coerência. O objetivo final não seria uma taxação categórica onde os autores se enquadram, mas apenas a formação de um quadro, que, dependendo do resultado, pode ser contestado ou defendido de forma mais qualitativa.

Chego à conclusão, portanto, de que a percepção é algo a ser considerado com um certo grau de importância. E que não seja tida como um ruído, um defeito a ser evitado, mas como mais um elemento que compõe e influencia o discurso científico. Um cientista ou pesquisador que se debruça sobre um determinado assunto, necessariamente se isola de várias outras questões, sendo humanamente impossível estar atento a todos os detalhes ou questões que vão além de suas considerações. Um estudante qualquer que venha a se dedicar aos estudos sociolinguísticos, encontrando significado e prazer na tarefa, lerá uma vasta bibliografia sobre sua área, o que o levará a acreditar que tudo aquilo faz bastante sentido e precisa ser conhecido pelos demais. “O futuro da linguística está nas considerações sociais, e uma vez descobertas, jamais poderão ser abandonadas”, ele poderia dizer. E como afirmou Meillet, como muitos outros, que o século XX era o século das ciências sociais, este mesmo século também foi da psicologia, da neurologia, da informática e de tantas outras orientações possíveis. Cada um se empenha naquilo que lhe chama a atenção e sobre suas obstinações. Cada um, inserido em seu grupo, cercado por seus pares, gera o seu viés. E assim, a ciência é formada, como um reflexo das formações humanas, tão complexas que apenas se compreendem por meio de abstrações

que muito se aproximam da arte (se não forem arte propriamente ditas). Uma interligação de redes de um mundo diverso que está aqui para ser descoberto enquanto houver uma mente que o possa pensar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Allgemeine deutsche Biographie & neue deutsche Biographie. Disponível em: <<http://www.deutsche-biographie.de>>. Acesso em: 30 jul. 2014

ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 293 p.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1961. 564 p.

BYNON, Theodora. **Historical linguistics.** Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1977.

CAMPBELL, Lyle. **Why Sir William Jones got it all wrong, or Jones' role in how to establish language families.** Studies in Basque and Historical Linguistics in Memory of R.L. Trask, ed. by Joseba Lakarra and José Ignacio Hualde, 245-64. Bilbao: Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea. 2007

COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 341 p.

COMRIE, B. (ed.) **The World's Major Languages.** 2nd ed. London and New York: Routledge. 2009.

CROWLEY, Terry. **An Introduction to Historical Linguistics.** 2nd ed.: Oxford University Press, 2004. 331p.

EISENBERG, Peter. **German.** In KÖNIG, Ekkehard/ van der AUWERA, Johan (eds.). **The Germanic Languages.** London/ New York. 1994.

FARACO, C.A. **Linguística histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas.** São paulo: Parábola Editorial, 2005. 214 p (Serie fundamentos; 78)

FOUGHT, John. **“The Reinvention of Hugo Schuchardt (review Article)”.** Language in Society 11.3 (1982): 419–436. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4167331?seq=1#page_scan_tab_contents> . Acesso em: abr. 2016

HASPELHMATH, Martin. **How hopeless is genealogical linguistics, and how advanced is areal linguistics?** Studies in Language 28:1. John Benjamins Publishing Company (2004), 209–223. Disponível em: <<http://wwwstaff.eva.mpg.de/~haspelmt/2004rev.pdf>> . Acesso em: jun. 2014

HERRGEN, Joachim: Artikel 182: **Dialektologie des Deutschen.** - In: Sylvain Auroux [u.a.] (Hg.): Geschichte der Sprachwissenschaften. Berlin, New York: de Gruyter (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft). 2001. p. 1513-1535. Hier: S. 1520-1525. <<http://www.diwa.info>> (Acesso em: jun. 2015)

_____. **The Digital Wenker Atlas (www.diwa.info): An online research tool for modern dialectology.** <www.raco.cat/index.php/Dialectologia> Acesso em: jun. 2015

HOCK, Hans Henrich. **Language History, Language Change, and Language Relationship: an Introduction to Historical and Comparative Linguistics.** Trends in linguistics 218. Berlin: Mouton de Gruyter. 588 p.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica.** 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. 607 p

KOERNER E.F.K. **Practicing linguistic historiography.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1989. Disponível em: < <http://site.ebrary.com/id/10509481?ppg=63>>. Acesso em 8 set. 2014

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 262 p.

LACAPRA, Dominick,. **Rethinking intellectual history: Texts, contexts, language.** Ithaca, New York: Cornell Univ Press, 1990. vi, 350 p.

LANGER, Nils, DAVIES, Steffan Davies & VANDERBUSCHE, Win. **Language and History, Linguistics and Historiography: Interdisciplinary Approaches.** Oxford: Peter Lang. 2001. Print.

LEHMANN, W.P. **A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics.** 1967. Disponível em: < <http://www.utexas.edu/>>. Acesso em: 15 mai. 2014

LOT, Ferdinand. **Fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média(o).** Lisboa: Ed 70, 1985. 455 p.

LUKES, Steven. **Emile durkheim: His life and work, a historical and critical study.** Stanford: Stanford University Press, [1972?]. xvii, 676 p.

MANDELBAUM, Maurice. **The History of Ideas, Intellectual History, and the History of Philosophy.** 1965. Disponível em: < <http://isites.harvard.edu/>>. Acesso em: Mai.2016

MCCOLL MILLAR, Robert. **Social History and Sociology of Language.** In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M./ CONDE-SILVESTRE, J. Camillo (eds.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics.** Malden, MA: John Wiley & Sons, 2012.

MARRA, D; MILANI, S. **Uma teoria social da lingua(gem) anunciada no limiar do século xx por antoine meillet.** Linha D'Água, n. 25 (2), p. 67-90, 2012. Disponível em: < www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/47715/51450 >. Acesso em: Mai.2016

MARTELOTTA, M.E. (Org.). **Manual de lingüística.** São Paulo: Contexto, 2009. 254 p.

MUSSET, Lucien. **Les invasions: Les vague germaniques.** 1. Ed. Presses Universitaires de France, 1965. 329 p.

NIELSEN, H. F. **The germanic languages. Origins and early dialectal interrelations.** Alabama: The University of Alabama Press, 1989. 177 p.

NOONAN, Michael. **Genetic classification and language contact**. In: HICKEY, Raymond. *The Handbook of Language Contact*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010. Print.

RICHARDS, R.J. **The Linguistic Creation of Man: Charles Darwin, August Schleicher, Ernst Haeckel, and the Missing Link in Nineteenth-Century Evolutionary Theory**. in *Experimenting in Tongues: Studies in Science and Language*, ed. Matthias Doerres (Stanford: Stanford University Press, 2002). Disponível em: <home.uchicago.edu/~rjr6/.../Schleicher-final.doc>. Acesso em: 21 jul. 2014

ROBERGE, Paul. **Contact and the History of Germanic Languages**. In: HICKEY, Raymond. *The Handbook of Language Contact*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. 203 p.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P.. **Entrevista com o prof. Antonio Nóvoa**. *Educ. Soc.* [online]. 2012, vol.33, n.119, pp. 633-645. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000200016>.

SCHLEICHER, A. **Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen**. Weimar: Hermann Böhlau, 1861. Disponível em: <<http://archive.org/>>. Acesso em: 15 mai. 2014

_____. **A Compendium of the Comparative Grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek and Latin Languages**. (Trad. Herbert Bendall), London, 1874

SCHMIDT, J. **Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen**. Weimar: Hermann Böhlau, 1872. 68 p.

SCHMIDT, Jürgen Erich. **Language and space: the linguistic dynamics approach**. In: Auer, Peter / Schmidt, Jürgen Erich (Hrsg.): *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and Methods (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft. 30.1). Berlin, New York: de Gruyter Mouton, 2010. 201–225 p. <www.regionalsprache.de> (Acesso em: jun. 2015)

SCHRIJVER, P. **Language Contact and the Origins of the Germanic Languages**. New York and London: Routledge, 2014. 235 p.

SCHUCHARDT, H. **Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker**. Berlin, Oppenheim, - IV, 1-39, 1885. Disponível em: <<http://schuchardt.uni-graz.at/>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. **On Sound Laws: Against the Neogrammarians**. (Trad. T. Vennemann, T. H. Wilbur), 1972. Disponível em: <<http://schuchardt.uni-graz.at/>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008. 206 p.

- SKINNER, Quentin. **Visões da política: sobre os métodos históricos**. Algés: Difel. 2005
- STAUB, Augustinus. **Hermann Paul, F. de Saussure e K. Buehler na linguística moderna**. Brasília, DF: Thesaurus, c1981. 100 p.
- STRATHERN, Paul. **Darwin e a evolução em 90 minutos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- THOMASON, Sarah. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2001. 310 p.
- THOMASON, Sarah G. & KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. University of California Press. Berkeley and Los Angeles. 1991
- URELAND, P. S., CLARKSON, I. **Scandinavian Language Contacts**. Cambridge University Press, 2009. 340 p.
- VENNEMMAN, Theo. **Lombards and Lautverschiebung: A Unified Account of the High Germanic Consonant Shift**. Sprachwissenschaft 33, 213-156. <www.academia.edu> Acesso em out. 2015.
- WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**; [trad.] Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems**. The Hague: Mouton, 1974. xii, 148 p.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.